Ano 2/Nº 19

LAMPIÃO da esquina

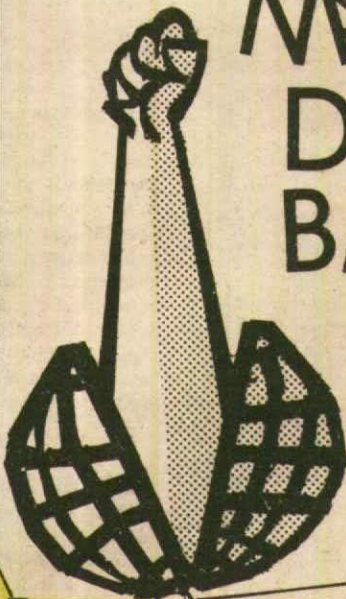
Rio de Janeiro, dezembro, 1979 — Cr$ 25,00

● Leitura para maiores de 18 anos

anistia apóia homossexuais

1980:

México, 1979: o povo guei nas ruas. Lá, como aqui, o começo dos anos 80

ANO INTERNACIONAL DAS BICHAS

Vítimas da OPRESSÃO SEXUAL agora são presos políticos

● Como era gostoso o meu torturador

Quanto vale o negro brasileiro?

● RIO GAY-TOUR

LAMPIÃO

Conselho Editorial — *Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.*

Coordenador de Edição — *Aguinaldo Silva.*

Colaboradores — *Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Míccolis, Luiz Carlos Lacerda, Mirna Grzich, Nelson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio); José Pires Barrozo Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélsio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).*

Correspondentes — *Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid); Addy (Londres); Celestino (Paris).*

Fotos — *Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schistini (São Paulo) e arquivo.*

Arte — *Paulo Sérgio Brito (diagramação), Mem de Sá, Dimitri Ribeiro, Patricio Bisso e Hildebrando Castro.*

Arte Final — *Edmilson Vieira da Costa.*

Publicidade — *Ward Omanguin Farias.*

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; C.G.C. (MF) 29529856/0001-30, Inscrição Estadual 81.547.113.

Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal, 41.031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S/A — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo: Paulino Carcanheti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Livraria Literarte; Florianópolis e Joinville: Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: J. Ghignone & Cia. Ltda.; Manaus: Stanley Whide; Vitória: Angelo V. Zurlo.

Assinatura anual (doze numeros): Cr$ 250,00. Número atrasado: Cr$ 30,00. Assinatura para o exterior: US$ 15,00.

Vamos rodar a baiana?

AOS PASSIONÁRIOS, profs. Dolres Ibarurri e Rosa Luxemburgo. Me deu um desespero quando terminei de ler a carta (Lampião nº 18) das **amigas enrustidas militantes-esquerdistas do Brasil-Mil. E se não escrevesse rapidinho ia acabar recebendo a rainha Vitória, e para uma bicha há poucas desgraças maiores. Marias passionárias, também tive um caso com uma loira. Ofereci para ela muito mais do que podia dar. Ela foi sempre muito generosa, pelo menos, enquanto beijava as suas mãos nodosas, enquanto me agarrava em suas vestes-vermelhas, enquanto me submetia, enquanto escondia a metade de mim e a ajudava a sufocar juntamente com a direita-fascista os meus companheiros. No dia em que quis reivindicar a vida da minha outra metade ouvi um seco não. E isto porque não estava reivindicando apenas as minhas coisas, mas as necessidades primeiras de toda a homossexualidade.**

Os meus ideais "exóticos" como a direita sempre os chamou, não morreram. Ainda creio na classe operária, no homem do campo; ainda consegui chorar no dia que assassinaram o operário Santo (sei que chorar não basta, mas todos choraram). Aprendi a odiar a miséria vivendo no meio dela. Ainda acredito que possamos viver com dignidade, e isto representa alimentação-moradia-educação-etc., decente para todos. Entretanto, só a questão econômica não bastará. E não será nos omitindo que conseguiremos fazer as lideranças e o povo entenderem as necessidades específicas dos vários grupos, que estão colocando questões que serão importantíssimas para a construção de uma sociedade mais digna do que as que temos visto nos dias de hoje.

O grande mal nosso (nosso porque nos omitimos) foi termos sempre iniciado as nossas lutas de cima para baixo. É o intelectual, o estudante, o profissional liberal e etc., falando em nome de uma situação que ele desconhece na prática, ou que aprendeu a conhecer por meio de livros. São os partidos, as organizações estudantis, etc., dando à massa programas prontos, acabados, emitidos entre quatro paredes e muitas vezes distantes das necessidades reais.

Em nosso grupo "Libertos-Guarulhos" temos muitos homossexuais, bichas, trichas e ninchas. A grande maioria são originários de classe baixa. Os comportamentos são variados. Há os que são conscientes e que têm propostas políticas. Existem aqueles que não conseguem exercer relação com o resto da sociedade. Há brancos racistas, negros racistas e o que é pior, negros racistas em relação à própria raça. Temos os que amam as "plumas" e daí para frente. O que não podemos, meus caros amigos, é sentarmos em cima do muro e ficarmos cobrando posição política do pessoal. De ficar cobrando segurança? Qual é a contribuição que vocês têm dado para ajudar estes homossexuais alienados (de que vocês falam) e mesmo a própria esquerda-conservadora a enxergar um pouco além dos narizes? Vocês já questionaram as suas próprias consciências? É muito cômodo ficar na posição de enrustido-bem-comportado, enquanto à nossa volta o barco caminha em direção contrária ao nosso pensamento, às nossas necessidades básicas.

Para ver como vocês estão tão viciados com o pensamento ortodoxo; questionam a que grupos internacionais o pessoal do Somos se identificam; acho que esta questão poderia ser substituída por outra muito mais democrática menos politicalesca, como por exemplo, "o trabalho que o CONJUNTO dos homossexuais pretendem realizar em que medida poderá contribuir para a construção de uma sociedade mais digna e mais justa?" Isto seria respondido hipoteticamente, pois estamos dando os primeiros passos e muita gente infelizmente ainda se omite. Chega de programas prontos, chega de paternalismo, chega de dirigismo. Recentemente ouvimos de um garoto da Convergência Socialista que iriam fazer uma reunião para dar diretrizes a um grupo homossexual que estava se organizando em seu seio. Logicamente que perguntei se os donos das diretrizes também tinham passado a dar a bunda, ou coisa do gênero.

Por que eles não colocam como temas de seus programas a defesa de nossa autonomia, a defesa da autonomia do movimento negro, das mulheres, das prostitutas, dos índios etc? Isto provavelmente fere dogmas que a maioria segue com cegueira absoluta. É preciso repensarmos a nossa posição em relação ao mundo. Dogmas acadêmicos não nos ajudarão em nada. Se ficarmos arrumando desculpas, como a preocupação com as "plumas" das bichas, nunca conseguiremos nos desalienarmos. Não se esqueçam que a "sagrada família" está tão viva nos EUA, como na URSS, como na China, ou na atrevida Albânia. Infelizmente a sociedade machista é dona do mundo. E esta situação não sofrerá mudança enquanto não partirmos para a ação. É iniciando o diálogo com pessoas iguais à gente, será desenferrujando a mente dos nossos amigos mais próximos, formando grupos de atuação nas regiões onde moramos, ou então nos aliando a algum grupo já formado que conseguiremos ser respeitados. Há um trabalho difícil, árduo a ser realizado por todos. Amigas passionárias, rompam com as correntes da miseria e da opressão, rodem um pouquinho as suas baianas, que isto não tem matado bicha nenhuma, ao contrário tem nos ajudado a crescer. (Oswaldo Isidoro — Grupo Libertos, Guarulhos)

Os que estão conosco

Durante os doze meses de duração do inquérito contra este jornal, sinais de solidariedade foram captados, emitidos de todas as direções. O mais evidente de todos veio de São Paulo, onde o pessoal do Grupo Somos criou um Comitê de Defesa do Jornal Lampião, cuja primeira tarefa foi elaborar um manifesto de apoio ao jornal, para o qual seriam angariadas assinaturas de pessoas ilustres. O inquérito foi arquivado quando a coleta de assinaturas ia a meio; e pessoas ilustres dispostas a fechar com LAMPIÃO, é que não faltaram para assinar o manifesto. Para que nossos leitores saibam quem está conosco, publicamos aqui o manifesto e a lista de assinaturas, lembrando que esta seria bem mais longa se o inquérito não tivesse terminado.

"AO ILMO. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA. **PELA DEFESA DA IMPRENSA ALTERNATIVA.** O Jornal LAMPIÃO DA ESQUINA, dedicado às questões dos setores oprimidos: homossexuais, mulheres, negros, índios, além do problema ecológico; é mais um órgão da imprensa alternativa que vem sofrendo agressões oficiais, através das medidas estratégicas previstas no documento do CIEX) Centro de Informações do Exército), publicado no jornal O Estado de São Paulo de 18/04/79, onde era traçado um plano de como eliminar a imprensa nanica através de pressões econômicas, "sem atingir a liberdade de pensamento". Um dos itens do documento reza: "Dentro da imprensa nanica vem crescendo ultimamente um da chamada "imprensa gay", que se dispõe a defender as atitudes homossexuais como atos normais da vida humana. E é dentro desta visão que os seus diretores estão sendo acusados através da Lei de Imprensa, por crime de "atentado à moral e aos bons costumes" enquanto no mês de julho os livros contábeis do jornal foram requisitados para fiscalização, pela Polícia Federal.

"Nós abaixo assinados, entendemos estes atos oficiais como uma tentativa de castrar o diálogo sobre os setores oprimidos "minoritários" que se faz necessário e urgente dentro de nosso país, bem como repudiamos todas as atividades de coerção e repressão ao direito de existência e manifestação da imprensa alternativa".

(aa) Clarice Herzog — Plínio Marcos — Luiz Gonzaga Jr. — Alberto Guzik — Ivan Lins — Flávio Aguiar — Leyla Perrone Moisés — João Alexandre Barbosa — Antônio Cândido de Mello e Souza — Alfredo Bozi — Davi Arrigucci Jr. — Walnice Nogueira Galvão — Teresa Pires Vara — Paul Singer — Heloísa Fernandes — Maria Sylvia Franco — José Arthur Giannotti — José Álvaro Moisés — Ruth Corrêa Cardoso — Fernando Henrique Cardoso — Paulo Henrique Cardoso — Luiz Roberto Cardoso de Oliveira — Maria Josefina Cardoso de Oliveira — Yara de Homoway — Lúcio Kowarick — Maria Teresa Sadek — Leôncio Martins Rodrigues — Eunice R. Durham — Maria Lúcia Montes — M. Manoela Carneiro da Cunha — José A. Guilhon Albuquerque — Octávio Ianni — Francisco C. Weffort — José de Souza Martins — Cândido Procópio F. Camargo — Vinicius C. Brant — Gabriel Cohn — Nicete Bruno — Paulo Goulart — Paulo Kein — Fernando Torres — Fernando Montenegro — David José — Ester Góes — Nilda Maria — José Celso Martinez Corrêa — Cacilda Lanuza — Juliana Carneiro da Cunha — Sônia Mota — Tato Fischer — Roberto Piva — Altair Lima — Júlio Vilan — Paulo Villaça — Dercy Gonçalves — Bruna Lombardi — Carlos Alberto Riccelli — Fauzi Arap — Pedro Si Agnero — Fernando Peixoto — Ruth Escobar — Juan Oviedo — Luiz H. Galante — Antônio Maschio — Assunta Perez — João José Pompeu — Rafael de Carvalho — Consuelo Leandro — Ismael Ivo — Raul Raschou — Ruth Raschou — Marilene Ansaldi — Leilah Assunção — Ruthinéa de Moraes — Yolanda Cardoso — José Roberto Freitas — Sônia Loureiro — Imara Reis — Denise del Vecchio — Cláudia Mello — Eugênia de Domênico — Roberto Farina — Irene Ravache — Jacob Klintowitz — Renina Katz — Carlos Ricardo da Silva — Jornal "Em Tempo" — Jornal "Convergência Socialista" — Mário Sérgio Conti — Raimundo Rodrigues Pereira — Jornal "Versus" — Hélio Goldsztejn — Sindicato dos Jornalistas de São Paulo — Sindicato dos Bancários de São Paulo — APEOESP — AGRAF — Júlio Tavares — José Adão de Oliveira — Amílton Monteiro — Fernando Morais — Sérgio Santos — João Batista Breda — Franco Baruselli — Mauro Brosato — Eduardo Matarazzo Suplicy — André Bonassi — Rubens Larz — Geraldo Siqueira Filho — Aírton Soares — Wanderley Macris — Almir Pazzionotto Pinto — Goro Hama — Marcos Aurélio Ribeiro — Márcia Porto Pimentel — Maria Cristina de Azevedo Róseo — Maria Aparecida Pinto Silva — José Augusto de Camargo Júnior — Isabel Blemel — Rita de Cássia Vilares — Rodolfo Bontuni — Antônio Carlos Pimentel — Olivio Tavares de Araújo — Celso Nunes — Regina Braga — Maria Bonomi — Cláudio Abramo — Rahdá Abramo.

No México, a vez dos "jotos" e "lesbianas"

Dia 26 de junho, quando se celebrou o Dia Mundial do Orgulho Guei, foi realizada no México a maior manifestação de homossexuais até hoje registrada na América Latina. Mais de 800 pessoas acudiram ao chamado da FHAR, do grupo Lambda e das Lésbicas Feministas-Socialistas, para protestar contra a repressão de que são objeto em seu país.

Um ano antes, apenas uns 30 gueis mexicanos saíra às ruas pela mesma razão, mas, naquele momento, as possibilidades eram muito mais limitadas. Nos 12 meses que se passaram houve algumas mudanças de real importância: os primeiros grupos de homossexuais começam a se organizar (fizeram manifestações diante das embaixadas do Brasil, contra a repressão ao "Lampião"; do Irã, contra o fuzilamento de homossexuais pelos fanáticos de Khomeini). Neste momento os grupos FHAR e Lambda têm vários núcleos ativistas e podem mobilizar várias centenas de gueis no caso de uma situação o requerer.

O êxito inesperado da manifestação se explica principalmente pelas mudanças ocorridas no clima político mexicano. O governo tenta, a partir de 1978 neutralizar a oposição, cada dia mais forte, lançando uma "democratização limitada", que termina onde o partido governamental pode perder o controle político no país. Pela primeira vez, o governo aceitou partidos de oposição autênticos inclusive o comunista. Aproveitando esta "nova liberdade", formam-se no início de 78 Lambda e FHAR, organizações de tipo revolucionário e anticapitalista, para combater o que chama de "machismo exacerbado" por parte da "ditadura democrática" que as governa.

Até o momento a polícia recorreu, para apoiar suas ações repressivas (sujas e, naturalmente, ilegais), a colaboradores bem dispostos e complacentes, como a imprensa sensacionalista. Semanários como "Alarma" e "Alerta", com uma tiragem de um milhão de exemplares, publicam quase todas as semanas e com grande alarde, fotos de homossexuais, vítimas da selvagem e arbitrária repressão que são conseguidas sempre com a ajuda da polícia. Mas acontece que este é apenas o lado mórbido do problema. Sendo a corrupção parte da vida cotidiana do México, não é de estranhar saber que a polícia está mais interessada na extorção, para arrancar dinheiro e deixar os gueis em liberdade, do que em metê-los no xadrez, o que é totalmente ilegal, pois as leis mexicanas não reprimem a homossexualidade. Se uma bicha se recusar a pagar, pode estar certa de que vai encontrar sua foto num desses jornais. Mas como ninguém tem interesse em que isto aconteça, quase sempre pagam. O problema é mais sério para os gueis pobres, que suportam todo o peso da repressão e que, não podendo pagar, passam duas ou três semanas em prisões especiais. Apesar do processo da democratização de que falamos antes, a polícia não modificou suas práticas ilegais. Isso se deve à autonomia que tem em relação ao governo.

Desde que a imprensa alternativa fala desses atos ilegais e, depois que uma parte da opinião pública não condena mais a homossexualidade como tal, a polícia encontrará cada vez mais dificuldades para continuar na sua ação ilegal. Mas esse processo se desenvolve muito lentamente. E enquanto isso a imprensa continua a informar sobre a repressão contra os gueis: batidas em bares e saunas se repetem a cada dois ou três meses. A última e mais espetacular aconteceu há alguns meses quando cerca de 100 gueis foram presos num bar da Cidade do México. Duas semanas antes, quatro homossexuais, todos menores, foram encontrados assassinados. Todos os anos, segundo Juan Jacobo Hernandez, da FHAR mexicana, 80 homossexuais são assassinados e seus assassinos nunca são encontrados. (**Anton Leicht**. Fotos: **Nestor Perkal**).

O ovo enorme da serpente

No mais recente filme de Ingmar Bergman visto no Brasil, "O Ovo da Serpente", há uma cena em que uma tropa nazista invade com extrema violência um cabaré onde se apresentam vedetes e travestis e o destrói, agredindo seus freqüentadores, tudo isso em nome da nova "moralidade" que começava a se instaurar na Alemanha. Bergman mostra bem, nesta cena, a inversão de valores,ou seja, como seres absolutamente inofensivos podem passar por vilões enquanto os verdadeiros bandidos se travestem de heróis — a agressão chocante e impiedosa dos solvados nazistas é que é realmente a configuração do mal. Mais adiante, no filme de Liliana Cavani, "O Porteiro da Noite", pode-se ver qual era essa nova moralidade nazista.

Agora nos Estados Unidos, vendo aproximar-se as eleições, alguns políticos, como sempre, espertamente se voltam para o seu grande eleitorado, já que o puritanismo hipócrita da classe média americana continua sendo lá a grande arma para a conquista do poder por meio de votos. Todo candidato a cargo público quer demonstrar-se um pai de família exemplar, um marido dedicado, homem impoluto e um caráter sem jaça (haja saco, não é, Amy Carter?).

Daí se repetem manobras idênticas às dos nazistas (e o que são manobras idênticas às dos nazistas senão manobras nazistas). A pornografia é sempre um dos alvos favoritos, daí até a razão da sua manutenção; ela precisa existir para ser alvo de todos os ataques e ser acusada de fonte de todos os males que afligem a humanidade. Na realidade, pobre coitada, a despeito de toda a sua cara feia, não passa de um bode expiatório de interesses muito mais imundos do que a pior das imundices que ela possa expor. Diz o JB de 31 de outubro, com destaque, que a pornografia americana rende 4 bilhões de dólares anuais (cifra respeitável), mas claro que isso somando-se todas as firmas do ramo. Seria interessante saber-se para uma comparação, quanto rende por ano a mais modesta das multinacionais, computando-se todos os seus interesses no exterior.

O próprio presidente Carter, no início de seu mandato, chegou a dirigir ameaças à revista "Screw", uma das pornôs mais fortes dos EUA, e isso motivou o protesto de inúmeros intelectuais (como Woddy Allen, entre outros) que consideraram tal ato um perigoso precedente contra a liberdade de expressão.

Se a pornografia americana, para o ponto de vista de alguns, anda cometendo excessos, isto se deve ao sistema democrático americano, que tudo permite, partindo da premissa de que o povo americano é suficientemente amadurecido para discernir o que lhe serve do que lhe é pernicioso, sem precisar de tutelas, por isso a pornografia americana está em toda parte, como diz o JB, seja nas porno shops, nas bancas ou mesmo nos supermercados e lojas de departamentos. (A censura americana é apenas por faixa etária e só passou a existir no mandato de Nixon). Embora ressaltando-se que pornografia é sinônimo de fantasia, não cabe aqui nem sequer julgar o seu conteúdo (em diversos países a pornografia foi liberada pelo governo, desde a Dinamarca — o primeiro país a liberá-la, ainda na década de 50 — até a Holanda, via Japão) mas tão-somente esclarecer que as leis americanas asseguram a qualquer cidadão a proteção à sua privacidade. Da mesma forma que qualquer pessoa tem o direito, desde que solicite, de receber em sua casa todo tipo de pornografia, a simples acusação de haver recebido este mesmo material (mesmo que sejam amostras) sem que o haja solicitado já é suficiente para que haja processo contra a firma infratora e consequente indenização.

Enquanto correm estas polêmicas enriquecedoras e muito próprias de um regime democrático, o mais importante é que a democracia norte-americana continua considerando que cada cidadão americano, estando acima de determinado limite de idade, é dono do seu próprio narizinho, estando livre para optar, opinar, decidir, escolher o que melhor lhe convier, inclusive o Presidente da República. (**Paulo Sérgio Pestana**)

Os fuzís da Srª Pacheco

É só uma palinha pra quem gosta de teatro: não se deve perder **Os Fuzís da Senhora Carrar**, de Bertolt Brecht, sob a direção de Tânia Pacheco, no teatro da Casa do Estudante Universitário (Av. Rui Barbosa, 762, Rio). O espetáculo tem música e sonoplastia de Nélson Guerchon, programação visual de Adriano de Qauino e Germano Blum e um elenco de gente jovem mas cheia de garra. Tânia, a diretora, é chapinha aqui da casa, e como vocês sabem, o lema do LAMPIÃO sempre foi: "aos amigos, tudo!"

Vem aí "História de Amor" da Esquina

RIO DE JANEIRO (1)

Notícia de jornal: "O Sr. Jorge Ramos Crispim esteve em nossa redação reclamando de uma multa que lhe aplicaram na gare da estação D. Pedro II pelos agentes de segurança da Rede Ferroviária Federal. O queixoso disse que nada fez de mal, a não ser uma simples entrada no reservado para homens. Em contato com a assessoria de relações públicas da RFF, fomos informados de que Jorge Ramos Crispim é conhecido "paquerador de banheiros", já acostumado a importunar os frequentadores daquela dependência. Como o Regulamento Geral de Transportes, que tem fundamento e respaldo legal em seu artigo 182 item 17, letra C, impõe uma multa de Cr$ 105,00, tirada contra recibo, ele foi multado." (jornal O Dia, 3.11.79)

Rio Gay-Tour: Este não pretende ser um roteiro definitivo, mesmo porque, nesta cidade que parece estar saindo de um bombardeio, é tudo muito provisório. De qualquer modo, trata-se de um roteiro para as férias dos entendidos em geral e das mais atacadas em particular nesta cidade maravilhosa que é também Ma-ra-vi-lho-sa, com uma advertência: dia de muito, véspera de muito pouco.

O cineminha nada inocente — Isto mesmo, estamos aplaudindo a organização Luiz Severiano Ribeiro como promotora de animadíssimas reuniões em suas salas de espetáculos e tambem em seus luxuosos toaletes, nos quais não faltam comodidades para quem gosta de retocar a maquilagem. **Rex**, à rua Álvaro Alvim, do lado do Teatro Rival; **Iris**, à rua da Carioca (a escadaria **art-nouveau** é uma tentação); **São José**, na Praça Tiradentes, sede também da Gueifieira; **Marrocos**, rua D. Pedro II, ao lado da Praça Tiradentes; **Roxy**, rua Bolívar, esquina de Copacabana; **Copacabana**, à Avenida Copacabana, quase em frente à rua Dias da Rocha; **Vitória**, à rua Senador Dantas, esquina com Evaristo da Veiga.

(Apesar de inesquecíveis **love affairs** iniciados nestes endereços, tem pintado sujeira no lance: supostos policiais querendo acompanhar os mais atrevidos até o distrito, à guisa de atentado ao pudor público; a história termina sempre com uma transferência monetária do bolso do trouxa para o do espertalhão. Os de vanguarda que nos desculpem, mas para nós isto não é redistribuição de renda não, viu? Tem pintado assalto também, e sem disfarces de atentado a pudores. Portanto, vamos à luta pelo prazer, mas todos preparados.)

Mente sã em corpo são — viva a sauna: **Caracala**, à Praça Saens Peña, provando que a Tijuca não é mais aquela; **Aryo** e **Termas Flamengo**, ambas na Corrêa Dutra, e sem o desfile de modas (ou de toalhas?) que caracteriza as Termas **Leblon** (rua Carlos Goes) e **Ipanema** (rua Barão de Jaguaripe), onde os frequentadores do Sótão costumam ir tomar o chá das cinco. **Unycus**, de nome bastante suspeito, mas com um relax coberto de trevas e povoado por muitos fantasmas eróticos. À rua Buarque de Macedo, no Flamengo.

A praça é nossa: Santa Burle Marx povoou o **Aterro do Flamengo** de amendoeiras, mas não protege os devotos que lá vão. Os PMs que lá dão guarda às vezes andam com uns cães pastores treinados para arrancar a dentadas a parte mas em evidência nas bichas, ou seja, as nádegas. A **Cinelândia** é pegar ou largar. A parte mais tranquila da pegação ou da largação fica diante do Teatro Municipal (atrás deste há uma rua escura na qual os solistas costumam executar concertos de trombone de vara). **Via Apia**, perto da Praça Quinze — entre as ruas Alfredo Agache, Santa Luzia e o fatídico Largo da Misericórdia; pegação com muito carro, algum carro, nenhum carro, algum carro, nenhum carro e, **last but not least**, de carrão (corre, que lá vem os home!). **Buraco da Maysa,** ligando as ruas Nilo Peçanha e Almirante Barroso; dizem que a partir de 22 horas todo o mundo dentro do buraco é guei. Isso, talvez, não seja válido para os ocupantes dos carros da polícia, que costumam aparecer por lá.

E ainda: a **Praça Tiradentes** — para quem se amarra num travesti, o ambiente só perde para a paquera da Avenida Beira Mar, entre o Passeio Público e a rua Joaquim Silva; **Saens Peña** — um papo no memorável Café Palheta pode render prazeres inacreditáveis. Mas devagar com o andor, que estamos na Tijuca, único bairro carioca onde a Arena ganha do MDB; **Shopping Center Madureira** — A moçada é de primeira, mas o assunto tem de ser devagar, nada de escancaro, ouviu? O negócio é fazer de conta que está olhando as vitrinas. **Avenida Copacabana**, entre a Galeria Alaska e a rua Santa Clara, onde funciona o bichódromo oficial da Zona Sul. Mas tenham cuidado com as carteiras, queridinhas, pois tem assaltante falando até espanhol (Que viva Peron!)

Bares & bares — Pega-se em qualquer um, no Rio, mas há alguns mais tradicionais. No centro, o **Amarelinho**, atualmente muito prejudicado pelos garçons mafiosos, que costumam servir linguiça podre como se fosse manjá; o **Bar do Lado** (do Amarelinho), bem mais agradável, inclusive porque os garçons recebem ordens para namorar os fregueses; o **Simpatia**, na Avenida Rio Branco, com banheiros que já serviram a várias gerações; o **Acapulco** (Avenida Atlântica, esquina com Francisco Sá), o **Rio Jerez** (Galeria Alaska) e muitos outros. Um capítulo à parte: o **The Club** (rua Cristiano Lacorte, 54), que reúne o Senado guei do **tout** Rio.

Dance, baby: just do it — O bundalelê está oficialmente estabelecido como a atividade homossexual mais moderninha. O **Sótão** ainda é a melhor das discoteques, embora suas freqüentadoras passem a noite inteira de nariz pro alto, tentando ver um disco voador em cima do telhado; fica na inefável Gafieira Alaska. A **Gaivota** fica na Barra, numa rua cujo nome ninguém sabe, mas o caminho qualquer guei informa. É o mais interessante de todos os lugares, por ser misto (tem até um dia, às quintas-feiras, em que só entra mulher). O **266 West** sofreu um baixo, mas agora está a mil, outra vez, sob a direção da **gay-hostess** Glorinha Pereira (Avenida Copacabana, 266); o Manolo continua simpático, 15 anos depois, no **La Cueva** (Rua Miguel Lemos, esquina de Rua Cristiano Lacorte); o **Zig-Zag** agita bem na Bartolomeu Mitre (Leblon), e o **Le Luar** (Galeria do Cinema II, Posto Seis, Copacabana) tem muito michê, o que, se é ruim para uns, é bom para outros.

É sol, é sal, é sul: muito creme de bronzear e toalhas de dois metros por dois metros, que o verão está aí. A **bolsa de valores**, frente ao Copacabana Palace, continua a mesma: a água é de paetês, a areia é de veludo, e as barracas são do mais puro lamê. Mas tem uma moçada dissidente, que anda experimentando com sucesso as areias menos pintosas de Ipanema, em frente à **Farme de Amoedo.** E, pra quem acha que o orgasmo é um ato político, o quente é ficar em frente ao **Ipanema Sol Hotel**, onde, se você tiver sorte, poderá ver Fernando Gabeira, pessoa mais gostosa do Rio atualmente, com sua famosa tanga de crochê.

Hotel, o mal necessário: em troca de alguma segurança, pouco conforto e higiene. O preço? Até **duas pernas**, como costumam dizer os espanhóis da portaria, sem direito a dormir. **Hostal** (Rua Gomes Freire, quase esquina de Visconde de Rio Branco); **Pepe** (vizinho do Hostal); **Alvite** (Gomes Freire, entre Senado e Relação); **Melo-Dia** (Gomes Freire, quase esquina da Constituição); **Londrina** (Rua do Senado, quase esquina com Inválidos); **Vinte de Abril** (na rua do mesmo nome, ao lado da Escola de Teatro Martins Pena as tímidas costumam parar à porta da escola, antes de entrar no hotel, fingindo que são alunas da mesma). Alguns motéis da Barra permitem a entrada de casais homossexuais, durante a semana, quando o movimento hetero é menor: **Playboy, Holiday, Serramar, Mayflower, Scorpio** (de longe você já vê os anúncios luminosos).

Eventos mil: às quintas-feiras, o Elite, sob a batuca de Mário Vale; às sextas e sábados, **Gueifieiras Palace**, com Luizinho Garcia e suas atraçõe louquérrimas (às sextas-feiras pinta sempre um cantor, promoção do lampião Adão Acosta); ensaios de escolas de samba, blocos, etc... tudo isso é coisa imperdível.

As providências pra quem vai à luta: não basta caprichar no visual e no perfume, pessoal. Recomendamos a quem adepto de aventuras noturnas que ande sempre com carteira de identidade, carteira profissional (assinada é claro) ou cartão de autônomo, contracheque no caso dos assalariados, e apenas o dinheiro essencial indispensável — nada do salário do mês dentro do carteirão não, viu? (**Eduardo, Reinaldo e Marquinho.** Somos/RJ)

RIO DE JANEIRO (2)

A noite carioca está tão ruim para as moçoilas (casadoiras ou não) que é mais fácil se fazer um "anti-roteiro", denunciando arbitrariedades e dizendo onde elas NÃO devem ir. Comecemos pelas discotecas. Com raras exceções, todas cobram mais caro para as mulheres. Pasmem, mas é isso mesmo. Por quê? Alegam que a mulher é mais agressiva do que o homem, criando mais encrencas, causando mais brigas. Dizem também que a própria maioria dos homens homossexuais não vê com bons olhos a entrada do sexo oposto no seu ambiente: "Ih, mas agora já tem mulher aqui dentro, é?".

As duas generalizações têm, em comum, o alto grau de machismo preconceituoso também por parte dos gerentes, que, na verdade, preferem agradar à clientela masculina (em geral com maior poder econômico do que as mulheres). Pode ser uma teoria minha meio fantástica, mas o maior número de brigas entre garotas se dá naquelas discotecas em que elas são mais exploradas, pagando além do devido. Coincidência ou a discriminação gera maior agressão?

O **Zig-Zag** deixa os homens entrarem de graça nos dias de semana e no domingo, mas faz as mulheres pagarem para dançar. No **266 West** não há mulher. Nenhuma. O ambiente é exclusivamente para homens. O **Sótão** é mestre em atos discriminatórios: cobra o dobro das mulheres para entrarem. E não é só mulher não. Já vi amigos meus, negros, terem de pagar enquanto os brancos entravam de graça.

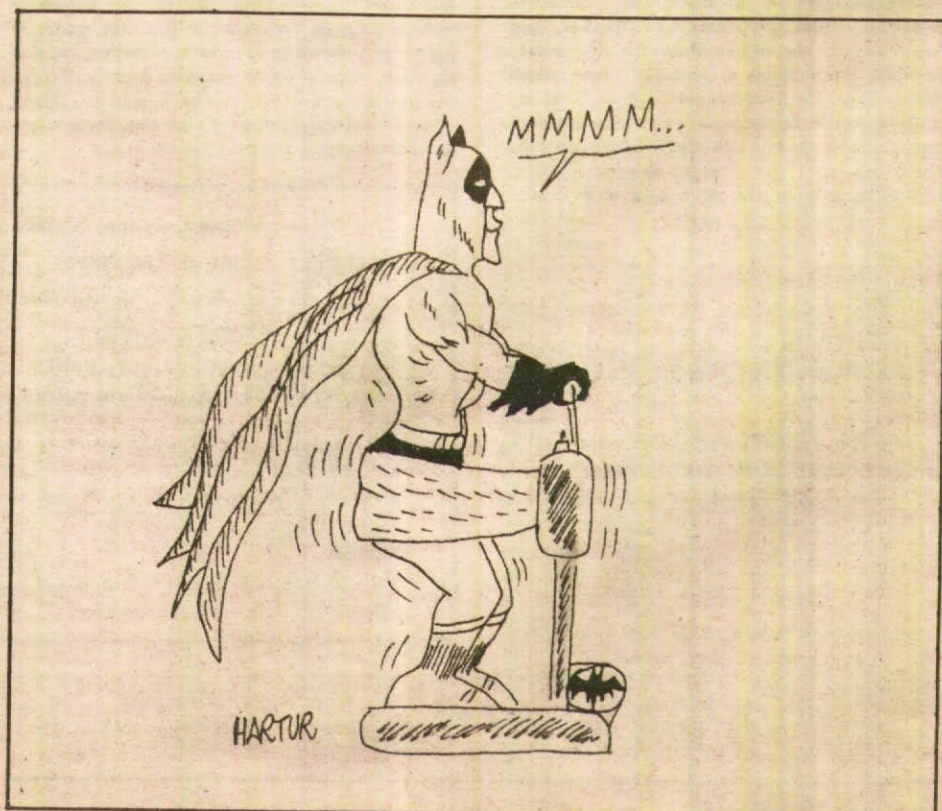
Há duas exceções. A primeira delas é o **Gaivota**, da Barra, onde os sócios — Alemão e Alfredo — são corretos e atenciosos com todo mundo. É Alfredo quem informa que na quinta-feira acontece lá o "Clube da Luluzinha", onde "homem não entra"... E, no domingo, começará a funcionar o "Clube do Bolinha". Gaivota está fechada de segunda a quarta, mas a partir de quinta a coisa ferve. As brigas são raríssimas e não têm a dimensão das do Zig, onde você se arrisca, fácil-fácil, a ser cortado por uma garrafa voadora.

Há também o **Big Al's** (na Francisco Sá), mais conhecida como Alfredão. É uma discoteca para mulher, e a maioria da freqüência é constituída de sapatões, menininhas fortes e casais com o estereótipo macho-fêmea. Fica a indicação a quem possa interessar, ou seja, a quem não ligar para essas dicotomias cotidianas... E anotem: **Fernanda's**, discoteca na Tijuca exclusivamente para mulheres, fechou.

Quanto aos bares, a situação também anda crítica, calamitosa, periculosa, numa de horror: até há alguns meses atrás o **Pizzaiolo** (na Montenegro) abrigava todas aquelas menininhas maravilhosas. Agora, mudando de orientação, passou a não servir pares homossexuais, e a pedir mesmo que se retirem (o clima é de típico filme de terror, a começar pelas caras de vampiro e pelos maus-modos dos garções). Resultado: o bar que fervilhava de gente, agora anda às moscas, mesmo nos fins de semana. Tomara que morra e que nenhum casal hétero libertário seja cúmplice da "regeneração" do Pizzaiolo, que confunde repressão com ambiente familiar.

Mas a moda está pegando: no **Acapulco** as meninas que vão ao banheiro são advertidas pelo garçom para não se demorarem "lá dentro". No caso dos homens, entra um dos empregados, para constatar se as instalações sanitárias estão sendo corretamente utilizadas... Outro dia, no próprio **El Faro**, nosso grupo foi pessimamente servido e praticamente enxotado, porque havia amigos que estavam se agarrando na parte que fica do lado de fora do bar, atentem bem, em plena via pública. Isso ao lado da Galeria Alaska é altamente ridículo. E trágico.

Não me perguntem onde o mulherio se reúne, porque a maioria dos motéis não permitem homossexuais (a não ser que vocês entrem como casais tradicionais e lá dentro troquem de par...). O mais prático é ir só naqueles em que você pega o carro e entra direto, sem passar pela portaria. Mas quem não tem fom-fom, dirija-se (ai!) ao hotel São Jorge, na rua Monte Alegre, esquina com Riachuelo. Há, inclusive, apartamentos com luz negra. Falem com a gerente Isabel — donzelas, madames, cavalheiros —, e tudo bem.

Pois é, gente, a que ponto chegamos, né? As mulheres, mesmo pagando, ainda encontram problemas complementares de aceitação no próprio meio. Todas nós conhecemos na própria pele ou através de casos a imensa discriminação (e ainda se fala em emancipação feminina. Há-há-há...). O que é que se pode fazer para mudar isso? Mas nem tudo são espinhos, vale de lágrimas ou ranger de dentes. O que vale é que carnaval vem aí e quem viajar pro Rio, a partir de dezembro, encontrará a pedida mais quente nos pré-carnavalescos do S. José (Praça Tiradentes), onde tem muita mulher da pesada brincando, num ambiente sem sofisticações, mas muito animado. Uma boa. Garanto que vocês não se sentirão sozinhas. Além do mais, a gente se encontra lá, sem falta. Combinado assim? (**Leila Miccolis**).

Anistia apóia homossexuais

Durante o 12º Conselho Internacional da Anistia Internacional, realizado em Louvain, Bélgica, com a presença de representantes de 44 países (O Brasil estava lá, é claro), a AI finalmente decidiu adotar uma posição quanto à repressão aos homossexuais. Eis o que diz sobre o assunto o Amnesty International Newsletter, **órgão oficial daquela entidade:**

"Sobre a questão da atitude que a organização deve tomar em relação a pessoas presas por serem homossexuais, o Conselho decidiu que qualquer um feito prisioneiro por advogar a causa homossexual deve ser considerado como um prisioneiro de consciência. Nos casos em que a homossexualidade venha a ser tomada como um pretexto para prender pessoas por suas crenças, a Anistia Internacional poderá adotá-las como prisioneiros de consciência".

E o que são prisioneiros de consciência? **O mesmo boletim da AI também apresenta uma definição:**

"O Conselho definiu o "prisioneiro de consciência" como qualquer um aprisionado, detido ou restringido fisicamente de qualquer modo por razão de suas crenças políticas, religiosas ou outras, ou por razão de sua origem étnica, sexo, cor ou língua, desde que não tenha usado ou advogado a violência".

Para nós, homossexuais e brasileiros, isto significa basicamente o seguinte: cada vez que os camburões da polícia carioca, por exemplo, estacionam diante do cinema Iris e prendem indiscriminadamente todos os homossexuais que saem de lá, o que está ocorrendo, aos olhos da Anistia Internacional, é a figura da prisão política — "nos casos em que a homossexualidade venha a ser tomada como um pretexto para prender pessoas...", etc...

Essa decisão da anistia vem em boa hora: a meio de uma campanha, iniciada por pessoas progressistas em nosso país, com o objetivo de tornar realmente ampla a luta pela anistia, levando-a a englobar os presos anônimos do sistema — os que são encarcerados porque são pobres, feios, negros, porque adotam comportamentos que se afastam dos padrões convencionais, porque, em matéria de sexo, admitem que este pode ser praticado tendo em vista o prazer e não apenas a reprodução. A questão dos homossexuais interessa mais de perto a nós que circulamos em torno de LAMPIÃO, mas não é a mais importante nesta luta, é claro; para que se tenha uma idéia: enquanto os vários movimentos brasileiros pela anistia se articulavam numa campanha destinada a arrancar das prisões um grupo de membros de classe média, dezenas de pessoas marginalizadas continuavam a ser executadas, todas as semanas, pelos vários grupos de extermínio da Baixada Fluminense — cuja função é matar pessoas pobres e negras —, sem que isso provocasse qualquer tipo de reação nos participantes daqueles movimentos.

A questão é: que atitude costumam adotar os vários movimentos brasileiros pela anistia diante das prisões indiscriminadas de homossexuais? Parece-nos que nenhuma — a tendência é passar diante do cinema Iris e achar muito natural que lá estejam os "camburões" à espera de suas presas. A decisão da AI pode ajudar a quebrar essa indiferença. Infelizmente, não nos foi possível ouvir pessoas credenciadas sobre o assunto — todos os que costumam falar em nome desses movimentos se deslocaram para Salvador, quando estávamos fechando este número de LAMPIÃO; lá, participariam de um congresso sobre a anistia deles, para nós tão restrita quanto a que o governo lhes concedeu.

Anistia realmente ampla, geral e irrestrita: não aquela destinada a beneficiar apenas os diletos filhos da classe média, mas a que arranque dos cárceres os negros da Baixada e evite mortes como a de Robson em São Paulo, ou a de Aézio no Rio; a que resgate dos desvãos escuros da Rua Rego Freitas, em São Paulo, ou da Rua do Lavradio, no Rio, pessoas ricas de humanidade como os travestis Flávia e Tatiana, de quem vocês lerão, nas páginas que se seguem, tocantes confissões. As senhoras e senhores da anistia à brasileira que se preparem: muito mais que do Governo, é deles que iremos cobrar essa amplitude. (Aguinaldo Silva)

Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco

Rua Rego Freitas, São Paulo, oito da noite. Flávia e Tatiana na calçada, batalhando. O movimento está fraco, mas de repente vem se aproximando lentamente um Corcel. Flávia faz um disfarçado sinal para Tatiana: "vem cá, menina, esse aí tem cara de quem gosta de suruba. "E Tatiana, olhando para o carro como se nada notasse, cochicha de volta: "nossa, pelo jeito deve ser cachê de mil." Ambas se aproximam do carro com um andar falsamente incerto. Darcy Penteado põe a cara para fora e explica sem rodeios que gostaria de entrevistá-las para o LAMPIÃO. Alguns minutos mais tarde, Darcy abre a porta de sua casa pra os dois travestis entrarem. Eles olham sem conseguir disfaçar o deslumbramento diante dos quadros e luzes. Eu, Alice Soares, Glauco Matoso e Jorge Schwartz olhamos para eles, não menos deslumbrados. Nossos mundos parecem estar a quilômetros de distância.

Alice Soares, uma das convidadas a ser entrevistada, é uma advogada criminal que orienta o Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Desde 1972, acompanha os estagiários em audiências, sempre na área criminal, e junto com eles agüenta a barra da clientela carente da periferia de São Paulo — operários, negros, travestis, prisioneiros anônimos — que solicitam seus serviços gratuitos ou quase.

Flávia, também convidada(o) é um belo travesti de 22 anos, que faz viração desde os 17. Acaba de colocar seios de silicone ("número pequeno, porque não sou exagerada como as outras"). Pretende fazer seu pé de meia enquanto é jovem e acha que o homem é atraso na vida da gente. Tatiana, a outra convidado (a) tem olhos safados e 28 anos, batalhando desde os 22 ("comecei tarde porque tinha medo"), é romântica ("vivo cada momento como se fosse o último"), não tem silicone mas toma hormônio de vez em quando ("peito pra os caras não funciona, eles querem é pinto mesmo").

Não demorou muito, já estávamos entrosados a ponto de disputar a palavra. Alice protestava porque era chamada de senhora. Flávia mostrava orgulhosamente os seios ("ficou durinho, não desce"). E Tatiana, com um risinho de escárnio, cantava entusiasmada: "eu não sou barrado como travesti. Com essa cara, faço mais o gênero mulher-macho". No final, as duas cartõezinhos de Alice Soares, porque assim têm onde recorrer nos momentos de apuro. Quando peço um endereço para contato posterior, quase em uníssono eles me respondem: "precisando é só ir lá mesmo, na Rego Freitas. A gente tá sempre batalhando." **(João Silvério Trevisan)**

Jorge — **Como é que você chegou a fazer viração, Flávia? Se você pudesse contar um pouco da sua história.**

Glauco — **Você disse que tem 22 anos, não é?**

Flávia — Eu vim pra São Paulo, do interior, em 1973. Minha família não me aceitava mais em casa. Estava uma bichinha assim, meio-carnaval, entende? Daí, minha mãe não podia mais comigo e me levou pra Itatiba, um internato; me deixou num hospital psiquiátrico, de recuperação, pra ver se eu tirava isso da minha cabeça, se eu virava, homem. Eles me davam drogas, choque, medicação, e aí eu fiquei pirada.

Trevisan — **Mas que hospital era esse?**

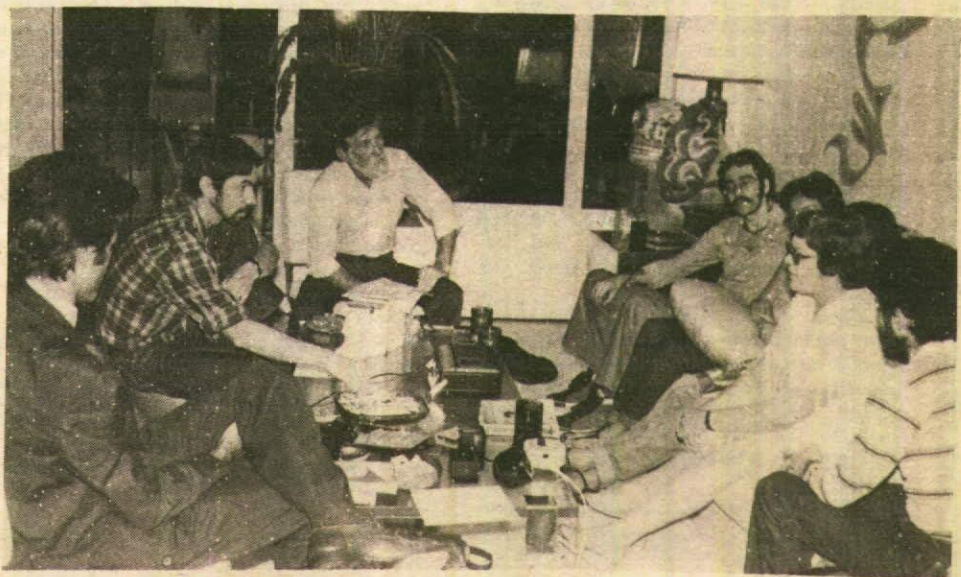
Flávia — O Américo Barreto, conhece? Muito bom... Tanto que eu fiquei pior depois que entrei lá. Eu tomava impregnação, era uma injeção pra me castigar, sei lá — cada vez que eu tomava queria morrer. Ficava num estado assim, meio sonolento. E o eletrochoque era pra eu perder a vontade de ser travesti. Só que com aquilo eu ficava ainda mais amedrontada, quer dizer, mais mulher.

Jorge — **E os médicos tentavam lhe convencer a mudar?**

Flávia — Tentavam. Botavam uma menina na minha frente, ela ficava ali nua fazendo poses, e eu não sentia nada; aí eles me davam mais eletrochoque na cabeça. Fiquei lá um bom tempo. De dois em dois meses eu fugia, mas voltava pra casa, e minha família me levava de novo pra lá. Daí, minha mãe viu que não adiantava, e me deixou um tempo em casa. Então, eu procurei um emprego, fui trabalhar. Era num hospital, eu trabalhava como office-boy. Mas aí eu vi que não dava mesmo: peguei minhas trouxas e vim pra São Paulo. Aqui, fiz umas amizades, arrumei emprego numa casa de família. Eu era doméstica — quer dizer, doméstico, né? Meu cabelo já estava grande, mas eles me aceitaram assim mesmo.

Alan — **Você fazia o que? Limpeza?**

Flávia — Limpava, lavava prato e cozinhava. De noite, dava minhas voltinhas. Até que uma noite, eu entrei em cana, entende? Tinha esquecido a carteira profissional em casa — eu tinha a carteira assinada —, e eles me levaram. Fiquei três, quatro dias preso, e aí saiu meu retrato no "Notícias Populares", com a foto e meu nome certinho, assim — "Flávia, o travesti-ladrão, se virando na Avenida Bandeirantes". Era tudo mentira, mas minha patroa ficou apavorada e me mandou embora. Daí, eu me joguei de vez na viração.

(A história do travesti Flávia deixou tensa e emocionada a platéia que a ouviu no meio da entrevista; ela, aqui serve de preâmbulo, ou como uma espécie de deixa para a introdução da Alice Soares, a advogada que, se as coincidências tivessem ajudado, certamente teria conseguido arrancá-lo do xadrez.)

A partir da esquerda: Trevisan, Darcy, Glauco, Alice e Jorge. Tatiana e Flávia estão atrás de Alice.

Alice: — Lá no Departamento Jurídico nós somos uma espécie de ponta de lança contra a discriminação e o preconceito.

Trevisan — **Bom, Alice, me conte mais ou menos o que você faz lá no Centro; é só uma apresentaçãozinha.**

Alice — O meu trabalho no Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto é justamente como orientadora criminal: eu oriento os estágiários, acompanho as audiências... São os estagiários do quarto e quinto ano que vão fazer estágios e, naturalmente, atendem, como aprendizado, a uma clientela mais carente, da periferia. Essa clientela é formada por pessoas muito pobres; você sabe, hoje em dia para se arranjar um advogado fica muito caro; então, eles recorrem à justiça gratuita; pagam uma taxa de 150 cruzeiros e, quando não podem pagar, arranjam um atestado de pobreza na delegacia, e nós os atendemos. O departamento existe há mais de 20 anos, e hoje em dia todo o mundo manda gente pra lá: é o delegado de polícia, o juiz, o promotor, os padres de todas as paróquias...

— Agora eu quero deixar bem claro o seguinte: o Departamento Jurídico não recebe verba de ninguém. Isso para nós é ótimo, pois permanecemos independentes justamente para atender a esses casos de arbitrariedades desumanas, venham de onde vier, sem a preocupação de estar ofendendo este ou aquele. Então isto é ótimo, nós atendemos todos que lá comparecem, tanto no cível como no criminal, na área trabalhista e principalmente na de família, que são justamente 60% dos casos que lá comparecem.

Trevisan — (aos travestis) **Bom, vocês também querem se apresentar?**

Tatiana — Eu gostaria de perguntar porque ela está se dedicando aos problemas dos travestis.

Alice — Porque eu, particularmente e em nome do Departamento Jurídico, nós estamos lá justamente para atender a estes grupos oprimidos; acho que vocês no momento estão sendo perseguidos, oprimidos. Como também atendemos ao movimento negro; somos uma espécie de ponta-de-lança contra as injustiças. Então, fazemos questão de atender e acompanhar vocês, quando são presos. Se vão para o DEIC, nós vamos lá e fazemos tudo, entramos com habeas corpus, batemos um papo com o delegado ou o investigador, procurando um meio de libertar o prisioneiro o mais depressa possível.

Trevisan — **Eles são presos e vocês são chamados, ou vão lá regularmente?**

Alice — Geralmente são os amigos que vão lá no departamento para tirar os outros.

Darcy — **Em geral a razão da prisão é a prática da prostituição? Na maioria das vezes as prisões são arbitrárias?**

Alize — Geralmente, a polícia quando passa na rua — (**aos travestis**) isso eles já sabem, têm mais experiência — já tem uma implicância com eles.

Flávia — Quando a gente sai de casa em pleno dia, eu pego uma sacola para dar uma disfarçada, senão eles levam. Finjo que vou fazer compras.

Jorge — **Vocês já foram presos? O que aconteceu?**

Flávia — Eu, já! Eles não querem nem saber: pegam a gente e mandam pro camburão. Jogam dentro do carro. São todos mal educados, pegam em vez de levar a gente. Eu tenho documento, de ator; mesmo assim eles levam. Mesmo tendo carteira de trabalho: eu tenho.

Trevisan — **Eles alegam o que? Que motivo eles dão?**

Flávia — Ih, eles nem querem saber; nem querem ver se está tudo certo nos documentos. Uma vez eu estava com INPS, tudo certinho, e mesmo assim fui.

Glauco — **E quanto tempo ficam na cadeia?**

Flávia — Uns três dias, depende. Agora, agressão, só se a gente gritar, né? Mas a gente não chega lá dando escândalo.

Tatiana — Sabe de uma coisa que aconteceu com uma amiga nossa? Ela deu escândalo e jogaram uma bomba dentro da cela; arrebentou tudo, ela saiu até no jornal!

Alice — Na época do Erasmo Dias a perseguição era bem maior; inclusive, uma vez, levaram uma turma de travestir que quebrou tudo...

Flávia — Eu estava lá. As do babado, elas ficaram revoltadas. As do babado são as que se cortam, dão escândalo, apanham, chegam na polícia e já viram a máquina do delegado. É, tem travesti que é assim; quando são presos eles se revoltam e pegam o delegado, batem nele. Daí, o delegado leva eles pro xadrez. Naquele dia, eles tiraram toda a roupa e tocaram fogo. Foi aquele fumacê na cela, todo o mundo gritando. E aí falaram: vamos se cortar todos juntos. Uma dava a gilete para a outra... Já fazia quatro dias que estavam lá; então, se cortavam pra ver se levavam eles pro hospital, porque lá o pessoal tem medo do escândalo e solta elas.

Alice — Naquela ocasião, o Erasmo (**n. da r.: Erasmo Dias, ex-secretário de Segurança de São Paulo, hoje deputado federal pela Arena**) estava lá, inclusive levou uns tapas dos meninos (**risadas**).

Tatiana — Tinha travesti que encarava o Erasmo cara a cara, xingava de tudo o que tinha de xingar, tá entendendo? E a agressão dele dobrava mais ainda pra cima de nós. Ele aumentava a pressão, colocava mais cana em cima, cachorro, mulher, colocava toda a polícia feminina em cima da gente.

Trevisan — **Foi ele quem inventou aquela história de colocar um homem, uma mulher e um cachorro atrás de vocês?**

Flávia — Foi ele. Tinha travesti que ficava revoltado, batia no homem e na menina; até no cachorro batiam. O pior tempo que teve para os travestis foi aquele do Erasmo. Agora no 4º distrito, aqui na Consolação, já é mais liberado, sabe? Eles não podem mesmo com os travestis, então, a gente só chega, eles vêem o documento e a gente já vai embora. O pior distrito é o DEIC, o 3º Distrito. Lá são todos uns homens revoltados, não entendem a gente.

Tatiana — Teve um caso que aconteceu há uma semana, é muito importante; eu ia descendo, e vinham dois caras, um deles passou a mão em mim; eu quis ratear com ele, mas os dois mandaram a gente ficar quieta. Pareciam dois malandros mesmo, não tinham senso de nada. Eu fiz o que eles mandaram, mas aí me entrosei com minhas amigas, e uma delas falou: "É, vamos dar um pau nesses caras, que eles tão muito folgados". A gente partiu pra cima deles, mas aí um deles puxou um revólver e deu um tiro na gente. Todo o mundo correu, menos eu, que fiquei lá, incrementando com eles, chamando eles de malandros, e tal. Dali a pouco veio a Garra (**n. da r.: uma corporação da polícia civil paulista**); uma amiga minha foi lá e falou pra eles, "olha, esses dois caras estão com um revólver, atiraram na gente". Pois os dois voaram em cima dela e bateram tanto que a pobre até hoje está no hospital; eram da polícia, também!

Alice — Eu queria perguntar uma coisa: eles tiram dinheiro de vocês?

Flávia — Lógico que tiram!

Tatiana — Olha, eu só sei de ouvir falar. Eu nunca tive problemas com eles, porque estou sempre limpando a minha barra; qualquer coisinha, pintou cana, eu tou indo embora. Já entrei em cana por vadiagem, essas coisas, mas não posso me queixar. Agora tem travesti que dá carro pra eles, que vende tudo pra se livrar dêles; se entram num flagrante de maconha, de alguma droga, tem muito o que fazer, é lógico...

Alice — Aí então entra o problema jurídico, que, lógico, a prostituição não é prevista no código, nem a masculina nem a feminina. Nem homossexualismo é proibido, a não ser no código penal militar. Mas geralmente eles prendem as pessoas e incluem em vadiagem, instauram a sindicância quando é a primeira vez. E depois, se a pessoa é presa novamente, cai no artigo 59 da lei das contravenções penais: vadiagem. De modo que fazem o flagrante, levam para a Casa de Detenção até o julgamento, que leva um mês.

Trevisan — **Eu só queria saber a definição de vadiagem, por lei, juridicamente, se existe alguma.**

Alice — Bom, eles acham que são as pessoas sem uma ocupação.

Trevisan Trevisan

Alice Soares, a advogada.

Flávia, a mais objetiva.

Tatiana, a mais romântica

Tatiana — Pois eu já conheci muito travesti que mesmo trabalhando, com carteira assinada e tudo, fica 15, 20 dias de molho na prisão. Perde emprego e tudo.

Alice — É, geralmente eles identificam o travesti com o ladrão, o viciado, o assaltante...

Darcy — **O "Notícias Populares" há poucos dias publicou uma notícia sob o título "travestis presos"; puseram uma fotografia de Vera Abelha, entre outros travestis, na primeira página, como chamada. Num caso como esse, eu quero saber se Vera Abelha pode mover uma ação contra o jornal.**

Alice — Pode, inclusive, exigir uma retificação. Já vi pessoas que tomaram essa atitude. Inclusive, pela Lei de Imprensa, pode-se fazer algo. Você, Trevisan, tinha me perguntado qual era a definição de vadiagem; bom, é a pessoa desocupada permanentemente. Primeiro, eles fazem a pessoa assinar a sindicância, dando um prazo de 30 dias para arranjar emprego; se ela é detida novamente e ainda está sem trabalho, aí a encaixam como vadio.

Trevisan — **Num país de desempregados, como é possível provar que alguém é vadio pelo fato de não ter trabalho? No meu caso, eu não tenho carteira de trabalho assinada, porque sou autônomo. Então sou vadio, de acordo com a definição deles.**

Alice — Você está sujeito a ser encaixado neste artigo. Tem o caso de um **hippie** que nós defendemos; ele estava sentado na Avenida São João e foi preso e encaixado como vadiagem. Chegou lá no Foro, disse que tinham apreendido a tesoura dele, alicate, arame, etc.; eles tinham dado até uma lista de apreensão, olhe a sorte dele: com todo aquele material apreendido, nós provamos que ele estava ali trabalhando; o juiz o absolveu, mas até lá, ele passou 30 dias na Casa de Detenção.

Jorge — **Meu Deus! Trinta dias na Casa de Detenção?**

Alice — Até correr o processo; às vezes a gente consegue relaxar o flagrante, mas isso não acontece sempre, pois tem juiz que acha que assim a pessoa vai embora, e depois, se ele der uma multa ou uma pena mínima, a pessoa não estará ali pra assinar. Na pior das hipóteses fica-se 30 dias preso. Já vi isso acontecer com vários travestis. Inclusive, um deles chegou e disse ao juiz que faturava uns seis mil cruzeiros por mês. Então, na sentença o juiz absolveu, dizendo que uma pessoa com esse faturamento não pode ser considerada vadia (risadas).

— Agora veja bem nossa posição lá no Departamento Jurídico. Quando eles estão presos a gente vai imediatamente, quando é o DEIC, a gente conversa. Outro dia a gente ia chegando e um investigador olhou pra gente e foi logo falando: "é assaltante ou travesti?" Porque eles já nos conhecem. Nesse dia, como já estava tudo resolvido, ele disse que iam soltar todos. Aí abriram aqueles portões e saiu a turma toda, até o menino que a gente estava procurando, chamado Mirthes; saiu todo mundo correndo, e a gente gritando, "Mirthes!, Mirthes!", mas naquela hora, quem é que parava a Mirthes? Desapareceu na primeira esquina. As duas amigas dela que nos levaram lá ficaram zangadas: "Imagina, nós trouxemos até advogado pra ela, e ela nem dá bola, sai correndo sem nem olhar pra gente". Eu disse, "não, ela quer é desaparecer, é isso mesmo".

Trevisan — **No caso de um travesti, me dê um exemplo de flagrante.**

Alice — Por exemplo, quando eles pegam sem documentos os que já são conhecidos ou já assinaram uma ficha. Pode ser que façam o flagrante e deixem o travesti preso três dias ou mais. Isso é quando eles querem demonstrar mais trabalho, porque os delegados têm uma cota de trabalho a apresentar.

Trevisan — **Quer dizer que enquanto não preencherem a cota deles, não param de prender.**

Tatiana — Eu posso contar o caso de um flagrante que aconteceu comigo, por suborno, uma coisa que eu nem sabia da existência. Eu só sei que cheguei na delegacia e assinei papel, papel, papel...

Flávia — É que naquele tempo eles pagavam a gente na avenida e a gente dava 50 cruzeiros, 100 cruzeiros e ia embora pra casa, né?

Tatiana — Estava eu e uma amiga, demos 50 cada uma, e sabe onde a gente foi parar? Na Casa de Detenção. Fiquei passada! Só aí eu fiquei sabendo que existia uma coisa chamada "suborno à autoridade"; porque normalmente a gente dá dinheiro, mas eles acham pouco, então vira flagrante.

Flávia — Uma vez me pegaram na Avenida República do Líbano, tiraram 50 cruzeiros e me soltaram lá em Moeda. A Garra faz isso. Além de tirar o dinheiro, leva a gente e solta.

Alice — É, dificilmente quem tem dinheiro vai parar na delegacia.

Jorge — **Depois do Erasmo diminuiu a perseguição?**

Tatiana — Olha, ultimamente, sim, diminuiu muito, está devagar. Eles não estão dando aquela pressão direta, com a finalidade de pegar. Se estiver de bobeira, aí sim, eles levam mesmo.

Darcy — **Eles teriam um prêmio pelo número de prisões?**

Alice — Ah, sim. No tempo de Erasmo saía assim:: "o distrito tal foi o campeão neste mês..."

Jorge — **Quer dizer que quando não tem travesti pra prender eles devem até inventar.**

TRatiana — Exato! Tinha um tira que vinha até de aleijado, ele se disfarçava: a gente podia subir nas paredes, entrar nos bueiros, e ele vinha atrás e pegava. Triste, sabe? Vinha de qualquer jeito: na ambulância, empurrando carrinho de vender café, como sorveteiro... Às vezes a gente estava parado esperando ônibus; a porta do ônubus se abria e quem descia? Ele! É muito conhecido esse policial, já saiu no jornal e tudo, o nome dele é **Careca**. Agora ele está no Tático Móvel; teve um travesti que jogou o carro em cima dele.

Darcy — **Alice, uma pessoa conhecida minha foi ontem, acompanhada de uma colega que foi roubada, à 3ª delegacia. E lá notou violências incríveis contra pessoas que estavam chegando —**

presos, etc.; eu pensei que com toda essa onda que se faz em torno da moralização da polícia eles estivessem mais cuidadosos, mas esta pessoa viu agressão mesmo, por lá. Eu perguntaria o seguinte: isto é uma espécie de confrontação de forças, talvez, porque se uma parte demonstrar fraqueza a outra domina? Você acha, como pessoa que conhece o setor, que isso pode ser resolvido de uma maneira civilizada?

Alice — Eu acho é que as pessoas podem moralizar, enfim mudar tudo isso aí, simplesmente não fazem nada, não investigam. O juiz corregedor, Renato Laércio Talli, é pessoa de muito boa vontade, mas ele é um só. Os outros juízes são muito acomodados. Os promotores, idem. Eu faço mesmo uma denúncia contra os promotores, que estão ganhando do povo para fiscalizar a polícia e não fazem; são muito boa vida, sabe? Mesmo os delegados; eles poderiam fazer alguma coisa — afinal, são bacharéis. Mas não, deixam tudo nas mãos dos investigadores. Então, o que vemos, geralmente, são casos de pessoas que morrem de tanto apanhar nas delegacias; o caso do Robson — estamos até com assistentes da Promotoria, pelo Movimento Negro: eles deviam investigar, descobrir os responsáveis pela sua morte na delegacia, mas não, simplesmente mudam o delegado, o investigador, e pronto.

— Quer dizer, a Corregedoria de Polícia também é muito mole. Fica tudo em família, eles se sentem acobertados. E depois, essa arbitrariedade que nós tivemos aí de 15 anos, esses atos de violência, isso de certa maneira incentivou. Veja, quando havia um Fleury lá no DEIC, do Esquadrão da Morte, prestigiado pelas forças armadas, os policiais iam fazer o quê? Se o subalterno percebe que o chefe é adepto da violência, ele também se torna violento: "se até o diretor do DEIC pertence ao Esquadrão da Morte, por que eu também não posso?"

Darcy — **Você acha que pode haver uma solução, digamos, a longo prazo?**

Alice — Acho que sim. Depende de se cobrar mais dessa turma. Eu diria que a sociedade civil, que durante esses 15 anos viveu com a boca calada, agora está tomando uma posição.

Trevisan — **Mas depois do julgamento de um Doca Street, que não é exatamente um Fleury, não há como fazer uma pressão direta.**

Alice — Nós estamos falando de uma violência institucionalizada.

Trevisan — **Mas o que eu quero dizer é que a justiça está no mesmo nível dessa violência, ela está institucionalizando a violência de um Doca, por exemplo.**

Alice — Aí é a própria organização jurídica. Existe o tribunal do júri e os jurados decidiram daquela maneira. É a própria organização que permite um troço desses. Aí entra também o poderio econômico, quem tem dinheiro para contratar um advogado como o Evandro. E então você vê o que acontece.

Glauco — **Bom, então voltemos ao caso dos travestis que não têm condições.**

Jorge — **Há uma diferença de tratamento entre prostitutas e travestis? Quer dizer, há mais perseguição, no caso, pelo fato de ser travesti?**

Flávia — Lógico! É pior com o travesti. Eles vêm e pegam a gente, porque o travesti é marginalizado. É um marginal: "Ela rouba, vamos pegar ela". Mulher, não: é mais liberada, anda assim à vontade, enquanto a gente...

Tatiana — O certo é que a gente corre, enquanto a mulher não precisa correr...

Jorge — **... O fato de ser mulher é perdoável. Eventualmente, arrisca até uma relação.**

Glauco — **Não tem nenhum lugar em São Paulo onde vocês possam ficar tranqüilos?**

Tatiana — É jantando, é andando, isso depende da sorte e do santo pra proteger.

Alice — Eles não têm horário. Outro dia eu estava descendo a Rego Freitas, e tinha um carro da Garra que passava, dava a volta, subia e descia novamente. Garra é Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos; foi uma criação do Erasmo Dias para assaltos a bancos; não sei por que eles estão agora na repressão aos travestis.

Flávia — A Garra, ali na Rego Freitas, geralmente não pega a gente; quem faz isso é a Veraneio amarela, do DEIC.

Tatiana — Mas o certo mesmo é a Seccional, que pega a gente em tudo o que é lugar; ela também é do DEIC. Mas o pior é o 3º Distrito. Eles estão pegando muito dinheiro, ultimamente...

Alice — Eles sempre pegaram dinheiro. Nunca se transferiram porque inclusive, aqueles prédios, ali perto, são de prostituição, de alta rotatividade. E o que eles ganham com isso...

Trevisan — **Mas onde é mesmo o 3º Distrito?**

Alice — Na Rua Aurora. Em plena boca.

Jorge — **A gente chega à conclusão que a marginalidade, para sobreviver, passa a sustentar os próprios órgãos repressores, não é?**

Trevisan: **É: a marginalidade sustenta a repressão.**

Glauco — **Eu queria voltar atrás: que eles detalhassem um pouco mais o que acontece quando são presos. Se sofrem maus-tratos...**

Jorge — **Corre uma fama de que travesti está sempre carregando gilete, canivete...**

Flávia — Maus-tratos só quando a pessoa é escandalosa; aí, já chega lá levando pancadas. Olha, eu vou ser sincera: tem certos travestis que colocam peruca só para roubar...

Tatiana — Tem certos travestis que são uma calamidade pública, que deixam a gente revoltada, porque está ali, mas não tem nada de travesti...

Flávia — ...Nem homossexuais são. Mas também é culpa da polícia, por causa da revolta que essas pessoas sentem, por causa da cadeia. Eu não tenho de que me queixar: quando é cana é cana, quando tem que dar pinote, eu corro. Já fui atropelada, mas tudo numa boa; já me levaram dinheiro, já aconteceu de fazer um acordo com eles pra dar dinheiro e nunca mais ver a cara deles... Já aconteceu muita coisa comigo, mas tudo bem.

Trevisan — **Quantas vezes vocês foram presos?**

Flávia — Ah, não dá pra contar assim — acho que duas vezes. Eu fiquei lá no presídio do Hipódromo (**n. da r.: este presídio, após um motim no dia 12.11, foi desativado devido às suas péssimas condições**).

Tatiana — Eu também fui presa poucas vezes: umas dez. (**Risadas**)

Trevisan — **E você acha pouco?**

Tatiana — Em vista das outras, que vão todo dia... Tem bicha que já foi presa mais de cem vezes!

Flávia — Ih, eu conheço o 4º distrito, o 3º, o 27º, tantos...

Darcy — **Dentro das delegacias e depois, nas prisões, vocês sofrem ataques sexuais? Dos presos ou dos policiais?**

Flávia — as vezes o policial exige que a gente faça sexo pra soltar a gente. Com a polícia, com o carcereiro, com o... O carcereiro é quem solta, então eu tive que fazer muito programa pra ele me soltar. Aliás, não foi programa, foi assim um meio-programa, um meio termo de sexo. (**Risadas**). Muitas vezes, levam a gente pras quebradas, e depois soltam. Não só eu: várias amigas vão juntas. E tem quatro policiais, geralmente. Eles escolhem quatro travestis, soltam as outras, fazem a festa e tchau. Às vezes, a gente está preso na cela, e aí vem um deles pra ver o tamanho do...

Alan — **De que? Do seio? Do sexo?**

Flávia — Não, do pinto...

Glauco — **Agora isso de você ficarem presas e serem obrigadas a trabalhar na cadeia, lavarem privadas, essas coisas...**

Jorge — **As celas são coletivas? Quantas pessoas tem?**

Flávia — Ah, eles põem bastante, até cem juntas. É uma cela pequena. Lá no Hipódromo eu fiquei com um menino e mais três travestis. O menino deu uma de bicha pra ficar com a gente; pra se proteger, porque tinha uns carinhas a fim de pegar ele pra comer, e ele tinha medo.

Glauco — **Que idade tinha o menino?**

Flávia — Dezessete anos. Bonitinho mesmo, tipo boyzinho, sabe? Eles adoram boyzinhos, os presos.

Darcy — **E depois ele se relacionou sexualmente com vocês?**

Flávia Nossa! Cada dia com uma... No 3º distrito jogam a gente com malandros, e os malandros chegam lá e se aproveitam da gente. Claro, tem travesti que é louca, adora malandro e tudo. Mas a gente tem que entrar lá quietinha, porque eles pegam e falam. "Vem cá, é você mesmo: você vai ser minha mulher esta noite." E a gente tem que fazer tudo, né?

Tatiana — Olha, eu estive na Detenção, e lá não tive contato com ninguém. Fiquei uns 15 dias, numa cela separada. Quer dizer, numa cela de travestis, tinha uns cinco ou seis, a gente se encontrou lá.

Glauco — **Vocês se mantêm só com a viração?**

Trevisan — **Dá pra falar mais ou menos quanto vocês faturam?**

Flávia — Eu vivo só de viração. Tem dia que a gente ganha bem, tem dia que ganha mal. Esta semana ficou ruim.

Tatiana — Geralmente a gente leva um papo "Quanto é o programa?" É tanto. "O que você faz?" Ah, tudo o que você quiser eu faço. Sou completo. Daí, a gente pede 300, 400 cruzeiros Agora tem muito travesti que faz a linha "varejão": 100, 150 cruzeiros. Lá na Major Sertório é tudo varejão...

Flávia — Por 100, 150 cruzeiros é aquele programa bem rapidinho: chegou, tirou a roupa, já vai...

Jorge — **Vocês precisam de muita assistência médica?**

Flávia — Não. Olha, eu deposito o dinheiro todo que eu ganho. Estou fazendo meu pé de meia, meu bem, enquanto sou nova. Eu quero ter o meu futuro. E quando eu tiver 30 anos? De que adianta ser fina e não ter dinheiro no banco? Eu não, eu penso. Quero ter minha casa, entende?

Darcy — **Escuta, você me disse que mora na Santa Efigênia...**

Flávia — É, eu moro num quarto de um apartamento, eu e mais outra. Pago 2500 cruzeiros pra morar. Eu moro sozinha, ela também.

Darcy — **Você tem alguém que lhe explora?**

Flávia — Não. Tive um caro por oito meses, mas ele me ensinou a viver. Eu sou um solitário, não posso ter homem, entende? Posso curtir, assim, mas não pra ficar comigo: só vou por dinheiro. Fiquei revoltado. Você sabe quando um cara passa você pra trás? Ele tirava muito dinheiro, mesmo. Eu saía seis, sete horas da noite, depois do trabalho na casa de família; voltava à meia-noite e entregava o dinheiro todo, uns 600 cruzeiros limpinhos pra ele.

Jorge — **E isso é comum entre os travestis?**

Flávia — Não é não, mas tem algumas que dão, sim. Eu não dou, porque aprendi a viver com esse cara. Homem é atraso na vida da gente.

Jorge — **Pinta muito homem casado?**

Flávia — Pinta demais, e novinhos também, que todos eles são mais homossexuais que a gente. Tem uns que chegam e ali mesmo, na hora, querem saber se o pinto levanta, senão eles não querem; porque tem travesti que não levanta.

Tatiana — A gente tanto é homem como mulher: as duas coisas.

Jorge — **Agora, acontece mesmo de homem que acha que vocês são mulheres, que não percebe?**

Flávia — Ah, tem. Muitas vezes a gente sai pra fazer um chupetinha, uma assim bem rapidinha: os caras pensam que é mulher. Se percebem, na hora que põem a mão, dão um pulo, jogam a gente pra fora do carro...

Tatiana — Olha, pra mim, todo o mundo sabe que é travesti. Todo o mundo, não tem essa. É mentira tudo o que eles dizem, falam como se estivessem assustados, "ah, pensei que você fosse mulher", mas o pinto não baixa não (**risadas**). Quando ele quer mulher, quer mulher, não sai com travesti. Qualquer homem sabe que é um travesti.

Darcy — **Uma pergunta de ordem técnica: Flávia me disse que colocou silicone por uma questão profissional.**

Flávia — É, pra ganhar mais dinheiro.

Darcy — **Flávia tem seios de silicone, Tatiana não tem. Você acha que isso ajuda?**

Tatiana — Olha, eu acho que é uma boa ter busto, apesar de que todos os homens sabem que é silicone; tudo o que acontece com o travesti eles sabem: que a xoxota de operação não é igual à da mulher... Ninguém é otário; claro que às vezes pinta aquele baianão bobo, e tal. Mas prum cara entendido, o peito não funciona para o que ele está procurando. Tanto que se eles sabem que a gente está cheio de hormônios, não pegam a gente, porque sabem que o hormônio tira a nossa potência.

Glauco — **Eu gostaria que Tatiana também contasse sua história.**

Tatiana — Eu não comecei cedo, não. Tinha muito medo; foi só depois dos 20 anos. Apesar de nunca ter tido atração por mulher, de jeito nenhum. Tinha assim algumas meninas que vinham na onda de gostar de mim, mas não dava pé, não: viravam logo amigas.

Jorge — **Eu acho que você deve ser mais romântica que a Flávia.**

Tatiana — É, eu sou de Peixes, né? A Flávia é puta mesmo. Eu sou mais quieta.

Jorge — **Você também acha que homem só é bom quando paga?**

Tatiana — Não, a gente precisa de uma companhia. Ah, eu não sei, eu tive um namorado, durou quatro anos. Eu gosto de casa, de comida, já parto pra outra, não gosto de ser puta, puta, puta. Eu ganho só o suficiente pra me manter, sabe?

Jorge — **Você não acha que economicamente tem mais riscos que a Flávia, que sendo mais calculista tem mais chances na sociedade em que a gente vive?**

Tatiana — Olha, eu penso em tudo isso, sim, mas acho que o mais importante é a gente viver, sabe? Eu vivo cada momento como se fosse o último. Eu gostaria de ter um caso definitivo. Esse cara com quem eu namorei, a gente se gosta ainda, sai, passeia, vai pro hotel, mas a gente briga.

Jorge — **Tem entre vocês alguma que já tenha pensado em sindicato, alguma coisa legal?**

Tatiana — Não, ainda não deu tempo pra pensar nessas coisas.

Alice — Vocês não têm uma espécie de segurança? Assim como uma avisar pra outra quando pinta a polícia, essas coisas?

Tatiana — Bem, a gente dá um toque quando eles estão no pedaço, né?

Jorge — **Alice, há quanto tempo você está no XI de Agosto?**

Alice — Olha, de 68 a 70 eu fui estagiária. Fiquei seis anos na faculdade porque odeio Direito Comercial e me bombardearam em Direito Comercial. Então, até que foi bom, porque fiquei mais um ano no Jurídico. E de 72 pra cá estou como orientadora.

Jorge — **Nesses anos todos, em relação a atravestis e homossexuais, tem assim uma grande vitória sua em termos legais?**

Alice — Eu acho que sim: foi com o habeas corpus preventivo. Vários travestis já possuem isso. Saiu até uma na Manchete — era uma japonesa, a Yoko. Com aquele documento, dado por um juiz, eles podem andar livremente na rua, a política não pode molestá-los. Agora eu sei de policiais que pegam o habeas corpus e rasgam. Mas geralmente os travestis andam com uma xerox.

Tatiana — É, isso funcionava. Mas a verdade é que Yoko não arriscava muito; qualquer coisa, ela entrava dentro do carro dela, tá?

Alice — Num sistema onde o Direito fosse respeitado, teria que funcionar, mas aqui...

Trevisan — **Aparecem muitos travestis lá no Departamento em busca de ajuda?**

Alice — Às vezes aparece mais. Na época de Erasmo, por exemplo, ia muito. Agora decresceu um pouco. Mas quando um deles fica preso mais tempo, então alguém sempre se lembra: "Ah, tem aqueles advogados..." A gente entra com o habeas-corpus, que nem sempre funciona. É muito bonito, mas...

Flávia — Não funciona porque eles dão sumiço na gente pra arrancar dinheiro, fazer chantagem.

Alice — Não funciona porque tem 50 delegacias e elas informam ao juiz que o preso não está lá. Agora se o juiz fosse mais peitudo, diria: "Não, vocês têm que me entregar, tem que estar aí". Também neste sentido eu culpo muito o juiz e o promotor. Culpo mesmo, sabe?

Darcy — **Vocês são assediados por vendedores de tóxicos? Eles procuram vocês, pelo fato de serem marginalizados pela sociedade, perseguidos pela polícia e tudo? Eles acham que vocês são campo fácil?**

Tatiana — Não. Quem transa maconha, tóxicos, já sabe o lugar onde vai buscar. Eles não vêm muito. Podem vir assim, pra dar uma **presença**, fazer a cabeça, curtir uma; mas dar em cima da gente só porque somos travestis, não. Lá na Rego Freitas tem muito, mas...

Alice — Mas há o perigo de os policiais querer enrolar vocês com tóxicos?

Flávia — Ah, isso tem, sim.

Tatiana — Uma amiga minha caiu nessa com um tira do DEIC; ela teve que dar nove mil cruzeiros pra ele.

Glauco — **Tatiana disse que os malandros são mais cavalheirescos, respeitam mais. Você acha que o malandro é melhor que o policial?**

Tatiana — Lógico! Eles tratam a gente como mulher!

Flávia — Você acha, é? Pois eu acho que às vezes sim, às vezes não...

ATENÇÃO BICHAS, LÉSBICAS, TRAVESTIS, NEGROS, OPERÁRIOS, PRISIONEIROS E TODO MUNDO QUE ESTIVER NA PIOR: precisando de advogado é só ir ao

DEPARTAMENTO JURÍDICO DO CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO

Praça João Mendes, 62, 17º andar São Paulo, SP

telefones: 257.5360/239.0186/35.3305

Atende das 9,30 h às 17,00, todos os dias excetos sábados e feriados.

Um anistiado conta histórias do cárcere

Estas historinhas compõem parte do livro "Prosa/Prisão" e se referem a fatos observados na Casa de Detenção do Recife, onde se encontravam recolhidos os presos políticos pernambucanos até março de 1973, quando ocorreu a transferência para a Ilha de Itamaracá. Hoje, a Casa de Detenção foi transformada em "Casa da Cultura" — ou Presídio da Cultura, segundo denominação mais apropriada de Jomard Muniz de Brito, escritor paraibano-recifense de alma lampiônica.

Quem as escreveu foi Marcelo Mário de Melo, 35 anos, pernambucano, libertado de Itamaracá em abril, ao fim de oito anos e 43 dias de prisão. Um dentre as muitas vítimas de 1968, Marcelo, hoje, considera-se um artesão-aprendiz de literavida, ou um relator de vivências. Escreveu na prisão um livro de poemas, outro de textos em prosa, o "Diário da Greve de Fome" e um volume de humor/folclore denominado "Cirquinho Carcerário". Ele é um daqueles que, na prisão ou no exílio, tiveram a ocasião de repensar suas experiências e, após a anistia, mostram-se dispostos a proclamar que o sectarismo e a ortodoxia não estão com nada.

Em tempo: ainda restam em Itamaracá seis presos políticos. Eles vivem isolados, separados inclusive de mais de 400 presos comuns, que estão sob um regime de miséria e tacão, característico da política penitenciária brasileira em todas as épocas.

★★★★★★★

AMOR — Vivia há cinco anos na mesma cela com o outro. Separados, pediu audiência ao diretor e protestou:

— Uma coisa dessa não se faz. Sou casado há cinco anos e vivo com meu homem ele é meu homem eu sou o homem dele e o senhor vai ter que juntar a gente de novo. Uma coisa dessa não se faz com um homem casado!

HUMANISMO — Escada íngreme comprida e ainda com as quinas dos degraus revestidas com chapas de ferro gerando escorregos e cuidados.

O preso velho perna cortada altura do joelho tinha de transitá-la para ir ao banho de sol degrau a degrau mão ante mão muleta atrás muleta.

Os que se encontravam embaixo esperavam para subir acompanhando atentos cada passo de sua lenta descida. Numa das ocasiões sobressaiu um preso de voz dócil comentando:

— Esse homem nessa idade com esse corpo todo com essas duas muletas! É um sacrifício e um perigo. Não seria melhor cortar também a outra perna para ele descer equilibrado?

Dobrou o indicador e o médio imitando o andar cotocado.

EU E A VÍTIMA — Uma vez uma vítima reagiu e eu tive que atirar nela. A vítima ficou deitada na areia da praia eu já estava longe e ela atirou em mim. A gente foi para o pronto-socorro na mesma ambulância eu e a vítima ficamos na mesma sala eu e a vítima e o mesmo médico nos operou eu a vítima.

MEDICINA I — O preso caído no chão da enfermaria se contorcia e gritava.

O enfermeiro andava por todos os lados atravessando-o atendendo aos outros alheio.

— Você não está vendo o homem caído não? Não vai fazer nada não?

— Mas eu tenho culpa? O doutor já assinou o papel ele já teve alta ontem!

LINO DOIDO — Roubou 38 rádios juntou-os no barraco ligou a todo volume em estações diferentes e ficou ouvindo até a polícia chegar.

MEDICINA II — O preso gemia, gritava, se contorcia, se apalpava.

Dr. Hermes chegou com a maletinha de médico acocorou-se:

— O senhor está sentindo alguma dor?

CONSELHO — Se você não quer deixar de roubar por honestidade deixe por inteligência. O negócio de vocês não dá certo é a polícia contra é todo mundo contra não tem futuro. O negro Jaime um dia subiu lá no terraço ficou olhando as casas bonitas do Recife e não viu nenhuma casa de ladrão. Fez um juramento pra nunca mais roubar. Tá em tóxico.

COLETE DE AÇO — Fez um revólver e um colete de aço que experimentou na irmã. Atirou, matou.

— Eu só não faço um avião porque não tenho materiáaal. Se vocês arranjassem um motor de vaux a gente ia sair daqui voannnndo!

SILÊNCIO — No dia anterior tinha morrido um preso na enfermaria.

Agora os gemidos cortavam o silêncio e doíam nos nervos.

— Ááá-iii ááá-iii áááiii meu Deus!

— Ááá-iii ááá-iii áááiii meu Deus!

— Eita merda! Ele só grita no horário de silêncio! O de ontem morreu e não deu nem um pio!

MORAL DA HISTÓRIA — Levava vantagem na briga de mão e terminou levando uma facada.

— Não sei quem me furou não houve briga nenhuma. Estava no campo jogando tinha muita gente não vi nada. Só vi a furada e o sangue seu delegado.

Quando melhorou escapuliu da enfermaria e matou o esfaqueador com mais de vinte facadas.

HOMOSSEXUALIDADE EM PERSPECTIVA
William Masters e Virgínia Johnson
363 páginas, Cr$ 510,00

Um livro que é um resumo da pesquisa de mais de 20 anos, no famoso The Masters and Johnson Institute, sobre o homossexualismo (masculino e feminino). A primeira tentativa séria de **saber**, em vez de **presumir**, tudo sobre os aspectos psicofisiológicos da função homossexual. Dezenas de casos estudados, e o fim de um tabu: o prazer dos homossexuais não é menor que o dos heterossexuais.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 150,00

Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre minorias sexuais, e outro, sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo.

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 100,00

Norma Bengell, Leila Míccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a opressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

Troca Troca

(Se você está interessado em trocar correspondência, mande seu anúncio para esta seção. É grátis, a gente não cobra nada para publicá-lo. Só que o texto não pode ser muito longo, se não sobra pouco espaço para os outros)

UNIVERSITÁRIO, 21 anos, quer se relacionar com jovens. Fábio Aguiar: Rua Voluntários de Piracicaba, 776, CEP 13400, Piracicaba, SP.

ESTUDANTE, mentalidade aberta, procura pessoas de razoável nível cultural para troca de idéias e amizade sólida. Elerson Allan. Rua Araribá, 336, aptº 110, bairro São Cristóvão, Belo Horizonte, MG.

UNIVERSITÁRIO, guei, busca hospedagem em apartamento de guei discreto, no Rio. Paga ou troca hospedagem em Poços de Caldas ou Campinas. L. Cláudio. Postal 42, CEP 37730, Campestre, MG.

MORENO, 1,70m, estudante, olhos e cabelos castanhos, 19 anos, quer se corresponder com pessoas de todas as partes. João Tolemberg. Av. N.S. de Copacabana, 386/1202, Rio de Janeiro, RJ.

MOVIMENTO negro: universitário procura interessados, maiores, gueis, de preferência negros e mulatos. Alberto Venturini. Caixa Postal 344, CEP 20000, Rio de Janeiro, RJ.

BANCÁRIO, 20 anos, cabelos claros, 1,70m de altura, quer trocar correspondência com gueis catarinenses. Foto na primeira carta. Juarez Eble. Caixa Postal 183, CEP 89160, Rio do Sul, SC.

ESCREVAM-ME: busco amizade com rapazes de todo o país. Sou inteligente, educado, meio louro, olhos azuis. A. Gomes. Av. Copacabana, 427/701. CEP 22050, Rio de Janeiro, RJ.

MORENINHA, 23 anos, universitária, bonita e bem feita, gostaria de corresponder-se com mulheres bonitas e simpáticas. Cartas francas e foto. Carmem Colen. Caixa Postal 12055, CEP 22020, Rio de Janeiro — RJ.

LOIRO, olhos verdes, 21 anos, alto, magro, quer se corresponder com rapazes de 18 a 35 anos de todo o mundo. Marcos César. Caixa Postal 2135, CEP 89100, Blumenau, SC.

VINTE anos, cabelos e olhos castanhos. Gostaria de manter contato com outros rapazes com idade não superior à minha. Vilson. Caixa Postal 962, CEP 85800, Cascavél, Paraná.

AUSTRALIANO, quer se corresponder com rapazes brasileiros que lhe apresentem, por fotos, nossas famosas tangas. Stephen Starkey. 83 Carrington Road, Randwick, Sidney, Austrália.

MORENA, universitária, 20 anos, quer fazer novos amigos para relacionamento sincero. Pessoa de mente aberta, sem preconceitos. Carmen Lúcia Pereira da Silveira. Rua General Aurélio Vieira, 147, CEP 21351, Rio de Janeiro, RJ.

JOVENS realistas que desejem um amigo que não os envergonhe, não seja efeminado, nem use qualquer tipo de maricagem. José R. Garcez. Caixa Postal, nº 6, CEP 76300, Jataí, Goiás.

TODAS as idades: desejo me corresponder para fins de amizade. Sou moreno, olhos e cabelos castanhos, 1,65m, 51kg. Rua Professor Átila, 9, CEP 20920, Rio de Janeiro, RJ.

PAULISTA, 18 anos, deseja se corresponder com jovens que gostem de música, esportes, passeios e boa amizade. Rodolfo Augusto Costa. Caixa Postal 1814, CEP 01000, São Paulo, SP.

RAPAZ com boa aparência, sincero, discreto, educado, quer correspondência com rapazes que tenham as mesmas qualidades. C. Pedro. Caixa Postal 8740, CEP 80000, Curitiba, Paraná.

ENFERMEIRA, morena clara, cabelos e olhos castanhos, 1,67m, 20 anos, adora tudo que se relacione com arte. Quer se corresponder com pessoas gueis de qualquer idade. Solange. Rua Poconé, 332/102, CEP 20741, Rio de Janeiro, RJ.

CULTURA HOMOSSEXUAL: JÁ EXISTE?

De repente, um marco no panorama cultural da segunda metade do século XX: as minorias se conscientizam. Com tal procedimento elas prevêem suas possibilidades de sobrevivência e participação social, enquanto paralelamente inicia-se, a partir delas, uma cultura própria, específica e, como não poderia deixar de ser, desvinculada, sempre que necessário, dos moldes tradicionais do sistema. Talvez seja cedo demais para previsões, mas a cultura minoritária, que apenas começa porém está latente na contemporaneidade, será decisiva na organização social do futuro. E como não se pode dissociar o fenômeno social do político, significa que as idéias e os ideais das minorias participarão decisivamente do panorama político internacional daqui a dez anos, talvez até menos. Só quem continua usando viseiras não enxergará algo tão evidente! Poderio nenhum conseguirá sufocar de forma definitiva os atuais movimentos das minorias discriminadas! A semente da conscientização minoritária está lançada e brota no mundo todo; e mesmo pisada ela germinará sempre,resistindo às múltiplas formas de repressão dos sistemas.

Todos os elementos minoritários "incômodos à sociedade bem constituída", como os negros, mulheres, homossexuais, prostitutas, índios, presidiários, menores marginalizados, etc., e a própria natureza, através da ecologia, estão levantando bandeiras, conclamando seus direitos. A marginalização imposta pelo sistema (e ainda existente) começa porém a preocupar os próprios opressores, cujas estruturas não são tão invulneráveis quanto eles imaginavam: dependendo do nível de conscientização, que poderá ser retardado mas não extinto, as minorias irão de repente demonstrar que, juntas, formam um percentual muitas e muitas vezes mais numeroso que o dominante. E a "minoria" dominante sabe disto, reconhece a sua importância e o seu perigo(para ele) e, neste sentido, está bem mais conscientizada que as próprias, as verdadeiras minorias discriminadas.

A repressão foi uma das maneiras de contê-las enquanto possível; a outra foi a manutenção da ignorância. Não vamos duvidar ou menosprezar a sua eficácia: o resultado dos 15 anos ainda está aí, bem evidente. Mas até quando o sistema agüentaria incólume? Não foi, ou melhor, não está sendo portanto, uma concessão bondosa e benevolente, a permissão **também** a nós, minoritários, de algumas aberturas — é a própria subsistência do sistema que está (ou estava?) sendo ameaçada, porque, queiram ou não, dele participam **todos**, claro que de maneiras diferentes, uns com vantagens e prioridades, outros perseguidos ou discriminados, porém, **tosoa:** opressores e oprimidos, majoritários ou minoritários, ricos ou pobres, benquistos ou malquistos, moralistas ou amorais. Não interessa portanto às minorias a inversão, isto é, passar de oprimido a opressor, mas participar de uma sociedade eqüitativa para a qual elas possam dar a sua contribuição e ter os seus direitos reconhecidos.

Toda cultura decorre, principalmente, do "modus vivendi" de cada agrupamento humano. Nesse sentido, podemos dizer que as culturas minoritárias ainda têm muito pela frente. Se, para facilitar definições, tomarmos como ponto de referência da civilização atual o advento da era industrial, veremos que as primeiras feministas começaram a dar guardachuvadas nos "porcos-chauvinistas" mais ou menos por volta de 1900. A elas portanto a láurea da vanguarda entre as minorias. Os negros norte-americanos (se não me falha a informação) iniciaram os primeiros grupos de conscientização depois da Segunda Guerra. Os homossexuais levantaram as cabeças e organizaram-se há pouco mais de 15 anos. Os grupos ecológicos surgiram recentemente, despertados pelos irreversíveis flagelos causados pela tecnologia e pelo poder consumista. As prostitutas fazem (corajosamente) protestos públicos pelos crimes impunes praticados contra a classe, porém os nossos índios ainda estão na dependência da benevolência oficial e, em relação à chamada marginalidade criminal, só foi dado o alerta. Contudo, o importante é que já existe uma tomada de consciência **das e sobre** as minorias.

Esse primeiro passo da conscientização inicia-se individualmente, quase sempre provocado pela problemática do indivíduo minoritário, que posteriormente procura o apoio e o diálogo com os seus semelhantes. É desse diálogo que advém a descoberta dos direitos dos que já então podem ser considerados elementos de um agrupamento social, e naturalmente, do próprio convívio coletivo saem os elementos culturais. É preciso que se entendam como elementos culturais todas as manifestações vivenciais dentro do grupo, não apenas as "obras culturais" científicas, literárias, artísticas, etc., que usam esses elementos vivenciais ou fazem a análise deles. Assim, também é elemento cultural a maneira de usar uma roupa, de cozinhar um legume, de adotar um neologismo, de reagir a uma acusação.

O desconhecimento, a má informação ou o conhecimento apenas teórico das minorias têm causado enormes enganos e confusões por parte daqueles que, estando de fora, se metem a opinar ou a estudá-las. Mesmo com boas intenções, muita gente considerada séria e sabida borrou-se toda. Exemplos que me ocorrem no momento: José de Alencar queria bem os nossos índios, mas a sua visão foi distorcida pela cultura européia da época. Carlos Gomes não deixou por menos: colocou os mesmos índios cantando ópera em italiano. É bonito, sentimental e chega a ser engraçado, mas... pode? Gilberto Freire engendrou uma falsa idéia do negro brasileiro adotando um padrão branco, paternalista e castrador, para provar que no Brasil não existem preconceitos. E em relação à homossexualidade é um Deus nos acuda! Os desastres cometidos, sempre com intenção de **estudar** e ajudar a **curar** os "pobres anormais" parecem um engavetamento de carros em estrada de muita neblina.

Participei, certa vez, de um programa de tevê para discussão do homossexualismo em geral e transexualismo em particular. Bem, quase não me deixaram abrir a boca (nem sei a razão do convite), porque a orientação do programa já estava a priori determinada e essa diretriz foi dada principalmente por uma psicóloga que, menos emocionável e mais precavida que eu, levara um texto já bem decorado. Não é preciso dizer que a sua "defesa" do homossexualismo era um amontoado de barbaridades compiladas de livros sobre essa "anormalidade sexual", propondo atitudes familiares de "prevenção do mal" e curas psicológicas. Dessa mesa de debates participavam também personalidades médicas. Não me reconhecendo (também, isso não é obrigação, entenda-se bem), e não me identificando pelo nome, a tal senhora, pouco antes do programa, perguntou o que eu era. Observando a minha barba branca, esperava no mínimo que a minha resposta fosse "psiquiatra". — Sou homossexual conscientizado e assumido — respondi. Pela cara de espanto e pela resposta — "nunca imaginei que isso existisse!" —, pode-se imaginar o seu conhecimento sobre o assunto. O que é triste ou digamos **desastroso**, e que esses conceitos errados, tidos como avançadinhos (já imaginou alguém dissertando sobre homossexualismo na televisão brasileira?) são ouvidos e assimilados por alguns milhões de pessoas. Pode?

Eu classificaria a cultura minoritária em três espécies ou etapas: a primeira, aquela que se faz **sobre** ela, olhando-a de fora; a segunda, produzida por elemento ainda não conscientizado da minoria; no caso de obra realizada, ela pode ser ou não sobre a minoria, servindo como referência. Exemplo: a obra não homossexual de Oscar Wilde. Finalmente a terceira, que é construída por elementos conscientizados, portanto com bases próprias e conhecimento de causa, relegando os moldes convencionais. É possível que nem todas as culturas minoritárias caibam nestes padrões. É possível igualmente que eu generalize aquilo que esteja pensando sobre homossexualismo com extensão à cultura negra, à feminista e talvez à indígena. Porque outras, isto é óbvio, não têm outro jeito senão serem vistas e interpretadas de fora, como a ecológica; e daí para diante, cada uma com suas particularidades. Isto prova que elas podem ser reivindicadas juntamente, mas nem sempre metidas no mesmo saco. Vamos, portanto, falar de homossexualismo.

Creio ser bastante discutível o valor, para uma minoria, da obra de um elemento a ela pertencente, mesmo que o tema tratado seja o da minoria, mas visto sob o prisma comum e majoritário, sem portanto a conscientização pessoal minoritária. Não sei se me explico bem: o fato, por exemplo, de um escritor ser homossexual, não quer dizer que a sua obra constitua objetivamente **cultura homossexual** ou que contribua para ela. Até pelo contrário: o não assumir-se quase sempre resulta numa série de preconceitos mais graves que os dos não minoritários. Entende-se que não entram aqui os valores estéticos de uma obra, mas a ética do autor, em relação à sua minoria. André Gide pôs **também** a sua sensibilidade homossexual no que escreveu. Ótimo. Mas só teve coragem de confessar que esteve com outro homem, no caso um adolescente árabe, no finalzinho do "Imoralista". Certo que eram outros tempos, mas...

Com isto quero dizer que é mesmo importante que Gide, Wilde, Da Vinci e outros tantos façam parte da minoria homossexual, mas ética e objetivamente, eles são principalmente elementos de citação: "Sabe? Fulano também foi homossexual, portanto..." Será isto o que interessa no momento? Consolar-se porque alguns grandes também foram? Ou de uma vez por todas assumir e reivindicar pra valer?

A partir do momento em que apenas as referências bibliográficas e históricas não nos bastam, em que não se necessita de consolos, em que desprezamos os enrustidos, em que nos ressentimos pelo que alguns homos poderiam ter feito com o seu talento e não o fizeram, em que nos recusamos a servir de cobaias para que cientistas e sociólogos determinem nosso comportamento, em que nos apoiaremos para caminhar com nossos próprios passos e pelos nossos próprios caminhos, tão pouco definidos ainda? A resposta é: numa cultura nascente, e que, por ser muito nova, ainda não foi devidamente pesquisada, nem por nós mesmos. E cultura ganha então aquele sentido amplo de comportamento vivencial, de forma ou formas de pensamento, de consciência coletiva, de aproveitamento de capacidade ainda não exploradas e inerentes à própria sensibilidade minoritária. A vivência minoritária é cultura latente, presente. Assim sendo, tanto contribuirão para uma cultura homossexual o ensaísta conscientizado, o artista que retrate aspectos desse contidiano, o entendido que não pretenda criar nada mas que viva a sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá **shows** na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti-prostituto que leva porrada da polícia, etc., etc...

É preciso considerar que alguns aspectos da homossexualidade são estereótipos determinados pela própria opressão do sistema, e que tendem a desaparecer ou abrandar-se com o afrouxamento dos preceitos morais e com a conscientização, mas isto são outros quinhentos. É da argamassa de tudo isto, da misturada ainda informa dessas sexualidades até há pouco consideradas anormais, do "basta" que decidirmos dar à opressão, do direito de dispormos do nosso próprio corpo, da apologia do prazer como um direito, que está brotando a consciência homossexual. Dela se filtrará uma cultura específica. O importante será deixá-la desenvolver-se em toda a sua força, não importa se meio desajeitada e sem boas maneiras, que ninguém está interessado em criar moldes ou disciplinar ninguém. Chega! Deus nos livre! E o sistema que se prepare: temos muito o que dizer e muitos passos novos, que eles terão que aprender para dançar com a gente. (**Darcy Penteado**).

Consciência negra sai às ruas, em todo o Brasil

Às 18 horas do dia 20 de novembro, em cidades de quase todo o Brasil, Zumbi, o líder do Quilombo dos Palmares foi homenageado com atos públicos e passeatas que marcaram o Dia Nacional da Consciência Negra. O ato nacional — convocado em todas as capitais do país — foi coordenado pelo MNU — Movimento Negro Unificado.

Ostentando faixas e cartazes, e entoando canções, os negros reivindicaram melhores condições de vida e denunciaram arbitrariedades. Ao som dos atabaques, e diante de representantes de inúmeras entidades negras e algumas brancas (os homossexuais estiveram representados, em São Paulo, pelo grupo Somos) foi lido um documento que dizia, em seu trecho principal: "Continuamos marginalizados na sociedade brasileira, que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito á educação, saúde, moradia decente. Toda essa situação é garantida pela repressão policial, que nos impede de andar livremente pelas ruas, humilhando-nos com a exigência constante de documentos, batendo e prendendo e até mesmo assassinando".

Na manifestação de São Paulo, tanto o pessoal do Somos como representantes de grupos feministas leram moções de apoio à causa dos negros. A Semana de Zumbi continuou em todo o Brasil, lembrando a história e as lutas atuais dos negros brasileiros com projeção de filmes, danças, muita música e palestras. (Baba Barrinhos)

(Mais detalhes da manifestação do MNU no Rio à Página 12).

Quanto vale o negro brasileiro?

As mais diversas tendências políticas e religiosas brasileiras marcaram, este ano, a bandeira do problema do negro. O Poder Público, através do Presidente João Baptista de Figueiredo, encabeçando uma política populista. A Igreja Católica, através dos sucessivos pronunciamentos da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, buscando o ajustamento social. A Sociedade Pelo Progresso da Ciência na tentativa de solucionar a catalogação dos grupos étnicos. O ex-govenador Leonel Brizola tentando engrossar as suas fileiras na face da reorganização do Partido Trabalhista. Enfim, a conquista do negro se manifesta em facções diversas, a minoria dominante busca na comunidade negra o apoio necessário para a sua manutenção na posse das riquezas, e acúmulo de novos lucros, para sua participação na camada decisória e para usufruir dos benefícios nacionais e internacionais que advêm do domínio. Setenta e oito por cento da população brasileira é constituída por negros e mestiços, sem nenhuma representatividade nas tendências políticas e religiosas apontadas no parágrafo, acima. Uma maioria populacional vivendo em situação tão inferior que teve excluído do recenseamento o item que determinava a cor de sua pele. Desde o estabelecimento do regime ditatorial militarista em 1964, seguindo ordens externas, o governo brasileiro aumentou a força anulatória dos valores culturais, políticos e sociais do negro brasileiro. A partir de 1973, quando foi criada a Comissão Trilateral, o negro brasileiro foi reconsiderado nos quadros políticos, não quanto à sua etnia e sim quanto à parcela produtora de economia.

Os negros reunidos na Cinelândia, na homenagem a Zumbi (fotos de Januário Garcia)

"A ascensão de Carter ao governo dos Estados Unidos significou uma profunda mudança na política externa daquele país. Até então o realismo político no estilo Kissinger dava maior ênfase aos problemas de ordem política. Daí os eixos das relações internacionais se terem caracterizado pela oposição leste-oeste, ou capitalismo versus socialismo, ou EUA versus URSS. Nesta perspectiva os países do Terceiro Mundo apresentavam-se como áreas estratégicas para a segurança dos Estados Unidos. É por aí que se compreende como uma orientação definitivamente militarista serviu de base para o "pentagonismo" e a "ideologia de segurança nacional". As ditaduras militares da América Latina (Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina) foram criadas e mantidas pelos EUA exatamente como elementos de sua sustentação política. Todavia, os Países do Terceiro Mundo passaram a ameaçar as nações industrializadas na medida em que, por um lado, buscavam formar Associações, como a OPEP, para controlar os preços de suas matérias-primas estratégicas, e por outro lado enquanto países pobres, colocavam a exigência da instauração de uma Nova Ordem Econômica Internacional, caracterizada por uma redistribuição fundamental das riquezas entre os países ricos e pobres.

Em face deste desafio lançado pelo Terceiro Mundo e pela ameaça que ele representava para o capitalismo internacional, foi criada a Comissão Trilateral em 1973. Seu nome provém do fato de que seus membros são empresários, banqueiros e políticos (D. Rockefeller, J. Carter, Z. Brzezinski, Cyrus Vance, o Presidente da GM, da ITT, da US. Steel, etc.) do tríplice bloco econômico que constituem EUA, Europa Ocidental e Japão. Os pontos básicos que a caracterizam como metodologia e tendência são: — O problema prioritário que atualmente se constitui como desafio universal é a ordem do econômico e não do político. Ele se concretiza na tensão norte-sul, ou seja, uma oposição entre países pobres e países ricos. Há que calar temporariamente o "Terceiro Mundo" mediante a realização de reformas importantes que atinjam o sistema em suas estruturas. Tais reformas só visam a sua salvação. — A noção de "interdependência" direciona sua conduta na medida em que se opõe à noção de isolacionismo, proposta pelos países do Terceiro Mundo. Segundo Brzezinski, ela consiste na promoção de uma "ordem mais eqüitativa", ou seja no fomento de um desenvolvimento dependente que, neutralizando as exigências mais radicias, concederá certos benefícios econômicos aos países do Terceiro Mundo.

Esses pontos refletem como o Imperalismo vem reagindo também em face das derrotas político-militares que sofrem na Indochina (Vietnam, Camboja e Laos) assim como nos países africanos de língua portuguesa (Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Thomé e Príncipe). Na medida em que o Governo Carter é o primeiro a adotar a prática "Trilaterismo", compreendemos que a ênfase concedida à questão dos direitos humanos não passa de um efeito das articulações operadas no plano político e econômico. Para isso basta que se observe a conclusão a que chegou o trilateralismo em termos de América Latina: o militarismo latino-americano não possui capacitação para efetuar um tipo de desenvolvimento que favoreça aos interesses econômicos dos componentes do Pacto Trilateral. O que se percebe de tudo isso é que para países como o Brasil, as condições necessárias para um crescimento econômico "adequado" só pode ser as que se seguem: governo civil e democracia formal (burguesa) que favoreça certa prosperidade à classe média, à pequena indústria e aos grupos comerciais dependentes, além de uma redistribuição mais eqüitativa de rendas.

É por aí que se pode compreender porque o advento do governo Geisel se faz anunciar com promessa de abertura lenta, gradual e segura que conduziria à chamada abertura do governo Figueiredo. Essa mudança não significa nada mais do que a necessidade do regime de readaptação aos conchavos internacionais e de pressão interna dos movimentos populares.

Vemos que há um "perfeito" e conincidente casamento" entre estes eixos e a nova política governamental do Presidente Figueiredo que se reflete numa anistia restrita, parcial, na reformulação partidária "à moda da casa, nova CLT, a nova política salarial, que representa um falso aumento semestral, numa tentativa de desmobilização dos movimentos populares reinvindicativos" (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial — Boletim Informativo — páginas 8 a 10 — Setembro/ 79). A reprodução do estudo do MNUCDR estabelece as diretrizes para o que ocorre com todas as tendências políticas e religiosas quanto ao comportamento a respeito do negro brasileiro. A Igreja Católica se integra, perfeitamente, nesta comissão Trilateral, com bases no seu passado histórico e de acordo com a sua estrutura atual. A riqueza do Vaticano foi fortalecida, principalmente, com o ouro extraído do Brasil na época da Colônia e hoje dezenas de multinacionais italianas atuam no mercado internacional desde a indústria da bebida alcoólica até a fabricação de armamentos militares. Incorporada, por tal situação, ao Trilateralismo, a Igreja, em nome de Deus, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, busca a revisão do problema negro.

A Sociedade pelo Progresso da Ciência, nos meados deste ano, preparou um vasto simpósio reservando um capítulo para o estudo do problema do negro no Brasil. Convidado a participar do simpósio, o etnólogo Eduardo Oliveira e Oliveira propôs que vários negros, estudiosos de seus próprios problemas, compusessem uma comissão. Aí o capítulo se desmoronou após uma acirrada discussão e a discriminação racial se evidenciou. O que não se conta é que tais cientistas progressistas (socialistas, porque não esclarecer?) estudaram na deturpada escola do psiquiatra baiano Nina Rodrigues.

A investida de Leonel Brizola e os acenos de participação na vida partidária do PTB que se forma têm seus fundamentos numa discussão nos Estados Unidos com o Embaixador americano, o negro Andrew Young. Na oportunidade, com veemência, Young afirmou não entender um partido com bases populares, onde o negro não atuasse e nem tivesse representatividade, embora somasse quase 80% da população do país. Desde sua fundação o PTB usou e abusou do negro, inclusive como capanga, cabo eleitoral e criado de recados, quase escravo. Agora, ativado pelo Trilateralismo, Leonel Brizola acena com as possibilidades de uma vida partidária no seio de uma facção política confusa e indecisa, e acima de tudo discriminante.

Na área da ciência, principalmente entre os psicanalistas, psicólogos e psiquiatras, a situação é de máxima repressão. Aí do negro sonhador que se lança aos estudos buscando galgar uma posição nesta área. Vai longe o tempo. Em que o negro Juliano Moreira pôde exercer livremente a psiquiatria, inclusive desenvolvendo aprofundado estudos. Em 1977 um jovem Otelino, negrinho abusado, quase estagiário, recem-formado, se viu jogado na rua da amargura sem apoio moral e profissional, inquesicionado que foi pelos seus colegas brancos da Casa de Saúde Doutor Eiras. Onde já se viu um negro querer tratar das doenças mentais? Onde já se viu um negro saber o que se passa numa cabeça branca? Aliás, as condições subumanas que são reservadas ao negro brasileiro não o permitem frequentar os requintados consultórios e clínicas de psiquiatras, psicanalistas e psicólogos. O paciente negro quando consegue internação é hospedado num sanatório sujo, leva choques elétricos e serve de cobaia para drogas que as multinacionais costumam usar amplamente nas guerras contra os seus prisioneiros ou na anulação de seus "heróis" inválidos.

Na área técnica o negro consegue ainda se esconder entre os operários menos especializados, mas quando um graduado superior se sobressai e ameaça a posição dos dirigentes apadrinhados, logo é transferido, perde as vantagens salariais e na maioria das vezes é sumariamente, demitido. Aliás, existe um caso sério, o do Professor Sebastião de Olivera, do Instituo Oswaldo Cruz, de Manguinhos. Um dos maiores técnicos de sua área de ação profissional se viu demitido em 1968 acusado de subversão. O seu crime político era ser negro e Presidente do Renascença Clube. Na área artística e esportiva, dois casos nacionais bastam para iluminar e ilustrar a minha afirmação. O Compositor Martinho da Vila foi boicotado de todas as formas na RCA em 1977 e 1978. Só conseguiu escapar da desgraça devido à pronta ação de jornalistas do Rio e São Paulo, que denunciaram a sórdida trama. No Futebol, Paulo César Lima, um dos maiores jogadores brasileiros da atualidade, por sua consciência negra e profissional foi sumariamente barrado da seleção brasileira. Futebol é esporte popular e antes da comissão Trilateral, o povo não contava. A seleção brasileira é comandada pelo Almirante Heleno Nunes, que por sua vez era chefiado pelo Almirante Jerônimo Bastos da Confederação Nacional dos Desportos, e o técnico do time é o Capitão Cláudio Coutinho. Talvez, com a abertura, se abra novamente, a vaga do Paulo Cesar Lima no time brasileiro. Esta questão do negro era por mim análisada quando no dia 20 de novembro, às 18 horas, passei pela Cinelândia e ouvi centenas de pessoas negras, e uma minoria de outras raças, cheia de curiosidade. O grupo negro lia em uníssono o Manifesto Nacional a Zumbi. Tal manifestação respondeu à minha indagação: quanto vale o negro brasileiro?

"A população negra brasileira hoje se encontra numa situação que não é muito diferente de há 90 anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram. Continuamos marginalizados na sociedade brasileira que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalização, negando-nos o direito à educação, à saúde e à moradia decente. Toda a situação é garantida pela repressão e violência policial que nos impede de andar livremente pelas ruas, humilhando-nos com a exigência constante de documentos, batendo, prendendo e até mesmo assassinando.

"Apesar das tentativas de negar o racismo existente, a dura realidade em que vivemos prova que isso não é verdade. E a luta de libertação do povo negro no Brasil não começou agora. Há mais de 400 anos, quando se iniciava o processo de escravidão no Brasil, começa também a reação dos negros. Entre as diversas insurreições e revoltas que aconteceram, os Quilombos de Palmares, formados em 1595, foram os maiores e os que mais tempo duraram, chegando a abrigar mais de 2.500 quilombolas, negros em sua maioria, mas também indios e brancos, que durante mais de cem anos estiveram em luta permanente pela sua liberdade e pela libertação de todos os oprimidos. Entre todos os dirigentes dos Quilombos, o mais fiel a esse princípio foi Zumbi, que não permitiu em nenhum momento qualquer tipo de acordo que significasse a continuidade da escravidão, que golpeasse as conquistas alcançadas pelos quilombos, que limitasse a independência de Palmares.

"No dia 20 de novembro de 1695, Zumbi foi assassinado, juntamente com 20 companheiros, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, que é apresentado como herói pela classe dominante; na verdade ele foi assassinado de indios e negros a serviços do colonizador branco. Zumbi expressou a maior avanço na luta de todos os oprimidos em nossa história, e expressa, portanto, o mais elevado nível de consciência política de um país de maioria negra como o Brasil. Continuando o processo de libertação do povo negro brasileiro, foi criado um São Paulo o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, e já se ampliou aos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo; ele tem como objetivos básicos a denúncia permanente de todo o ato de discriminação racial, mobilizando e organizando a população negra. Zumbi é o grande símbolo de nossa luta de libertação, e por isso afirmamos 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra." **(Rubem Confete)**

ENTREVISTA

Zezé Motta, negra e mulher-bicha

Zezé Motta falou para LAMPIÃO no camarim do Teatro Sesc, em São Paulo, durante a apresentação do Projeto Pixinguinha, quando dividiu a cena com Luiz Melodia e Marina. A entrevista durou cerca de uma hora, antes do **show**, enquanto ela se maquilava, e tem muito a ver com esse trabalho que a atriz/cantora compõe meticulosamente: enquanto ia desenhando o rosto com que ia aparecer em cena, ao mesmo tempo, ela se desnudava diante de nós. Zezé é sempre muito sincera, se entrega muito, na vida pessoal, no trabalho e nas respostas que dá a cada entrevista: coisas de mulher curtida, inteligente e muitos sensível, qualidades que estão bem à mostra nos seus olhos sempre muito expressivos. A Paulo Augusto e Francisco Fukushima (que também fez as fotos), ela falou de coisas como feminismo, movimento negro e poder guei, declarando-se, ao final da entrevista, uma mulher "muito bicha". Nós concordamos com ela.

Fukushima — **Quem é Zezé Motta?**

Zezé — É aquela pessoa que se chama Maria José Mota de Oliveira. Quando eu resolvi fazer teatro, disseram que eu deveria ter um nome artístico. Achava muito esquisito ter que trocar de nome. Então eu pedi uma sugestão a Marília Pera, e ela disse que não deveria trocar. Todos já me chamavam de Zezé. Era só usar um dos sobrenomes. Pensei em Zezé Oliveira, mas achei que Motta soava melhor.

Paulo — **Quando começou sua carreira?**

Zezé — Comecei em 67, quando atuei em "Roda Viva", do Chico.

Fukushima — **É difícil conversar contigo sem deixar de mencionar a "Xica da Silva". Então eu lhe pergunto: Qual a semelhança que você descobriu existir em seu interior com essa personagem que a consagrou?**

Zezé — O que identifica com Xica da Silva é uma coisa assim de uma pessoa não acomodada. Muito batalhadora e política nata. Ela era uma pessoa analfabeta mas não se acomodou na posição de escrava. Eu acho isso muito parecido comigo porque quando eu queria fazer teatro, por exemplo, minha mãe, que era costureira, aconselhava: "Olha, eu acho que você deveria aprender a costurar". Porque quando eles foram para o Brasil... ah, acho que estou ficando louca; quando eles vieram para o Rio de Janeiro (**n.r. Zezé nasceu e morava em Campos**), como todas as pessoas pobres, estavam dispostas a batalha a vida, né? É minha mãe costurava muito e em pouco tempo eles conseguiram muitas coisas, sabe?

Paulo — **Nessa época o mundo artístico era visto como uma coisa marginalizada?**

Zezé — Tinha isso sim, mas isso não passava muito pela cabeça da minha família, porque meu pai era músico. A mentalidade era outra. Mas aí eu batalhei. E teve época em que só ficava ajudando a minha mãe na costura. Mas teve um tempo em que só fazia teatro e essa transação de costura me valeu, porque pintou o mesmo bode que pintou para o meu pai. Pintou a fase de desemprego. Então eu fazia umas roupas bem loucas, sabe? E oferecia para as próprias pessoas de teatro, ia na televisão.. Eu ligava para as pessoas... Marieta Severo, Marília Pera, mil pessoas. E dizia: "Olha, eu não estou trabalhando, então estou fazendo umas roupas aqui. Você não quer dar uma olhada?". E as pessoas iam muito numa de dar uma força, mas as roupas eram realmente muito bonitas (**rindo**).

Fukushima — **Você é católica ou umbandista?**

Zezé — Eu não sou de nada (**rindo**). Mas eu levo fé nos meus orixás (**séria**).

Fukushima — **Houve uma época em que Zezé Motta era uma negra enrustida. Ela usava peruca, queria ter olhos verdes e procurava disfarçar a negritude. Depois ela assumiu a sua raça com muita garra. Como foi essa tomada de consciência?**

Zezé — O que disse é verdade. A minha tomada de consciência é a própria vivência. Mas tem muito a ver com a viagem que fiz aos Estados Unidos para trabalhar "Zumbi dos Palmares". Ajudou também quando resolvi estudar cultura negra. Fiquei muito envolvida com o conteúdo de tudo aquilo. Aí deu vontade de ser negra mesmo.

Paulo — **E você não acha que ficou muito mais bonita...**

Zezé — Claro, sem dúvida.

Paulo — **Quantas vezes você foi empregada doméstica ou escrava numa novela ou peça de teatro?**

Zezé — Eu perdi a conta (rindo).

Paulo — **Alguma queixa contra isso?**

Zezé — Não. Foi coisa do passado.

Fukushima — **Você acredita que o seu trabalho está ajudando o movimento negro no Brasil?**

Zezé — Olha, eu não sei até que ponto está ajudando. Eu acho que eles se sentem mais animados com o meu sucesso. Quando pintei nas paradas e as pessoas diziam que tinha surgido uma nova estrela e não-sei-o-quê, comecei a receber cartas de outros negros. Eles diziam: "Olha, eu passo pelos mesmos sufocos que você passou para chegar onde está, mas agora que você conseguiu, nos sentimos mais animados". Então eu fiquei muito contente com isso, porque de uma certa forma, durante muitos anos, tá certo, o negro foi injustiçado. Mas ao mesmo tempo ele ficou muito passivo diante de tudo isso. Quer dizer, ficou muito tempo só se queixando, se lamentando, sem batalhar pelo seu espaço. Então por esse ângulo eu tenho dado uma força porque os outros negros que estavam em evidência eram ligados a uma só área. Não tinha uma pessoa transando cinema, teatro e disco.

Fukushima — **Mas no seu repertório eu não encontrei uma música dirigida a sua luta contra a discriminação racial no Brasil ao negro. Acredito que seria uma forma sistemática de se voltar à defesa do negro e seu espaço na sociedade.**

Zezé — Sabe o que acontece? Eu não componho. Fico na dependência de compositores. Todo mundo está sabendo que eu tenho interesse. Eu não posso encostar ninguém na parede. Mas eu gravei "Negritude", que é um hino para o negro. É uma música lindíssima.

Fukushima — **Mas eu não vejo a Zezé Motta cantando "Negritude" neste show. Além disso você vai às rádios e não divulga essa música.**

Zezé — Isso é um problema interno. Nas rádios não toca porque a gravadora escolheu que a gente iria trabalhar "Senhora Liberdade". É esquema comercial a que a gente não pode fugir. Mas vai tocar porque o disco (LP "Negritude") ainda vai pintar por muito tempo. Agora eu não canto no show porque simplesmente eu dependo de percussão e não temos percussionista nesta excursão.

Paulo — **O que você acha da Lei Afonso Arinos, recentemente "enterrada" em São Paulo por membros do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial?**

Zezé — Enterrada?

Paulo — **Sim, num ato simbólico. Tudo por causa da proibição de uma advogada negra entrar prédio. Você soube da história?**

Zezé — Não, não soube não.

Paulo — **Pois é, ela ia visitar um amigo e o porteiro pediu que ela entrasse pelo elevador de serviço. Por causa disso ela entrou com uma ação na Justiça para que fosse aplicada a Lei Afonso Arinos. Mas a Justiça não achou como enquadrar aquela ação do porteiro dentro de uma discriminação racial.**

Zezé — Ah, não, é? (**surpresa**) Isso é mais uma prova de que existe uma discriminação racial camuflada no Brasil. Tá na cara. Eu estive na Argentina e me perguntaram muito sobre isso. Quando voltei ao Brasil tinha se feito um maior escândalo por causa das minhas declarações de que aqui havia discriminação racial. Esse tipo de coisa acontece diariamente. Isso já aconteceu comigo mesma num edifício em Copacabana que não era nem de luxo. Eu estava visitando um ator, que é o André Valli. O porteiro me proibiu de entrar pela porta da frente. Eu empurrei ele, entrei no elevador, e ele desligou o elevador. Eu tenho claustrofobia. Fiquei em crise porque o elevador ficou parado entre dois andares. Comecei a chorar. Fiquei com medo de que ele me trancasse ali. Quando ele ligou tive que saltar no andar de cima. Tive que abrir as pernas e usar as escadas. Claustrofobia é uma coisa muito de cabeça. Se ficasse mais tempo poderia correr o risco de entrar num delírio e morrer sufocada. Além disso, já tive experiências em que estava num lugar e queriam que eu justificasse a minha presença. Perguntavam: "Quem é ela? O que faz?" e coisas do gênero. Isso aconteceu na própria Bahia, que é uma terra de negros.

Paulo — **Na Bahia mesmo?**

Zezé — Na Bahia! Uma loucura. Eu fiquei sabendo de um outro caso em que um clube em Florianópolis, se não me engano, tem uma corda que separa negro e branco. Eu queria ter tempo para ir lá e fazer uma campanha para politizar os negros do local. Infelizmente há uma alienação e os negros continuam frequentando o clube. Não devem freqüentar. Não sei direito onde é o lugar. (**n.r. Se alguém souber do local, comunique-se**).

Paulo — **O movimento negro tenta radicalizar o preconceito para que a coisa seja realmente vista. Uma coisa mais concreta como nos Estados Unidos...**

Zezé — Não sou a favor disso não. Eu sou a favor de que negros e brancos se transem numa boa. Tanto é que muitas pessoas falam prá mim: "mas o seu marido é branco. Como é essa história?". O meu marido é branco justamente porque não tenho nada contra branco. Eu quero transar numa legal com branco, sabe como é que é? Eu já tive maridos de todas as cores, de todas as raças (**rindo**)... e pretendo tê-los (**ainda rindo**).

Paulo — **O que você tem feito e o que as pessoas negras com destaque podem fazer pela superação ou anulação desse preconceito? Você acha que a luta está bem encaminhada?**

Zezé — Eu só tenho feito é denunciar. Tento fazer um trabalho bem honesto, bem profissional para não dar motivos prá dizerem "tá vendo, olhem aí ó" (**rindo**). Já existem muitos discursos pejorativos dos colonizadores contra o negro. Eu acho que o negro que tem chance de estar em evidência e mostrar do que somos capazes já está fazendo alguma coisa.

Fukushima — **Você não acha isso um processo muito cômodo?**

Zezé — Pode ser, mas é o que eu posso fazer. Falta tempo. Acho também que ficar só discutindo não resolve. Eu sou muito impulsiva, intuitiva. Não sou uma intelectual.

FUKUSHIMA — As feministas são da opinião de que as mulheres devem mandar em seu próprio corpo. E também no próprio processo de reprodução. Elas são a favor do aborto e...

Zezé — Eu também sou a favor porque acho justo. Ter um filho que a gente não quer provoca rejeição. Não acho correto pôr mais um neurótico no mundo, ou ter um filho que a gente não pode segurar a barra, e essa coisa toda que a gente vê por aí. Um monte de maluquinhos soltos porque foi abandonado na porta de não-sei-de-quem, porque foi criado não-sei-como, ou porque percebe a rejeição da mãe.

Fukushima — **Mas você esteve em Cuba recentemente e não viu nada disso por lá.**

Zezé — Graças a Deus né? Mas isso é uma coisa clara. Num sistema capitalista isso existe. Em Cuba, por exemplo, não tem crianças passando fome e lá não é proibido o aborto. Em compensação, tem outras coisas proibidas que lamentavelmente ocorrem por lá. É o caso do homossexualismo.

Fukushima — **Na sua opinião uma mulher homossexual pode ser mais emancipada que uma que não é?**

Zezé — Eu não levo muito a sério a palavra homossexualismo ou lesbianismo. Eu sou contra rótulos. As pessoas são as pessoas. Têm que amar e dormir com as pessoas que amam. Um cara não tem que dormir com uma mulher pra mostrar à família que ele está dentro dos padrões normais. O mesmo também se aplica para as mulheres.

Fukushima — **Agora, responda se você quiser. Você já teve alguma experiência?**

Zezé — Não vou responder, porque isso não é pergunta que se faça (**rindo**). Eu só posso dizer o seguinte: se um dia eu amar uma mulher, não vou me reprimir.

Fukushima — E por que você está sempre acompanhada de bonecas? (gargalhada geral)

Zezé — (**rindo**) Deve ser porque eu sou muito bicha (**mais gargalhada**).

Paulo — **E você se acha uma boneca no palco? Pela forma de você se apresentar, mexer com o público, seus trejeitos...**

Zezé — Não, não me acho não. Pelo menos não tenho essa intenção.

Paulo — **Eu acho que depois de Elke falar assim: "Essa mulher é bicha" ou então "Ela está bichíssima". Você sabe, a bicha-louca chega a caricaturar muito a figura da mulher. Ela exagera muito...**

Zezé — Eu acho que estou mais prá Carmem Miranda do que prá bicha (**rindo**).

Paulo — **E o fato da identificação das bichas com você?**

Zezé — Eu não sei como é isso não. Mas acho ótimo que eles gostem de mim (**continua rindo**). Não sei como é o processo. Talvez tenha ligação com o meu visual andrógino quando comecei a pintar nas paradas de sucesso. Mas a Elke não tem esse visual e eles são tarados por ela. Por mim deve ser esse lance. Pode ser também um pouco de liberação.

Fukushima — **A Lecy Brandão gravou "Ombro Amigo" e Wanderléia "Você vai ser o meu escândalo". São músicas em que os gueis se identificam. A própria Lecy reconhece que compôs para os gueis. Então porque você não grava mensagens assim, já que o seu público mais fiel pertence ao gay power?**

Zezé — Olha, eu adoro o **gay power**, mas acho que tem coisa mais urgente para eu me preocupar.

DIA 31, TODO O MUNDO NA PRAIA: AXÉ!

Mesmo separados por idiomas, nações e processos históricos diferentes, os negros, desde o èxodo iniciado em 1501 rumo às Américas, mantiveram a unidade imposta pela cor e pela memória coletiva. E sobreviveram, principalmente pela resistência cultural da sua religiosidade, hoje permeando todas as camadas da sociedade brasileira, embora o pensamento colonizador e evolucionista continue classificando essas manifestações como bruxaria, magia, feitiçaria, animismo e fetichismo, até às mais variadas denominações de cultos afro-brasileiros, numa implícita negação do caráter religioso deixado pelos africanos e reelaborado pelos seus descendentes.

A identidade nacional revela-se a partir daí pluri e hetero-cultural, caracterizando dois sistemas institucionais — um compulsório e oficial e outro paralelo, alternativo e complementar. Uma estrutura dentro da outra, não estando ambas nem integradas nem isoladas, mas que fazem parte de uma peculiar experiência histórica, contraditória e complexa.

Uma revolução, silenciosa, de baixo pra cima, pelo inconsciente, · de dentro pra fora, já que os cultos afro-brasileiros, apesar de não aceitos pela cultura oficial, apesar de serem folclorizados e "sincretizados" pelo sistema dominante, branco, europeu e ocidental (cheinho de culpa e medo), vão devorando, triturando, digerindo esse mesmo sistema dominante e suas manifestações cristãs, kardecistas, orientalistas, caboclas, podendo-se dizer hoje que uma religião brasileira seria o somatório de todas essas tendências, com uma base africana. E que essa religião estaria viva, atuante, em constante transformação, mesmo debaixo da cinzenta ideologia elitista que perpetua estereótipos exótico/folclórico/turísticos. A perspectiva de um todo nos permitiria uma compreensão do sistema simbólico do qual participa o brasileiro e o latino-americano, colocando o continente na órbita de uma comunidade transatlântica, a ser ainda conscientizada na próxima década.

Mas vamos deixar de sociologuês e falar, isto é, negro. A história deste país é tão malcontada a nível cultural e religioso como no social e político. Só que hoje estamos cheios de progressistas liberais dispostos a discutir horas a instituição, o modo de produção e estratégias políticas, mas que não percebem que não estão com nenhum **axé** (a energia vital), e sim com um bruta mal olhado e precisavam mesmo é se integrar num terreiro e fazer um **bori.** Ou pelo menos sacar os mitos, deixar de lado esse raciocínio etnocêntrico tipo o-mundo-começou-quando-eu-nasci, tão incentivado pela psicanálise e psiquiatria que os transforma em megalomaníacos idiotas sem noção do sagrado, do mágico, do simbólico.

Queria falar aqui sobre a questão dos cultos afro-brasileiros, mas já percebi que tenho tantas e tão variadas informações que vou deixá-las correr soltas e livres sobre o papel, e seja o que Exu quiser, já que ele no culto africano é o princípio da dialética. Quando estive no primeiro congresso de Culturas Negras das Américas, realizado em Cali, Colômbia, em 77, que foi o primeiro encontro dos negros da diáspora depois de 500 anos, um acontecimento memorável e emocionante, as teses que mais sacudiram a assistência eram as que saíam da pura análise histórico-economicista e tentavam explicar a inacreditável resistência desse povo e dessa cultura em condições tão adversas e massacrantes. E os estudiosos mais ligados no simbólico, entre os quais um dos maiores antropólogos das Américas, o negro Manuel Zapatta Olivella, revelam que a explicação é realmente simbólica: em todo continente africano, seja no norte do deserto do Saara ou em Zanzibar, existe um pensamento comum, apesar das diferenças étnicas e de linguagem — a concepção religiosa do africano prevê um pacto entre o que nasce e um ancestral, que protege seu nascimento.

Por esse pacto o vivo deve defender sua vida, enriquecê-la, multiplicar sua descendência. Essa noção de vida, da existência correndo através de, é típica de todos os cultos africanos, que sempre têm como base o culto do ancestral, a relação com a morte. Já o índio, por exemplo, esteja ele na Terra do Fogo ou no Norte do Canadá, passando pelos Tupis brasileiros ou os quíchuas do Equador, estebelecem uma relação básica e sagrada com a terra, a sua terra. Dentro do pacto com seus ancestrais, eles não podem ser dominados nem servir na sua própria terra, preferindo a morte ou caindo num profundo processo de apatia até o extermínio. Daí se explica a coluna vertebral quebrada das nações indígenas submetidas. Elas perderam a relação com o sagrado, e estão à espera da morte.

Aliás todas as culturas têm determinada relação com a morte. O branco racionalizou a morte e a teme. E se neurotiza com isso. Na cultura ioruba, uma das mais fortes manifestações africanas no Brasil (chamada de candomblé), a morte e a vida fazem parte de um mesmo sistema, **olurum** — e o morto retorna, sempre que é invocado pela comunidade, para auxiliar no equilíbrio social e ecológico, dando conselhos, fazendo proibições, regulamentando as relações internas. Esse culto dos ancestrais, aqui no Brasil, só existe atualmente na ilha de Itaparica, na Bahia, em três terreiros cada vez mais acuados pela predação imobiliária (vide os Mediterranée da vida, que praticamente tomaram conta de Itaparica com total apoio governamental para suas sacanagens — não que eu tenha nada contra a sacanagem, tenho é contra a sacanagem babaca do francês classe média, que trepa por trepar, numa de **poder é comer**).

Aí que de repente entrei por uma digressão. Coisas de Exu... Mas voltando: Vamos tentar simplificar ao máximo o princípio da religião africana: de um lado, o culto dos ancestrais, profundo, secreto, denso, perigoso. Uma cerimônia absolutamente desestruturante para um materislista despreparado, já que a morte fica ali, na tua frente, palpável, que morte porra nenhuma, é a vida mesmo, é a energia que nunca acaba, que passa de ser pra ser, de geração pra geração, de hálito pra hálito. Do outro lado, o culto dos orixás, que são as entidades da natureza, que são as forças da natureza. Oxum, Xangô, Nanã, Ogun, Iansã, forças vitais que falam pela música, pela dança, pela pantomima. A grandiosa tentativa do homem de estender sua personalidade além da medida humana. O atabaque, por exemplo, tem uma significação que não se esgota na simples qualidade de instrumento de ritmo musical. Muito mais que isso: o atabaque é fonte de ritmo cósmico, arquivo das complicadas harmonias do universo, poder que suscita poderes que regem a ordem do mundo.

Nas religiões africanas dança-se. Aliás, que me perdoem os materialistas duros de cintura, mas é isso que signficia **odara,** em ioruba. Não foi invenção do seu Caetano Veloso não, ouviu, Henfil? É o nome sagrado dessa força da dança, do ritmo, do corpo. Aliás, estive na Nigéria na mesma época que o Caetano e o Gil, durante o FESTAC, em 77. Daí entender o processo de descolonização total por que passaram os dois, do processo de identidade cultural com nossos irmãos africanos, que são os reis nesse planeta em matéria de música e dança, e que estão nos embalando ao som das suas melodias há muitos anos, só não percebe quem é idiota.

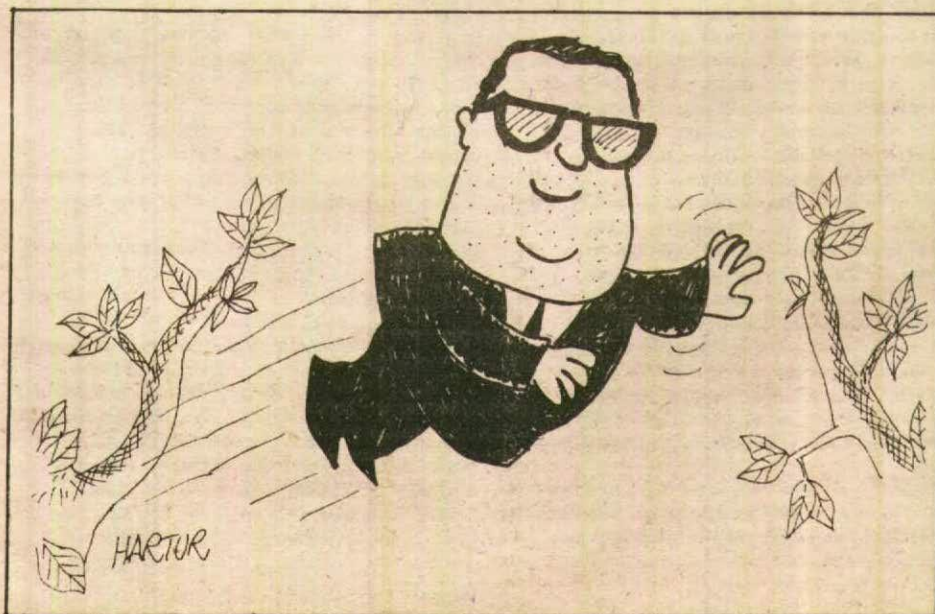
O bissexualismo é previsto em vários orixás, que são meio homem, meio mulher, dependendo da época do ano, como Oxumaré, ou Logun Édé, ou outras qualidades de Iansã e Ogun. E bendita hora quando o orixá de um homem tem princípio feminino e vice-versa — uma mulher tem orixá masculino, mandando na cabeça. São pessoas privilegiadas, completas, integradas, fortes.

E uma coisa muito pouco pesquisada, que foi levantada pela Joana Elbein dos Santos na sua tese **"Os Nagôs e a Morte"**, que recomendo comc leitura obrigatória: um culto secreto de mulheres, as **Iyá-agbá,** pássaros/peixes, mulheres que dominaram o mundo (olha o matriarcado aí!) e depois perderam o poder pros homens, há muitos anos atrás. São as ancestrais mulheres, que os primeiros pesquisadores europeus identificaram como bruxas terríveis, medrosos do seu poder. Muito mal estudada ainda, a sociedade secreta das **Iyá-mi** detinha o poder de "conversar" com os ancestrais, dado o seu poder de gestação. Parece que essa sociedade chegou a existir no Brasil denominada Gèledé, e seus objetos sagrados estão no Axé Opô Afonjá, mais tradicional terreiro de Salvador, até hoje.

É um padre, o chefe dos diocesanos para a América Latina, Padre François, muito amigo de Pierre Verger, grande pesquisador das religiões africanas no golfo do Benin (África) e no Nordeste brasileiro, que nos explica que "em termos de fé, de filosofia mesmo, a Igreja Católica perdeu terreno no Brasil. Esse terreno sempre foi, aliás, de um sistema dinâmico, em constante reelaboração, um sistema sincrético de base africana, colorido de influências indígenas, católicas, pentecostais, judaicas, orientalistas e cabalistas". E muito mais interessado em provar que a Igreja Católica perdeu terreno é o próprio IBGE, que no recenseamento de 1980 vai incluir todos os cultos afro-brasileiros, não por uma proposta de abertura cultural, mas por que a Igreja agora inteiramente voltada ao terreno social incomoda bastante e é importante mostrá-la com menos adeptos em potencial.

Analisando essa revolução cultural que acontece nos bastidores do país, bercebemos que os cultos africanos foram capazes de empreender a maior resistência cultural de que se tem notícia — durante 400 anos só na linguagem real, e agora são "descobertos" pela intelligentzia, pela antropologia, pela classe média, essa pobre classe sem valores próprios, que num violento processo de proletarização acabou se identificando religiosamente com os negros. E atenção companheiro materialista/patrulheiro — cuidado! Ande com mais atenção nas encruzilhadas das nossas cidades — não se deve nunca pisar num ebó, dá azar...

Mas deixando o medinho judaico-cristão de lado, vamos fazer aqui uma convocação — o lampião convoca todos, mas todos mesmo, às praias neste final de 1979, com muitas flores, muita alegria, vamos nos despedir desse Obaluaê que reinou num ano intrigante, agitado, com grilos de saúde para todos. Vamos todos nos despedir desta década obscurantista onde reinou a repressão, o medo, a deduragem, a ansiedade e a angústia. Mas que fez com que todos tomássemos consciência da nossa condição de oprimidos — nós mulheres, negros, homossexuais. E que nos deu energia para brigar pelo nosso espaço. Com muitas flores, com muita alegria. AXÊ! (**Mirna Grzich**)

Axé — força que assegura a existência dinâmica, que permite acontecer o devir. Sem axé, a existência estaria paralisadam desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que toma possível o processo vital. Transmissível, acumulável, o axé aos seres humanos através dos rituais, renova neles o poder da realização. **Bori** — ritual já para iniciados, para limpar a cabeça das angústias, dos medos, das incertezas. Geralmente inclui um sacrifício, e prevê um período de recolhimento. O bori integra a pessoa e seu orixá. **Olurum** — o todo, a entidade suprema. O cosmos. É formado do **aylé,** isto é, o mundo, e do **orum,** o além. O universo. **Ebó** — despacho.

Fim de década, gosto de festa na boca. Viva o real maravilhoso!

Olhe em volta, companheiro, e me diga: você não viu esse filme antes? Quer dizer, tudo que aconteceu nesta década não teve, de uma forma ou de outra, sua contrapartida nos anos 60? Mas não pense que, ao fazer essas constatações estou querendo criar uma visão negativa da nossa ou da outra época. O fato é que a marcha da história é sempre uma sucessão de quadros repetidos, melhorados ou piorados, conforme os tempos.

Muitas vezes até, como dizia o velho barbudo, a repetição acontece em forma de farsa. Na comparação das duas décadas, aliás, eu diria que o contrário é verdadeiro, e aí até que provo ser um otimista. Porque, veja você, por exemplo, o fenômeno hippie, dos anos 68, se for confrontado com o dos antiheróis de hoje, veremos que a farsa eram os hippies, de quem os libertários de hoje aproveitaram apenas o lado positivo, como o da descoberta do próprio corpo e o culto das coisas naturais, jogando fora como imprestável as babaquices de uma política impraticável de paz e amor. Hoje, o repúdio aos padrões burgueses e ao consumismo assumem aspectos infinitamente mais ativos do que quando eram praticados pelos hippies. São uma política. Revolucionária.

O sonho ingênuo dos hippies, a bruma psicodélica que envolveu todos os seus planos, a marcha para Katmandu em busca do paraíso se transformaram numa positiva luta de libertação, que começou, de fato, em 1968, com a revolução dos estudantes, as passeatas em várias capitais do mundo e todos os acontecimentos que se seguiram. É bem verdade que essa nova caminhada está povoada de mortos, de vítimas. Mas que progressão verdadeira não tem suas vítimas? O importante, porém, é que nesse novo quadro começou a acabar a figura do herói, do marginal inútil, quase um figurante de bom grado da comédia burguesa. O marginal atual é aquele que tem em sua condição a própria alavanca de atuação e que com ela pretende modificar a sociedade, para ter nela o seu lugar. Não foi só o jargão que mudou — os hippies se caracterizavam pela passividade, os marginais de hoje se caracterizam pela atividade. Coisas que repugnavam tanto os hippies, como política, são hoje a moeda corrente dos grupos que os substituíram na vanguarda da luta contra o establishment. E, veja você, incorporando o que os seus antecessores semearam, os ativistas atuais falam de uma política do corpo, de uma política do prazer, de uma política do indivíduo. Não é um passo à frente apenas, mas muitos passos, não é mesmo? A ideologia do ser humano particular como uma fonte de conhecimento e de apreensão do humano como um todo é de uma importância tão grande que, só agora, quando os anos 70 já acabam, começa a despertar o interesse e o apetite dos donos do poder e dos articuladores de planos institucionais, que vêem na adoção por eles dessa filosofia a possibilidade de atrair para seus esquemas as chamadas minorias.

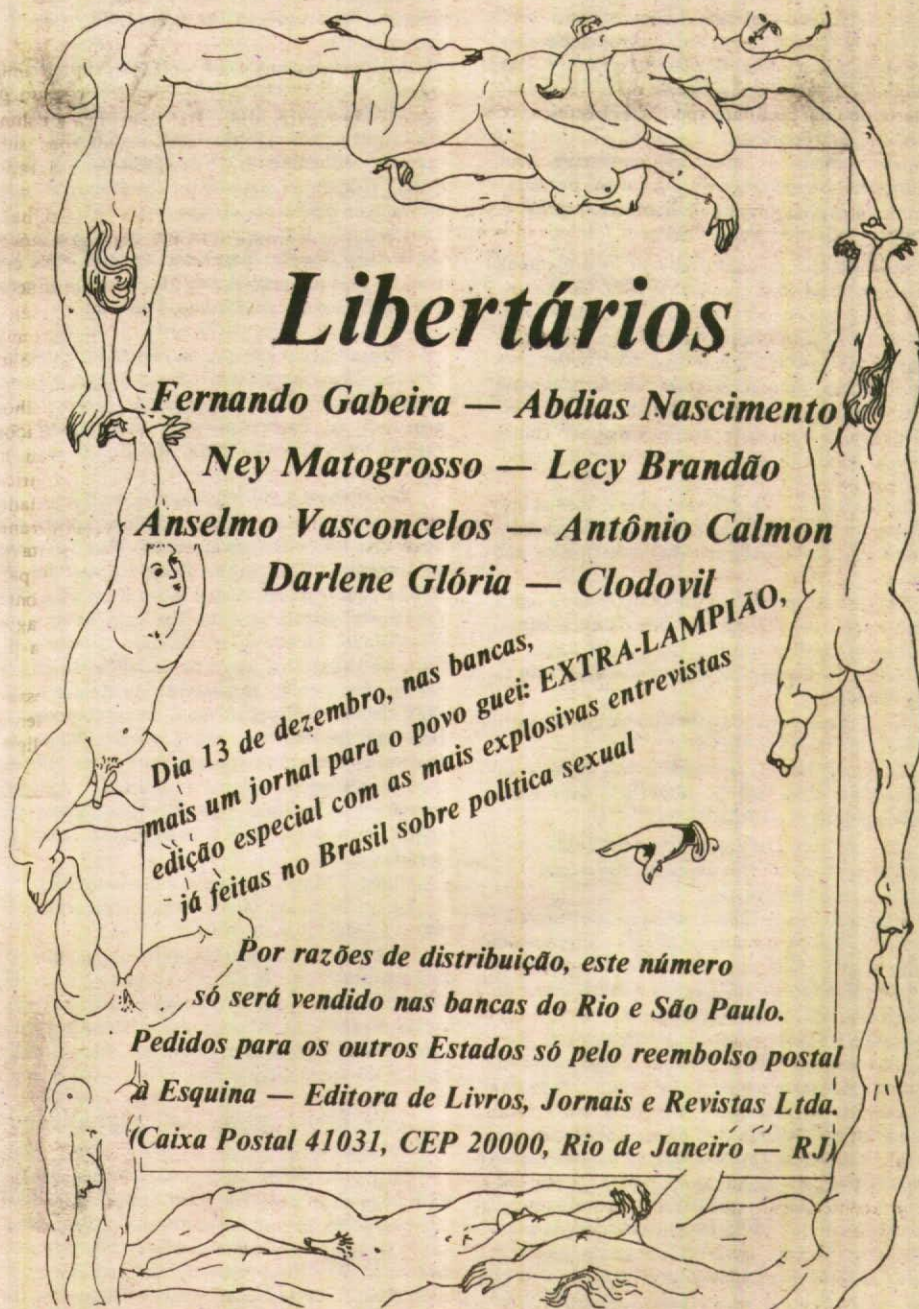
E no entanto, esse pensamento é bem antigo. Não foi Cristo que disse "Ama teu próximo como a ti mesmo"? Pois é isso aí. Se você não se amar o bastante, jamais poderá amar teu amigo. E uma coisa tão antiga, quando começa a ser explicada e posta em prática de fato, torna logo ouriçados os detentores do poder. Deve ser um misto de inveja e ciúme o sentimento que têm, porque afinal são tão bloqueados e densos que, por eles mesmos jamais poderiam descobrir que é muito bom poder se amar a si mesmo, e que esse afinal é um sentimento cristão!

Não vá pensar que, com o que lhe digo, estou querendo pintar esta década de cor-de-rosa. Ainda há muitos grilos no ar, tivemos que dobrar muitos cabos das tormentas para chegar neste ponto. Além do sistema, que está aí, mais decidido que nunca a pôr o barco a pique, temos, entre os grupos ativistas das minorias, ainda muitas desconfianças e arestas a separar-nos. Acontece, porém, que depois de tantas quedas ocorridas em todos estes anos, existe um consenso quanto aos objetivos finais que unem esses grupos atuantes. E isso certamente é mais importante do que todas as pequenas discrepâncias.

Do ponto de vista da atuação das minorias, não há por que dizer que o fim da década tem gosto de fim de festa. Ao contrário, estamos começando, e os anos 70 serviram para a arrancada e para que aprendêssemos a difícil e nova conquista de convivência. Claro, hoje a gente sabe, somos todos companheiros, embora de uns para outros sejam grandes as diferenças e mesmo os objetivos finais da luta. Você quer conquistar o espaço social que é seu de fato e lhe roubaram, ele tem 400 anos de escravidão e discriminação nas costas e pretende dar um basta a essa situação, eu pretendo que a minha opção sexual não seja motivo de estigma. Nós todos temos como objetivo final, reunindo tudo isso, a implantação de uma sociedade acima de qualquer esses preconceitos, e de muitos outros.

Na próxima década as coisas certamente ficarão mais amplas para nós todos e certamente conseguiremos reduzir ainda mais o espaço ocupado pelas ortodoxias de todos os tipos. No campo aberto dessa atuação se implantará algo verdadeiramente novo, um real maravilhoso fruto de atuação e da estratégia de grupos que surgiram do fundo dos tempos carregando uma marca que lhes impôs uma sociedade autoritária. (Francisco Bittencourt)

Angela, Regina... E as feministas, onde estão?

"O estudante de medicina Dan Martin Blum, que no dia 5 de setembro último matou a prostituta Maria Regina Rezende, foi considerado inimputável, isto é, indivíduo incapaz de entender o caráter criminoso do fato, em conseqüência de doença mental — epilepsia —, segundo laudo elaborado por dois peritos criminais do Instituto Médico Legal. (...) Caso o juiz adote o parecer dos peritos, absolverá o estudante e aplicará medida de segurança, no prazo mínimo de seis anos. Nesse caso, Dan será encaminhado ao Manicômio Judiciário". (Estado de São Paulo, 22.11.79)

Nenhuma novidade: as tentativas de fazer com que Dan Martin Blum, o homem que matou uma mulher com uma injeção de curare, escapasse ao castigo, ficaram evidentes desde o primeiro instante (vide LAMPIÃO nº 17). Se na história de Ângela Diniz — afinal, uma senhora da alta sociedade —, isso foi possível, imaginem no caso de Regina, uma prostituta que, além do mais, tinha uma ligação homossexual com outra mulher.

O que nos cabe comentar, aqui, não é a reação típica do sistema, sempre disposto a resguardar os autores de crimes em cujas origens pode-se perceber toda a ideologia sexista, mas sim, a (não) reação das mulheres a mais este crime. Recapitulemos. No caso de Ângela Diniz, em que Doca Street foi absolvido e mereceu aplausos gerais, circulou, após o julgamento, um manifesto em que feministas (mulheres e homens) manifestavam a sua indignação; era uma coisa patética: depois que os jornais já haviam dado o assunto por encerrado, chegava o manifesto às redações, mendigando alguma boa vontade da grande imprensa; alguns jornais acabaram por publicá-lo mais de um mês após a divulgação da sentença que beneficiou Doca; nós, que o recebemos, não o publicamos porque acabamos por considerá-lo, mais que um protesto firme e decidido, uma lamúria; e do movimento feminista — que após aquela memorável manifestação, em plena Avenida Rio Branco, em defesa das moças demitidas do Jornal do Brasil, parece ter recuado — a gente esperava muito mais que lamentações sobre o cadáver sempre insepulto de Ângela Diniz.

De qualquer modo, lamúria ou não, algum sinal de vida emitido pelas mulheres que não se conformam com a opressão sexista. No caso de Regina, no entanto, nem isso. Houve, é claro, uma passeata de mulheres e travestis em São Paulo, dias após o crime, quando ficou evidente a intenção da justiça de relaxar a prisão preventiva do criminoso. Mas uma passeata organizada em plena rua, por pessoas diretamente ligadas ao tipo de trabalho que Regina fazia, e que se sentem diretamente ameaçadas por violências como a que Dan praticou: as mulheres e bichas do trottoir, ao sair às ruas portando faixas e cartazes em que pediam justiça e protestavam contra a violência, mostravam estar anos adiante de um movimento feminista que não se manifestou até hoje sobre o caso.

Onde estão as mulheres progressistas deste País? Não estou falando das companheiras dos homens de esquerda, aquelas que têm, em relação ao trabalho dos seus maridos, o mesmo peso que as senhoras da alta burguesia possuem em relação aos seus senhores e patrões; estou me referindo àquelas que aprenderam a reconhecer a opressão permeada em todas as classes, em todo tipo de relação entre os dois sexos, e que lutam também contra isso. O que está contendo a santa indignação que essa tentativa de libertar Dan Martin Blum deveria provocar nessas mulheres? Correndo o risco de ser alvo de muitas acusações — "paternalista", sem dúvida, será uma delas —, eu pergunto: o que está paralisando o movimento feminista no Brasil? Por quê o seu discurso ainda é, quase sempre, anterior a 1968? E por quê, ainda, as mulheres que discordam desse discurso vêm se enredando num emaranhado de discussões teóricas que as impede de sair do lugar? O caso de Maria Regina talvez seja uma boa ocasião para repensar tudo: menos palavras, talvez, e mais ação? Não sou eu quem vai dizer qual é o caminho. Mas que tal, meninas, vocês se manifestarem a respeito? O espaço está aberto: LAMPIÃO está aqui para isso mesmo. Aproximem-se. (Aguinaldo Silva)

UM CANTOR PEQUENO POR FORA MAS E-NOR-ME POR DENTRO

Hábil armador de jogadas de mercado, músico tarimbado e competente, o cantor-compositor Zé Rodrix (ex-acompanhante de Milton Nascimento, ex-Som Imaginário, atualmente um dos mais seguros vendedores de discos no Brasil) nunca foi bem visto pela chamada inteligentzia nacional, talvez pela desenvoltura com que sempre manipulou os dados ditos **comerciais** de sua carreira, sem filiação a qualquer das correntes estéticas ou ideológicas da MPB. De alguns meses para cá, eis que Zé apareceu com novidade: um anunciado Movimento a Favor do Homem Objeto — título evidentemente bem humorado — resultante de uma nova parceria, com outra raposa jovem da indústria fonográfica, o produtor e letrista Paulo Coelho.

Altamente organizado, enviou logo algumas fotos de homem-objeto ao LAMPIÃO. Gostamos, quer dizer aprovamos: o objeto funcionou (vide foto de ilustração desta matéria). Da aprovação surgiu a entrevista, a que compareceram os novos compositores pernambucanos, declaradamente (dentre outras coisas) gueis, Aristides Guimarães e Flaviola; a assistente do entrevistado, Hilnet Correia; Paulo Coelho e Antônio Chrystóstomo. Eis o papo:

Crysóstomo — **O que vem a ser o Movimento a Favor do Homem Objeto? O nome é engraçado. Parece que é invenção sua e do Paulo Coelho, não é?**

Zé __ É, a gente criou um pouco; ainda tem a colaboração da Norma (**a atriz Norma Blum, mulher de Rodrix**), que botou fogo, deu força.

Coelho — **Eu participei pouco. A idéia é do Zé e da Norma.**

Zé __ Você entrou assim tipo assessoramento filosófico.

Chrysóstomo — **O Paulo é um filósofo do marketing. Você viu a entrevista dele sobre música popular no LAMPIÃO?**

Zé — Vi sim. Daí é que eu também quis dar.

Chrysóstomo — **Dar o que Zé, dar o que!**

Zé — A entrevista, ora!

Chrysóstomo — **Então vamos ao Movimento.**

Zé — A coisa toda do MAFHO começou com o que a gente vem observando, da relação entre artista e público. Quer dizer, eu que sou uma pessoa que optou, numa determinada fase da carreira, por trabalhar com um público amplo mesmo, por cair no que as pessoas convencionaram chamar de povão, saquei de um tempo pra cá que isso foi um negócio legal, porque além de conseguir desenvolver uma linguagem direta como eu sempre quis, descobri uma série de possibilidades a nível de idéias. Agora estou cagando pra forma. Então eu o Paulo começamos a perceber, nesse momento em que os caras estão falando de abertura, que há essa ministia aí, que a memória nacional ainda tem esqueletos no armário. Ainda há coisas proibidas. E as coisas da sensualidade realmente continuam a ser profundamente proibidas. Isso o povão, com quem eu trabalho, está cansado de saber.

Chrysóstomo — **É, e para os leitores do LAMPIÃO também é uma novidade espantosa...** (risos).

Zé — Eu acho que todos nós que fazemos música, qualquer arte, temos de continuar tocando nesses assuntos proibidos, mexendo nas feridas. As coisas da política já não são mais a ferida lá deles, do sistemão. Inclusive, acho que os caras estão loucos pros artistas fazerem obras "engajadas", pra eles poderem dizer "Olhaí, não tem censura! Está tudo bem."

Chrysóstomo — **Mas tratar livremente o sexo, o prazer físico, é uma atitude altamente política.**

Zé — Eu sei! Falar do prazer talvez seja uma atitude politicamente muito mais importante, hoje em dia, do que a própria atividade político partidária, político-filosófica.

Chrysóstomo — **Só que tem uma coisa; nós nos conhecemos há nem sei quantos anos e você sempre me pareceu uma pessoa muito bem comportada em matéria de sexo. Por que só descobriu a sensualidade agora? Não será mais o aproveitamento de um modismo que fatalmente vem por aí?**

Zé — Não é que eu tenha descoberto. Eu sou um cara profundamente sensual. Eu vivo o dia a dia a nível de sensualidade sem repressão. Dependo basicamente de carinho, contato físico. Mas isso era só pro meu gasto, meu uso pessoal. Nunca tinha ligado a sensualidade ao meu trabalho. Inclusive o Paulo Coelho me alertou, "Olha que as pessoas têm uma carga de sensualidade em relação a você". E eu nunca tinha percebido nem aquela atitude das fãs, a relação sensual da platéia comigo. O início do MAFHO veio dessa consciência que tomei de mim mesmo, do meu corpo.

Chrysóstomo — **Inclusive a Hilnet Correia outro dia quando me telefonou pra transar esse nosso encontro me informou __ digamos assim — de um dado jornalístico que eu nunca tinha percebido, as proporções de sua anatomia íntima, né? Volume, diâmetro, etc., me foram anunciados em altos brados pela Hilnet. Que coisa impressionante, sô!** (Risos gerais. Alguns olhares se dirigem, disfarçadamente, à dianteira baixa do entrevistado).

Zé (super-representando o seu papel de objeto sexual) — Correndo o risco de parecer falso modesto eu deveria dizer que sou apenas regular. Não é que o meu apêndice seja grande não; eu é que sou pequenininho. (**Voz e inflexão a la Costinha**) Comparativamente parece grande porque eu sou uma pessoa assim, tipo mignon!

Coelho — **Há toda uma mitologia! É a maior da Música Popular Brasileira! Quando você era menino teve um acidente de bicicleta que alterou o seu processo de crescimento. Conta la!**

(Pausa curta, em que entrevistado, entrevistadores e acompanhantes tomam fôlego; alguém bufa no microfone, descargas de sensualidade cruzam o ar. Parece que algo vai acontecer, ali mesmo. Não acontece nada. Refeito, Zé responde).

Zé — Não é que o negócio cresceu com o tombo da bicicleta não. (**Hilnet: Eu tava looouca pra ouvir essa história! Conta, conta!**) Não é questão de tamanho. A produção líquida é que foi alterada com o acidente, que me causou uma desfunção na vesícula seminal. Eu tenho assim uma quantidade excessiva de líquido a oferecer. Quando rapazinho, eu tava andando na rua e **prruu,** com perdão da palavra, me melava todo. Mas depois a situação ficou mais controlada. Hoje em dia está tudo sob controle. (**Tumulto. Ouvem-se sucessivos frouxos de riso de Hilnet, que parece entre nervosa e deliciada. Alguém derruba o microfone. Voz não identificada diz achar "uma pena" que o entrevistado tenha se curado**).

Hilnet — **Agora eu queria saber uma coisa.**

Zé — Deixa eu falar, terminar de vender o peixe do negócio do MAFHO.

(**Voz séria**) Uniu-se o conhecimento do que está acontecendo no Brasil e no mundo e a necessidade premente que as pessoas estão tendo das coisas do sexo. As músicas que estão na boca do povo lidam exatamente com isso. Não discuto nem se são boas ou ruins porque isso pra mim não importa.

Chrysóstomo — **Direta ou indiretamente, então, tudo é sexo?**

Zé __ As músicas que o povo canta são mesmo é musiquinhas de sacanagem, uma coisa deliciosa! Não sei se você se lembra das musiquinhas que a gente cantava quando criança. Eu me lembro e gosto muito das paródias sacanas dos grandes sucessos musicais. Isso acabou, com a repressão dos últimos anos. Você lembra Chrysóstomo?

Chrysóstomo — **Entrava sexo, gozação e grossura, embrulhados com muita criatividade e irreverência total. Tinha aquelas paródias, gravações piratas dos grandes programas da Rádio Nacional, feitas pelos próprios artistas e produtores da casa. Muito bem. Dá pra começar a entender o lado teórico do MAFHO, um movimento sério sem ser, é isso? Só quero é ouvir o disco. Como é mesmo o título?**

Zé __ Saiu o compacto que se chama "Faça de Mim Um Objeto". E agora saiu o Lp, "Sempre Livre".

Chrysóstomo — **O disco tem sacanagem? É um redondo sensual?**

Zé __ Tem sacanagem sim. É um disco que lida com a sensualidade numa boa!

Chrysóstomo — **O MAFHO é um movimento heterossexual?**

Zé __ Não necessariamente.

Flaviola — **Ué, ele não é um movimento a favor do homem objeto?**

Zé __ Sim! Mas o que te impede usufruir do homem objeto? (**Todos gritam ao mesmo tempo. Ouve-se a exclamação: "Maravilha!"**)

Chrysóstomo — **Que bom Zé! Você também?**

Zé __ O manifesto que está sendo elaborado diz que o homem tem de se convencer que está no mundo para servir a sua fêmea. A mulher é superior ao homem, em todos os sentidos. Ela é que é o sexo que venceu. Há homens que vão ter de servir a muitas ao mesmo tempo, mas sempre servir.

Chrysóstomo — **Tudo isso que você disse é muito engraçado mas extremamente contestável na prática. As amigas que eu tenho vivem condicionadas __ ou pelo menos disfarçadamente obrigadas __ a srvir ao seu amo e senhor, inclusive na cama. Nem com todas é assim, mas a maioria se queixa disso.**

Zé __ Eu disse fêmea mas leia como quiser.

Chrysóstomo — **Se você é capaz de dar prazer às suas parceiras de cama, então faz parte de outra minoria. Segundo as feministas, esse tipo de homem, no Brasil, ainda é minoria de fato e feito.** (Hilnet, a única mulher presente, faz olho de quem diz "falou certo").

Zé __ Essa atitude de querer dar prazer à mulher na cama é minoritária sim. Vamos falar sério, Chrysóstomo. Eu sou um camarada que tem muitas amigas mulheres. Eu tenho um tipo físico que demorou a entrar em moda, um tipo meio cafona, bem latino, moreno, cabelo encaracoladinho, mais pra forte. Não dava pé com ninguém na minha adolescência. O único jeito que eu tinha de me aproximar das mulheres era me fazendo amigo delas. Era quase uma tática de quem sentia necessidade das mulheres sem conseguir a recíproca. Por isso hoje tenho amigas que me dizem: "eu tenho prazer de conversar com você porque você é um dos poucos homens que eu conheço que pensa como mulher." E olha lá que cabeça de homem e de mulher pensam bem diferente. Mas eu aprendi com as minhas, desde cedo.

Chrysóstomo — **Você naturalmente nunca teve experiências homossexuais, não é?**

Zé __ Já tive sim, mas só quando era garotão. Teve um dia que eu achei que tava fazendo uma safadeza e parei com aquilo. A safadeza era porque, na hora do troca-troca, tinha os mais sábios e os menos sábios. Então a gente combinava com o coleguinha que ficava vigiando pra ver se vinha gente: "Assovia depois que eu comer o fulano." E o fulano ficava prejudicado, né?

Coelho __ **Quer dizer que, na idade adulta, você não chegou a sentir a possibilidade de uma relação igualitária entre pessoas do mesmo sexo?**

Zé __ Eu tenho uma amiga que me disse que eu era o único heterossexual guey que ela conhecia. Porque é um negócio muito sutil. A forma da gente se colocar no mundo a nível de prazer tem de ser muito honesta. E aí o prazer vem muito de dentro. No meu caso prefiro mulher. Mas..., quem sabe?

Coelho — **Eu to me lembrando de uma coisa aqui. No disco eu sou parceiro em oito das dez músicas. A gente procurou abordar o sexo em todos os aspectos. Só esqueceu o homossexual.**

Zé __ Pois é. A gente nem pensou nisso. Mas a gente é muito bloqueado com isso, a gente foi criado para isso. Aquele negócio da sociedade machista e patriarcal que o Chrysóstomo estava falando. Um camarada assassina uma bicha, há noventa e nove por cento de possibilidade dele ser absolvido por que a vítima foi uma bicha. Mas o cara não é só uma bicha, por mais louca que pareça. Sei lá o que tem dentro dele. Uma bicha é uma bicha e ao mesmo tempo não é.

Chrysóstomo — **É como um assassino de bicha disse numa entrevista: "viado tem mais é que morrer." Claro que quando ele disse isso, por sua boca estavam falando todos os preconceitos, tabus, do meio de onde ele veio.**

Zé __ Exato! Mas só que eu acho que quem tem mais de morrer é gente desse tipo, não é o viado, já tão sacrificado. Acho que a fila antes dos viados é enorme.

Coelho —**Mudando de um pólo a outro, como é que você se posiciona no mundo musical de hoje? Qual a sua importância, o seu valor?**

Zé — Acho que eu, Zé Rodrix, não tenho importância nenhuma. Acho que importância pode vir e ter a minha música, na medida em que as pessoas se utilizarem dela para determinados fins, para se emocionar, dançar, até para não gostar.

Coelho — **Explica melhor.**

Zé — Chegou um momento na vinha vida que ficar fazendo música para uma pequena elite, um →

ENTREVISTA

grupinho que tivesse vivência dos mesmos problemas que eu, não tinha mais sentido. Então, em 76, foi aquele negócio de tentar fazer música pro povão. O primeiro Lp que eu fiz, "Sou Latino Americano", foi um disco basicamente teórico em cima disso. Quer dizer: eu teorizei, armei uma teoria pessoal para mim, como é que se deveria fazer música para o povão, que não é nada fácil; parece, mas não é. Esse disco me possibilitou fazer um negócio que nunca tinha feito, que é viajar pelo Brasil todo e cantar ao vivo para a massa. Isso é a coisa mais importante, mais impressionante, que um artista pode fazer. Isso me deu a coisa melhor de toda a minha vida que é chegar num lugar e depois do show as pessoas virem conversar com você. Aí é que fica bom. Porque elas começam a dizer coisas e acabou! Você realmente não tem de se preocupar em ensinar nada a ninguém. Você só tem de se preocupar em aprender. O que tem dizem, o que te ensinam, o que te dão de material pra você botar pra fora, transformar em música, é de uma grandeza impressionante. E olhe que é o mesmo público que segue o Ângelo Máximo, o Jerry Adriany, o Sidney Magal. Tenho um orgulho muito grande disso.

Coelho — **Por falar em Magal, você é um símbolo sexual muito mais ameaçador do que ele, porque, em princípio, pode mesmo __ digamos __ sair com as menininhas, dar umas voltas, etc., e tal, enquanto o Ney Matogrosso também não ameaça muito por esse lado. Então a mãe da menininha não se importa se ela chega perto do Ney, mas com você a história já é outra.**

Chrysóstomo — Acho que o Ney está sendo tomado aqui por uma coisa que ele não é nem nunca quis ser. Seu público, inclusive, é outro. Muito mais sintomático disso que você diz, Paulinho, é o falso machão que você ajudou a criar na Polygram, o Magal, que não ameaça ninguém com aqueles requebros e babados todos e, então, até os maridos machões deixam que suas mulheres comprem os discos dele.

Zé — De certa forma a minha ameaça entre aspas também é relativa. Claro que eu tenho uma imagem de palco, de televisão, e outra de vida doméstica, por exemplo, pai de cinco filhos, marido que gosta da mulher, curte a casa. Se minha imagem pública agride não sei. Nunca ninguém me disse isso, nem os namoradinhos ou maridos das minhas fãs, com quem também eu converso muito nas minhas excursões. Eles parecem até gostar do que eu faço e muitos compram os meus discos. Isto tudo de imagem do artista é bastante relativo, talvez conte muito para o Magal. Para mim, que trago a sensualidade aberta para o público, a questão é outra, os caras também se identificam comigo que descobrem que eles também podem ser menos condicionados, também podem gozar um pouco mais a vida, o sexo.

Flávio — **Você não têm mesmo nenhuma pretensão de deixar nome na MPB, constituir obra?**

Zé — Nem um pouco, pode crer. O importante é o uso que as pessoas farão do que sou e do que canto. Eu quero fazer músicas que falem do dia a dia do brasileiro médio. De que valeria deixar meia-dúzia de músicas tidas por básicas, que depois virariam peças de museu? Quero os assuntos momentâneos, quero que minha música seja altamente perecível, porque, quanto mais rápido ela morre, mais rápido aquele problema que ela retrata talvez tenha sido resolvido na cabeça das pessoas.

Coelho — **Você acha que isso corresponde à realidade?**

Zé — Acho sim. Com a televisão aí triturando tudo, com as rádios repetindo mecanicamente o que a gente canta, com o disco de hoje virando a velharia de daqui a seis meses, não dá mais para ter ilusão. De que vale deixar cinco ou seis clássicos depois da morte para as pessoas cantarem e lembrarem que a gente existiu? Importante é aqui, nesse momento, conseguir dizer coisas para um número sempre maior de pessoas. Na beira da minha cova só vou querer meus amigos, minhas mulheres, meus filhos. O mais que tiver que fazer faço agora.

Chrysóstomo — **O sexo, a sacanagem desse novo disco então é para consumo rapidinho, tipo dá e passa?**

Zé __ É e não é. Por que as pessoas, daqui a um ano, não vão nem lembrar desse disco, certo? Estarão muito mais interessadas no novo do Magal ou talvez no que eu mesmo venha a fazer no futuro. Mas o que eu tiver dito, tiver passado para elas, se tiver sido bem dito, já terá ficado na cabeça delas e daí elas mesmas é que terão evoluído por conta própria porque, no final das contas, a gente só dá toques, não é? No fundo mesmo ninguém faz a cabeça de ninguém.

Chrysóstomo — **Era aquela coisa atinga do proselitismo. No inquérito a que a gente, do LAMPIÃO respondeu, me perguntaram se era um órgão de proselitismo homossexual. Mas está visto que não é nem nunca foi, pela própria insuficiência do meio! Desde quando um jornal faz alguém virar bicha ou sapatão? O toque, para quem já é interessado direto no assunto, esse sim, fica dado. Trata-se muito mais de defender a cuca e os direitos de quem já é do que __ que ilusão! __ pensar que podemos orientar a cabeça de alguém nesse ou naquele sentido.**

Zé __ Com a música também é assim. Pode ajudar a esclarecer quem já está a fim de ser esclarecido. Nessa questão do disco de sacanagem, por exemplo. O brasileiro é um povo sensual, sacana por natureza. O disco só vai lhe dizer que a sacanagem sadia, brincar com sexo, não é pecado, não é crime. Crime é torcer tudo e ver sacanagem até ideológica onde ela não existe.

Flaviola — **Onde fica a tesão no disco?**

Zé — Primeiro eu sou um cara tesudo, ponho tesão em tudo o que faço. Quando estou em cima de um palco sinto tesão pelo que eu estou fazendo, pela música que em si já é altamente sensual. Sinto tesão pelo público e não sabia. Agora, com o MAFHO, nas conversas com o Paulinho Coelho foi que tomei pé de mim mesmo. Analisei uma reação que provoco nas pessoas, as mulheres se jogando em cima de mim, os homens com cara de admiração, as bichas querendo cantar mas ficando no meio sem jeito. Isso acontece mesmo, todos os dias, por esse Brasil afora. É um dado concreto, importantíssimo, de mim mesmo. As letras desse disco falam disso, em tom que varia do poético ao satírico, da paródia à gozação. Quem disse que não pode haver sexo num LP? Há sim e do bom, do genuíno, que não é apenas uma jogada de vendagem ou coisa parecida.

Chrysóstomo — Você sabe que algumas áreas da esquerda não te engolem não sabe? Por que será?

Zé — Sei sim e isso me faz pensar um pouco no que seja esquerda ou direita, alto ou baixo. É uma coisa que já me fez sofrer; hoje não faz mais. Me considero uma pessoa de esquerda. Acho que a maioria dos seres pensantes se consideram, do momento que esquerda seja liberdade, situação mais justa para a maioria dos habitantes de um país. Acho que até o terrorista de direita, aquele cara que joga bomba, pixa igrejas etc. — como vem acontecendo agora mesmo no Brasil —, no fundo deve ser a favor desse nivelamento econômico-social por cima. Ou sera que não? Será que essa gente tem a cabeça tão doentia que joga bomba, empastela jornal, pixa casa de bispo só para manter os privilégios de uma minoria?

Chrysóstomo — Então qual será de fato a pinimba de alguns intelectuais com você?

Zé — Vai ver que é porque eu sou liberto, independente demais e não aceito — nem nunca aceitei, mesmo no tempo em que convivia mais com esse pessoal — as suas palavras de ordem. Sou uma pessoa que tem a coragem de fazer música que vende, que é comercial e dizer fiz, e daí? Sou uma pessoa que tem a coragem de não ficar só cantando musiquinhas açucaradas pras menininhas e, mesmo assim, vender disco para essas menininhas. Tenho o prazer de dizer que gosto do sucesso. Gosto de chegar num campo de futebol lotado, chegar num carrão, cercado de guardas-costas que é pro povo não me amassar muito, só uma necessidade de trabalho não é? Então porque vou pensar através da cabeça, das palavras de ordem de meia dúzia de pessoas ressentidas e amareladas que só sabem da vida pelo que leram? Ah, não vou não! Posso errar, mas erro com a minha própria cabeça. ●

Bixórdia

Meu nome é Gal

A moça da foto, apesar das flores nos cabelos e do ar dengoso de baiana, nem se chama Maria da Graça nem é moça. Na verdade, é um rapaz que atende pelo mimoso nome de Andréa Gasparelli, e que, com a mesma versatilidade, pode ficar assim, tão parecida com Gal, ou com outra qualquer **star** famosa. Andréa não chega ao prodígio de ter uma voz igualzinha à da moça baiana; mas como tem todos os seus gestos, requebros e maneiras, costuma dublá-la nas infernais noites da Gueifieira Palace. Aliás, pulando do carbono para o original, Gal continua cada vez mais maravilhosa. E seu irmão Caetano não faz por menos; vocês já ouviram a nova música do Cae, "Menino do Rio", cantada por Baby Consuelo? Pois bem, nós decretamos: essa música será o hino guei deste verão. Viva o mano!

Num **show** recente, a cantora Lecy Brandão fez uma advertência ao seu público: "Cuidado, povo guei, que tem muita gente querendo explorar vocês". Lecy se referia ao ambiente artístico no qual milita. Mas nós repetimos a mesma frase em relação à imprensa: o que tem de jornal machista usando palavras como "gay" e "bicha" na capa só pra vender aos incautos, não está no gibi. O pessoal compra o jornal e lá dentro encontra o machismo de sempre. Cuidado, povo guei, que tem muito jornal fingindo que é porta-voz de vocês só pra faturar...

No nosso roteiro de Santos cometemos um erro imperdoável: não incluímos o Bar 103 — Galeria de Arte, que fica em São Vicente e tem uma característica especial: a gerente, Agnes, é mãe de um dos proprietários, e uma espécie de conselheira dos freqüentadores, homens e mulheres gueis. Fica pro pessoal a dica de São Vicente.

Lembram-se de "Cidades da Noite", aquele livro incrível de John Rechy que a Civilização Brasileira publicou há alguns anos e nunca, mais relançou? Seu autor, hoje um dos grandes escritores norte-americanos, começou a vida como michê. E nós fomos procurados por um jovem michê cujo sonho é se tornar escritor. Pra começar, fizemos uma entrevista com ele, que será publicada no próximo número. Aguardem: vai sair fumaça!

Sábado, dia 10 de novembro, às 23 horas, a polícia parou com dois carros diante da sauna **For Friends**, em São Paulo, e invadiu o local com revólveres e metralhadoras à mão. Os frequentadores não puderam sair até uma hora da madrugada, mas não houve flagrantes ou prisões. Será que a sauna esqueceu de contribuir para a caixinha em novembro?

Nem mesmo aqui na Bixórdia dá para fazer graça com um assunto tão sério: trata-se de um certo guarda-vidas que atua no posto próximo à Bolsa de Valores (em frente ao Copacabana Palace), e que, como ninguém se afoga mesmo por ali, gasta seu tempo provocando os freqüentadores gueis. Um dia desses ele chamou uma moça "pra briga", só porque ela estava abraçada com outra. Outro dia, ele percebeu quando um rapaz tirou a sunga dentro d'água: foi lá, **apreendeu** a sunga do rapaz, "proibiu" os outros banhistas de ajudá-lo e o obrigou a sair pelado de dentro d'água. Qual é a tua, oh Esther Willians enrustida?

"Stalin tinha fimose": esta frase estava escrita na porta de um dos quartos do Hotel 20 de Abril, e foi anotada por um lampiônico. Cruzes!

Sabe-se que a única pessoa "chocada" com a entrevista de Gabeira ao "Lampião" é a Heloneida Studart, que teria dito a algumas feministas que o ex-terrorista estava indo longe demais. Ora, ora, que direito tem esse pessoal de exigir comportamento enquadrado dos outros? O mesmo síndrome do medo está atacado o Ziraldo; ele perdeu as estribeiras **mesmo** com a matéria da "Veja" sobre o Gabeira e ficou claro que não quis mesmo a foto mais à vontade do Gabeira, na contracapa do livro. Aliás, isso nós já sabíamos pelo próprio Gabeira e só não publicamos porque ele não quis. Outro detalhe sobre o comportamento machista do pessoal do "Pasquim" revelamos agora: toda vez que Gabeira vai à redação do heróico semanário tem de usar camisinhas mais discretas para não escandalizar as vestais. Quem diria, o "Pasquim", e quem diria, o Ziraldo... No fim, o humorista vai acabar se confundindo no preconceito com a feminista. Será a glória para ambos. Heloneida o nosso Ziraldo de saias e vice-versa.

TENDÊNCIAS

Ney Santana

"O crime do castiçal"

Ao que tudo indica, a próxima década dará lugar às grandes discussões sobre as minorias. Porém, antes mesmo de iniciarmos os anos 80, um verdadeiro agito começou a tomar conta de nosso País. Os negros estão saindo às ruas; os homossexuais estão abandonando as tocas; as mulheres também estão procurando se integrar neste "momento novo"; resta apenas esperar que em breve os índios se tornem mais atuantes.

Um dos veículos de comunicação mais importantes desta década que termina foi sem dúvida, a televisão. Mas como levar uma reivindicação minoritária ao complexo sistema de TV? Muita coisa tem sido vista pelos telespectadores sobre os problemas de minorias, mas com teor superficial. Ora é um relato sobre os índios, com fortes doses históricas e poucas bases profundas, ora sobre as mulheres que lutam pelos seus direitos de integração na preconceituosa sociedade machista.

E os homossexuais como ficam? Bem, Flávio Cavalcanti deu um passo nesta abordagem, levando ao ar um programa que com dignidade mostrou que os homossexuais estão lutando pelo direito de serem aceitos. Mencionou **Lampião** em um de seus programas como sendo um órgão sério e digno de lutar pelo seu espaço, até pouco tempo atrás fechado e relegado aos guetos. Foi um ato de coragem e de humanidade deste jornalista apresentador de um programa que atinge várias cidades do Brasil.

No meio desta luta constante de "abertura", todos se preocupavam com a Rede Globo de Televisão, que limitava-se a mostrar a problemática homossexual apenas nos seus enlatados de exportação. Eis que uma de suas séries brasileiras, o Plantão de Polícia, ousou abordar o assunto. O autor foi Aguinaldo Silva, sobre o qual por motivos óbvios não irei me estender, nem para falar do seu trabalho de luta para dar uma melhor imagem aos gueis. Sua posição é clara e objetiva, e os leitores do **Lampião** já o conhecem suficientemente.

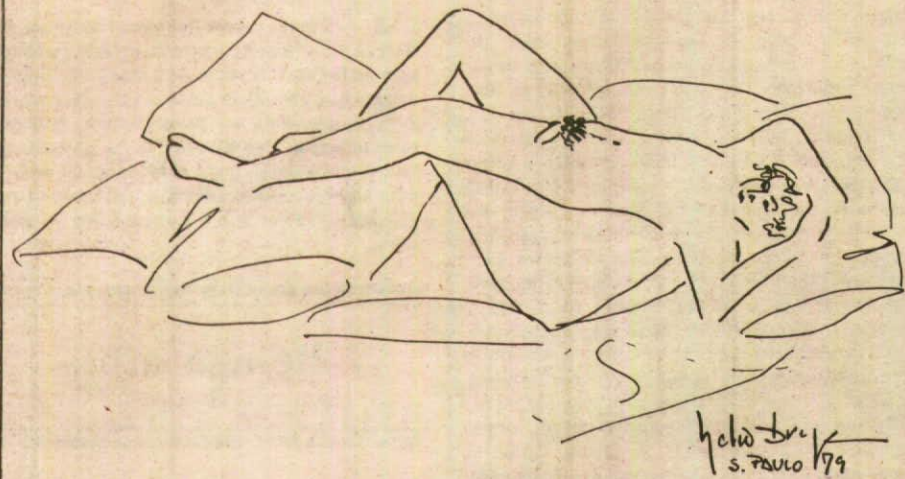
O Crime do Castiçal, de Aguinaldo Silva, com direção do excelente José Carlos Pieri, foi um marco na história da televisão brasileira. E é impressionante o silêncio da grande imprensa em relação ao resultado deste programa. A sensação que fica é que os nossos críticos de TV não conseguiram achar defeitos, razão pela qual não mencionaram nada sobre **O Crime do Castiçal**. Ou então se negaram a comentar o assunto por uma série de medos inexplicáveis. Será que ainda resta a paranóia da repressão dos últimos 15 anos?

O grande mérito do **Crime do Castiçal** está em mostrar toda uma situação ampla, geral e irrestrita, que engloba todos os tipos de homossexuais, que infelizmente ainda não conseguiram unirem-se no mesmo barco do prazer. Explico: o que vimos foram travestis com bigodes, travestis — cantor, entendidos (gueis), bichas, executivo enrustido, e até um criminoso que chega ao desplante de tentar matar seu próprio homossexualismo num outro homossexual. Vimos também a alegria e a tristeza que nos cerca no dia-a-dia. Com uma emoção que nos leva a refletir sobre um mundo ainda tão complexo.

Fatos como estes do **Crime do Castiçal** acontecem todos os dias, e o crime é mais uma demonstração daquilo a que nós homossexuais estamos sujeitos, ou melhor expostos, em troca de afeto, que em nós é espontâneo, mas não num mundo tão desumano. Nossa política e militância inclui, além da integração, um profundo respeito humano; tanto que na série ficou bem claro que o rapaz que convidou o marginal para ir até o seu apartamento estava interessado não só na troca afetiva, num relacionamento sexual, mas queria matar a fome do rapaz aventureiro, e dividir com ele uma carência que era de ambos.

A direção do **Crime do Castiçal**, tem um grande mérito: José Carlos Pieri conseguiu captar toda a sensibilidade dos homossexuais; seu trabalho vai além disto, ele trouxe à tona uma verdadeira realidade que nos cerca, sem preconceitos e sem proselitismo (Para os nossos leitores que não o conhecem pessoalmente posso garantir que ele é um pão...)

O texto de Aguinaldo Silva, que eu já conhecia antes de ir para o ar, é impecável, e foi escrito com muito amor. O elenco, como sempre no **Plantão**, estava magnífico; Shirley Montenegro, que está radiante até hoje, mostrou que um travesti cantor tem sua vez em qualquer lugar; Hugo Carvana, um **show** de repórter; Denise Bandeira, excelente; Ney Latorraca e Cláudio Marzo, perfeitos. Destaque especial para Ney Santana, que realmente parecia um verdadeiro **midnight-cowboy**, estava ótimo. E ainda a ponta de Joamir, um dos apresentadores do Gayfieira Palace, que faz uma "pegação" numa escadaria, conseguiu dar todo o climax do como funciona uma "paquera" entre homens.

Enfim foi encerrada a série Plantão de Polícia em 1979 com chave de ouro. E mais uma vez podemos comprovar que o Brasil não se tornou mais nem menos guei, após o programa, porque a realidade estava presente e nós fazemos parte desta realidade. Finalizando: o grande mérito do programa foi mostrar que a vergonha que nos acompanhou por séculos começa a declinar. **Adão Acosta**

A gente ia publicar o desenho de Hélio Braga no número anterior, juntamente com a notícia sobre sua exposição no **Off**, o bar simpatiquérrimo que Celso Cúri inaugurou em São Paulo (vale o comercial: o bar fica na Rua Romilda Margarita Gabriel, 142); mas no pega pra capar da falta de espaço em nossas páginas, o desenho do Helinho dançou. Com atraso, ele sai neste número, para o deleite da galera guei. Segundo quem o conhece pessoalmente, Hélio, que é irmão da Sônia Braga, é igualzinho à irmã, ou seja, um tesão.

Olhem o passarinho!

Como era gostoso o meu torturador

A primeira vez que vi **Eu matei Lúcio Flávio**, só senti nojo e repulsa. A figura do policial feito santinho que salva criancinhas e chora no túmulo de toxicômanas; o atleta chamado para salvar uma sociedade apresentada como decadente, justificando qualquer forma de violência e arbítrio policial: difícil de engulir. Filmes de Jece Valadão, Carlos Imperial, Toni Vieira já deram imagens positivas da polícia, mas certamente nunca de modo tão descarado, tão programático como **Eu matei Lúcio Flávio**, um filme militantemente de extrema direita.

Imagens insistentes, situações, o tom do filme não me saíam da cabeça. Amava o filme. Isso não podia nem queria negar. Impossível resolver a contradição na base de "o diretor tem talento, mas discordo de sua mensagem". Porque é uma coisa só. Esse filme e suas imagens não existem sem o elogio à polícia. Como é uma coisa só a minha reação de nojo e fascínio.

> **"Me bate que eu gamo/ Velhos amores/ Velhos casos policiais ou de polícia / Es la única escrava assassina / E escravo eu de vocês / Para confessar minhas vergonhas / Meu medo que tu representas". Joel Oliveira. Jornal da Praia _ 1978.**

O que me seduz é o estilo, ou melhor, a maneira como Calmon torna este filme um poema erótico sado-masoquista. Não é um poema erótico apesar do elogio à polícia, é um poema erótico ofertado ao carrasco machão. Calmon curte o machão torturador e destruidor. Multiplicam-se no filme as imagens de sadismo, o deleite diante da violência, o estupro praticado contra homens e mulheres. Aparece uma das figuras veneráveis do imaginário homossexual sado-masoquista: São Sebastião, associando beleza, juventude, prazer, violência, erotismo e morte. Essa reprodução do São Sebastião, aos pés do qual se empurram os fotógrafos como os paparazzi da **Dolce Vita**, é apresentado pelos policiais como um obra de arte intencionalmente elaborada. Como intencionalmente elaborado é o casal de cadáveres adolescentes que os assassinos fazem se abraçar. O cadáver nu passado na lama, como seqüência erótica de Paulo Villaça e Maria Lúcia Dahl em **O bom marido**. O corpo feito estátua num brinquedo de lama, brinquedo de fezes. É só ver o filme: a cada instante erotismo, violência e morte se associam. Até com requinte de crueldade: a morte no pau de arara, o sorriso sardônico de Anselmo Vasconcellos, a música de Roberto Carlos, um romantismo infantil que chama por mamãe. André di Biase, sua ingenuidade infantil, seus olhos esbugalhados, envolvido por uma violência praticada e recebida.

> **"Um jovem excepcionalmente bonito estava amarrado nu ao tronco da árvore. Tinha as mãos cruzadas levantadas, e as correias que atavam seus pulsos estavam amarradas à árvore. Não havia outras amarras visíveis, e a única coisa que cobria a nudez do jovem era um grosseiro pano branco, passado frouxamente em torno de seus rins... Esse era Sebastião, jovem capitão da guarda pretoriana. E não seria uma beleza como a dele uma coisa destinada à morte?" Yukio Mishima_ "Confissões de uma máscara"**

Diante disso, o carrasco machão endeusado primariamente. O machão eroticamente primário que não consegue sair de si mesmo. Duas vezes, Mariel encosta uma mulher contra um espelho e transa, não com a mulher, mas com seu reflexo no espelho, e se cumprimenta: "você é o maior". Adoração narcisista de Mariel por si próprio, adoração do filme e de Calmon por Mariel. Essa adoração se condensa no gesto inicial de Maria Lúcia Dahl na sua cena de amor com Valadão: dirige logo boca à braguilha do ator. Na relação sexual entre objetos, este contato é sempre primeiro e sempre mais fácil que se olhar nos olhos. O que se adora em **Eu matei Lúcio Flávio** é a pica do carrasco.

Jogo erótico pessoal de Calmon? Já não seria pouco, quando tão raramente os cineastas deixam passar seus desejos. Jogo erótico pelo qual pode se interessar quem se volta para um erotismo homossexual sado-masoquista? Também. Mas certamente mais que isso. Vivemos numa sociedade que tortura há séculos, nossa vida e nosso poder, quer concordemos ou não, estão em grande parte assentados sobre a tortura e a variedade dos aparelhos de repressão que a praticam. Nós, há bem pouco tempo que tomamos conhecimento da tortura e bem pouco tempo que ela nos escandaliza. Talvez não muito mais de uns quarenta anos. E só nos escandaliza quando praticada contra políticos, e principalmente quando esses políticos somos nós. Só muitíssimo recentemente começamos a tomar conhecimento da tortura que atinge os outros.

> **"Ah, santo, santo por beleza! Sebastião, seu bastião, meu bastião! E cujo corpo fluído as flechas do teu rei jamais mataram. E em cujo corpo, em carne e luz, as flechas só _ mas não teu rei _ regozijaram. Concordo que promove, à vida, gozo e morte. Erosão do sagrado. Hei de me atá-lo. Hei de m'atá-lo." M.D. Magno. Sebastião do Rio de Janeiro.**

O que vem à tona do nosso relacionamento com tortura e torturadores, na imprensa, em livros, em pronunciamentos, em papos, é a nossa rejeição radical. Não pode ser de outra forma. Nem podemos abrir mão disso. E Calmon vem exatamente se chocar com este comportamento. Podemos fazer a pergunta escandalosa: esse repúdio integral será de fato a única relação que mantemos diante dos torturadores? Ou seria isso apenas um aspecto dessa relação, aspecto fortemente construído e racionalizado que não deixa vir à tona um relacionamento bem mais complexo e ambíguo. Repúdio e atração são contraditórios, mas não são incompatíveis. Era apenas para se informar que leitores procuravam antes de mais nada as páginas que noticiavam a violência policial quando os jornais começaram a soltar informações até então proibidas? Sim, se informar, se escandalizar, consolidar o escândalo, sofrer Nunca houve alguma atração pouco controlada nesse dirigir se de imediato a este noticiário policial? Nunca houve alguma volúpia torturada ao ler sobre tortura? Conhecemos e controlamos perfeitamente a nossa relação com a tortura praticada pela sociedade em que vivemos? Não consigo de modo algum responder a estas perguntas. Diria até que tenho medo de esboçar uma resposta que possa dizer que as coisas não são tão claras nem tão simples. Suspeito que a nossa relação com a polícia é bem mais ambígua do que deixamos transparecer, há coisas que precisamos — questão de saudabilidade — afogar. Algumas coisas ameaçando vir à tona, a reação pode ser violenta. Quando Joel de Oliveira leu em público, na livraria Kairós, o poema de que reproduzo aqui um trecho, foi agredido fisicamente. Só porque era "reacionário" ou "fascista", como foi urrado? Ou também porque Joel ameaçava desvendar algo que não era só dele, mas também daqueles que urraram e passaram à violência? Quando Fernando Beléns apresentou **Experiência 1B**, num festival de curta metragem de Salvador, o público não conseguiu discutir o filme. Torturas praticadas contra um periquito alternavam-se com planos de corpos nus lindíssimos. O público desmontou o filme, comentou a metáfora da tortura política e ignorou a relação entre tortura e erotismo. Essas pequenas experiências extremamente sofridas indicam que ainda não fomos até o fundo de nossa relação com a tortura. Qualificar o poema de Joel, **Experiência 1 B** de obras fascistas não resolverá nada. E não haverá uma dimensão erótica nesses painéis de Gastón Ugalde e Roberto Varcarcel apresentados no estande da Bolívia na Bienal de São Paulo? Policiais saudáveis, com capacetes e lábios carnudos, frente a quase adolescentes em êxtase dolorido, o corpo aberto pela tortura e pelo gozo.

> **"Erik amou o carrasco. Desejou amá-lo e sentiu-se, pouco a pouco, envolvido pelas imensas pregas do lendário capote vermelho, onde se encolhia ao mesmo tempo em que tirava do bolso um pedaço de papel e, com gentileza, estendia-o ao carrasco que o pegou para limpar o pau. _ Amo o carrasco e transo com ele, na alvorada" Jean Genêt, "Pompas fúnebres".**

> **"O que irá nascer de meus amores com este carrasco? O que pode nascer disso?" Jean Genêt, "Pompas fúnebres".**

Eu matei Lúcio Flávio trabalha sobre essa eventual dimensão oculta de nossa relação com a violência e a tortura. E Calmon não ficou no meio do caminho, associou-se à própria polícia na realização desse filme. É um filme autenticamente maldito. Não dessas obras que carregam a sua maldição como uma auréola de excentricidade. Maldito porque fala de algo que é absolutamente intolerável, que ameaça a nossa sobrevivência, que ameaça a compreensão que temos de nós e da sociedade, que aponta para a nossa própria destruição. Por isso, **Eu matei Lúcio Flávio** é significativo e importante, repulsivo e fascinante, um filme que não podemos eludir. (**Jean-Claude Bernardet**)

Com a cara e a coragem

Era uma vez um rapaz chamado André, posto pra fora de casa quando o pai descobre que tem um filho bicha, que vai por aí de boca em boca, precisando de se transformar em travesti para sobreviver, passando por três amores que o exploram, mas o conto de fadas não termina sem **happy end** e a boneca atinge o estrelato hollywoodiano no fim. O espetáculo **Terezinha de Jesus**, de Ronaldo Ciambroni (ator que faz o papel-título), atualmente em cartaz no Teatro Aplicado de São Paulo, é isso aí embora seja mais ousado e vá adiante.

Na verdade, trata-se de uma bem-humorada análise da via-crucis de um travesti na São Paulo-aranha, esta cidade inconquistável. Onde a Praça da República e a Avenida São João são apenas exemplos míseros de homens que se trucidam pra escapar do vazio. Há outros, sim, inclusive o Morumbi. E as bonecas do **show** se arriscam, desnudando-se, passando o corte nu e cru da gilete na própria carne. Elas não se envergonham de mostrar a cafonice das roupas de seda e cetim; as lantejoulas, purpurinas e plumas que já estão ultrapassadas; os bofes comumente enrustidos que gostam de sugar as bichas em nome do amor delas, de sua sensibilidade e talento; as frases feitas, os chavões e as respostas na ponta da língua da maldita Melanie (a que anuncia o **show** dentro do **show**).

Está tudo lá, cantando com alegria, sim, mas sem a caricatura tão imposta, com uma posição mais crítica, mais humana, mostrando aos olhos da platéia que os travestis, emplumados e empetecados, são gente também. No elenco estão Roberto Francisco (que ainda é coreógrafo do **show**), José Rosa (muito bem na boneca Samara), Salomé Parísio (a vedete de Teatro de Revista, com seu timbre de voz forte), Vera Mancini (cheia de versatilidade e talento), Washington Augusto, Vanderlei Barbosa, Fábio Ferrigolli e João Prata. As músicas são de Gilda Vanderbrande e Dirceu de Oliveira; cenário de Roci e figurinos de Lu Martan. Vale a pena sair de casa pra ver as bonecas. (**Paulo Emanuel**).

CARTAS NA MESA

Receita de amor

Aos editores do Lampião. Cordiais Saudações. É com imenso prazer que vejo circular este jornal, tratando com muita seriedade e muita dedicação os homossexuais, sua vida e sua luta contra os preconceitos e contra a discriminação social. Para mim é um alento ter o LAMPIÃO porque sinto-me em irmandade com milhares de outras pessoas e vejo muita sinceridade nos depoimentos, nos artigos, nas cartas que lhes são enviadas, enfim, o jornal transpira e transmite segurança e naturalidade, contribuindo para eliminar o tabu sob qual o assunto é geralmente abordado.

Essas qualidades me afetam muito, porque durante quase toda minha vida fui uma pessoa muito insegura, como se o fato de ser homossexual fosse a pior desgraça do mundo. Eu me dividia muito e vivia sempre muito angustiada, até que resolvi procurar uma psicoterapia que tem me ajudado muito. Após tantos anos de sofrimento, já consigo curtir mais a vida, já consegui fazer amigos homossexuais, já não sofro tanto e tenho uma imensa vontade de escrever e de criar coisas.

Tenho um amor há 16 anos com uma cabeça maravilhosa que sempre me amou e me aturou e agora estamos recomeçando nossa vida. Todo meu apoio a vocês que tocam o LAMPIÃO para frente, parabéns, vocês são corajosos e excepcionais. Envio-lhes um pequeno poema que fiz em homenagem ao meu amor e acredito que as lampiônicas irão gostar. Meu abraço afetuoso.

R. Andrade — Rio.

R. — **Ame multíssimo, querida R., que só lhe fará bem. Se seu psicoterapeuta lhe diz isso, fique com ele que é quente. Obrigado pelo apoio e pela carta tão sincera. Seu poema já foi encaminhado ao nosso fero editor de poesia, Glauco Mattoso. Aguarde notícias. Muitos beijos.**

Mais assinantes

Queridos Companheiros! Venho por meio desta parabenizá-los pelo arquivamento do processo contra o nosso querido jornal **Lampião.** Antes de receber o último nº (18), o qual assino, já sabia através do grupo SOMOS, do qual faço parte há cinco meses, que o processo tinha chegado ao fim, ou melhor, foi finalmente arquivado pela falta de informação contra este jornal. Quero agradecer e elogiá-los pela perseverança em continuar a publicá-lo e pela pontualidade deste jornal mensal. E pelo que me consta, parece-me que este mês chegou mais cedo, não? Achó ótima a idéia de publicar no próximo número o nome das personalidades que apoiaram e participaram do nosso abaixo-assinado. Até que enfim acabou a repressão, mas quando aparecer outra, que não acredito, estaremos aqui para batalhar em favor da existência do nosso querido **Lampião.**

Gostei muito das fotos do Ney, que achei sensualíssimas, porém, fiquei chateado por não estar mais descoberto, que seria ótimo! Espero que continuem a publicar fotos assim, pois será um chamariz para lerem este Jornal. Tomando maior liberdade, gostaria de dar um puxãozinho na orelha de vocês pela falha que o jornal está tendo em penetrar no interior de todos os Estados. Digo isto porque cidades como Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Sorocaba, Franca, Araraquara, Catanduva, etc., são cidades de bom porte e estão ansiosas em ter nosso jornal **Lampião** em suas bancas. Porque não fazerem uma campanha no interior? Abraço e beijos daquele que os estima e os apóia.

Vitório César — São Paulo.

R. — **As fotos de rapazes em posição descontraída continuarão a sair no LAMPIÃO, Vitório. Veja a que publicamos neste número, do Zé Rodrix, em situação bastante delicada: não é uma gracinha? Quanto à penetração (cruzes!) do jornal no interior, ficou difícil na medida em que nós fomos boicotados pelas distribuidoras nacionais, e tivemos que formar nossa própria rede distribuidora. É impossível, para nós, ter um representante em cada cidade — seria necessária uma infra-estrtura que não possuímos. Então, aos amigos do jornal como você, pedimos um favor: digam aos seus amigos do interior para assinar LAMPIÃO; nosso departamento de assinaturas é organizadíssimo, nunca falha, e o jornal é enviado aos assinantes antes que ele chegue às bancas. Aliás, nós estamos precisando incrementar nossa campanha de assinaturas; se você nos mandar uma lista de amigos seus do interior, a gente escreve para eles apresentando LAMPIÃO e propondo assinatura. Vamos trabalhar juntos, Vitório?**

Um metalúrgico

Prezados Lampiônicos: — Gostaria através desta de ressaltar o meu orgulho de ser guei e ter como companheiros, pessoas tão inteligentes, como vocês, que devem estar saturados de tantos elogios, mas é isso aí. Vários motivos fizeram com que eu escrevesse esta carta; um deles: há aproximadamente dois meses que tento entrar em contato com o Grupo Somos, daqui de São Paulo e não obtenho resposta (culpa do correio ou negligência deles). Queria que vocês entrassem como intermediários, e me enviassem o endereço do Grupo, ou vice-versa. Outro motivo: sobre o polêmico assunto "Existe homossexual na classe Operária?" Eu afirmo que sim, pois até o final do ano passado fui um operário do pão "Lula", e conheço uns 20 homossexuais que trabalham na Volkswagen no setor de produção é que são sindicalizados e assumidos. Estou contando só os da Volks. Tem na Ford, na Mercedes... Como prova de que não estou mentindo, segue junto xerox da minha carteira do Sindicato. Sem mais agradeço, desejando mil felicidades. Viva o movimento guei.

Josué de Souza — São Paulo.

R. — **Você foi unanimemente considerado "uma graça" pelas pessoas que viram sua carteira do sindicato aqui na redação, Josué. Mas o que fez sucesso mesmo foi a assinatura de Luiz Inácio da Silva, o Lula, na linha reservada ao "presidente": ai! A letra dele é tão grossa, tão firme, tão... Uhm! Quanto ao grupo Somos/SP, estamos mandando para eles o seu endereço; aguarde, dentro em breve, um perfumado cartão (odor lavanda) convidando-o para uma reunião num local qualquer da Grande São Paulo.**

Jornal e jornal

Só um recado: um certo jornalzinho daqui de São Paulo diz numa pequena nota que **Lampião** se apagou! (Estão Boas?) Mas nem morto, queridinhas, nem morto o **Lampião** se apagará! Vocês estão é despeitadas, por que prá chegar onde o **Lampião** está, vocês ainda têm que rastejar muito! Se vocês não têm em sua redação um espelhinho, façam uma campanha junto a seus (argh!) leitores e comprem um, para que vocês se enxerguem. Aproveitem e guardem esta solidariedade hipócrita para vocês mesmos, tá? Benzinhos, as grandes diferenças que existem entre vocês e o **Lampião** são as seguintes: 1ª: **Lampião**, chuchus, é luta de classe não luta de bolsos! 2ª: **Lampião**, é coisa muito séria, não é só fricotes e mais gritinhos histéricos. Meninos, criem juízo; cresçam e apareçam. E o recado é o seguinte: Se vocês continuarem a encher o "saco" do **Lampião**, vou na redação de vocês e apronto aquele auê! Cuidado com a minha baiana! Me aguardem!

Juca — São Paulo.

R. — **Mas de que jornalzinho você está falando, Juquinha querido? Seria o Jornal do Gay? Acho que houve um mal-entendido; naquela notinha a nosso respeito, o editor do simpático hebdomadário paulista na verdade estava nos convidando para escrever no JG. Convite que, infelizmente, não podemos aceitar, pois, além do LAMPIÃO, batalhamos também regularmente na grande imprensa, e por isso quase não nos sobra tempo. Não fique zangado com o Jornal do Gay, Juquinha. A gente aqui não perde um único número e só lamenta que ele saia tão raramente; afinal, o Jornal do Gay foi lançado antes do LAMPIÃO; atualmente, ele ainda está no nº 5, e nós já estamos no nº 19; para cada quatro números nossos sai um deles: não é uma pena?**

Recado a Gabeira

Recado para Gabeira: amei você! E tuas palavras me chegaram no momento exato. Estava com a cabeça em "curto circuito", não sabendo me situar dentro da confusa reorganização do movimento estudantil, onde tomar uma caipirinha é alienação. Até então não era possível juntar Marx e Gil, ou mesmo ler "Meu Amigo (?)" na frente da televisão em plena novela das oito. Parece que nós estudantes não percebemos que o carrossel já deu uma volta completa. Era difícil entender por que uma tendência que tem no homem o objetivo principal despreza tanto a própria natureza humana. Os problemas particulares (que não são tão particulares assim, pois quase todo o mundo tem os mesmos grilos) foram sempre colocados como preocupações mesquinhas, opostas aos anseios de justiça e igualdade social. Mas o homem não deixou de sentir e ainda é bom dar uma risada boba, pensar em nada, fazer amor. Pode ser "romântico demais", mas acredito sinceramente que é preciso antes de mais nada uma revolução pessoal dentro de cada um, para depois chegarmos naquele estágio superior que nossos companheiros tentaram alcançar aos tropeções como nos mostra a história. Um abraço.

Celina L. W.
Ilha do Fundão — Rio.

Beijos proibidos

Alô pessoal; sendo um leitor do seu jornal e vendo nele um órgão de divulgação e defesa do comportamento homossexual, venho fazer, através, de vocês, um protesto quanto à forma repressiva e até mesmo fascista, num certo sentido, ao tratamento dispensado aos freqüentadores do Sótão. Outro dia fui repreendido pelo simples fato de ter trocado um beijo naquele local. Seria até um certo ponto válido, se eu o estivesse fazendo de uma forma escandalosa (palavrinha dúbia), mas era um beijo normal que as pessoas normalmente trocam, seja por amor, carinho ou até mesmo sacanagem. O certo é que entendo ser o Sótão um lugar onde a maioria predominante é de gueis; no entanto tenho observado que ultimamente há uma espécie de policiamento em relação ao comportamento dos freqüentadores. E se o garçom, um SS delicado, nota que dois homens se beijam, dá-se logo um jeito de avisar aos violadores da lei da "boa moral e costumes idem".

Que diabo de lugar é esse onde as pessoas não desfrutam de um mínimo de liberdade dentro do território criado para elas e são desrespeitadas na sua forma de ser? Que diabo de lugar é esse onde o beijo trocado entre dois homens pode escandalizar a bem comportada clientela? Aí eu torno a perguntar: escandalizar quem? Fica aqui o meu protesto e espero alguma coisa de vocês a respeito. Que tal uma matéria sobre a adoção de medidas moralistas pequeno-burguesas no meio guei? Beijos a todos. Obs.: Vamos tentar conscientizar esse pessoal, que se diz guei, da potencialidade que eles têm em se impor como pessoas humanas. Chega de aceitar repressões e bancar a bichinha bem comportada e engraçadinha diante dos "pretensos burgueses' da "boa moral".

João Batista — Rio.

R. — **Vamos cobrar do pessoal do Sótão, João Batista. Que história é essa de proibir que as pessoas se beijem? A troca de beijos entre homens, mesmo que não sejam gueis, é uma coisa que está se tornando cada vez mais comum, é sinal de camaradagem, de amizade. Não se justifica, portanto, que alguém fique escandalizado com isso num ambiente essencialmente guei como é aquela discoteca. Vá ver que o garçom é um enrustido...**

Bê-agá aflita

Aos Lampiônicos. Esta é a 3ª vez que escrevo e acabo rasgando a carta. Esperei **Lampião** no início do mês passado e não apareceu. De início pensei que o DOPS tinha capado vocês todos. Mas depois me lembrei da greve e associei uma coisa com a outra. Puxa, levei um susto! Olha, o que eu quero lhes dizer é que estou com vocês no mesmo barco, na mesma procura. Tenho esperanças (quase certeza) de que esse processo dará em nada e que Lampião sairá ileso. Se é que já não saiu, né? Estou tão desinformado. Aqui em BH, um acontecimento tristíssimo. A melhor boate guei pegou fogo. Caiu até o teto. Meu Deus! Era a boate que eu mais gostava! Agora, nós estamos aqui, quase sem nada. Sem La Rue e sem **Lampião** a vida fica mais difícil.

Tenho feito o impossível por vocês. Falo de **Lampião** com todos. Já encontrei entendidos que nem sequer o conhecem. No próximo mês vou a Governador Valadares e aproveitarei a chance para mostrar a alguns entendidos o trabalho de vocês (para isso estou deixando meu cabelo crescer. É uma boa desculpa para visitar umas amigas cabeleireiras que conheci por lá, quando morava nesta cidade). Tenho também vários exemplares que deixarei com eles (elas). Pra finalizar, quero lhes contar só mais uma coisa: amo e preciso de vocês e não falo só por mim, mas por todos aqui. Este é o principal motivo desta cartinha. É dar a vocês um apoio de coração. Um abraço e um beijo para todos. Boa sorte também.

Sérgio O. S. — Belo Horizonte.

R. — **Ih, Serginho, o processo já foi devidamente arquivado sob as bênçãos de Kafka. O Lampa chega um pouquinho atrasado, mas sempre chega. O problema é que os jornaleiros de BH quase não o expõem, você tem que pedir; faz assim uma voz bem grossa, diz pra eles: "Me dá aí o LAMPIÃO, oh, xará". Faça propaganda do jornal, sim, que a gente precisa. Diga às meninas de Governador Valadares que se elas quiserem ler o jornal regularmente, basta fazer uma assinatura. Para isso, as instruções estão na página 19. Beijo pra você também.**

SALVEMOS A AMAZÔNIA

CARTAS NA MESA

Cadê a turma?

Querido Amigo Lampião: Escrevo esta porque estou me sentindo muito só. Não importa se choveu e se agora está fazendo sol, se o que sinto é tempestade. Estou com vontade de escrever, talvez assim eu me sinta melhor. Desde que conheci esse jornal tem sido uma ansiedade esperar pelo próximo número. De ver o carinho e a seriedade que vocês tratam todos os problemas. De ler as cartas, de saber que não sou só eu. Vivo praticamente em casa, com meu violão, discos, livros e a televisão. Se não fosse a faculdade, não sei se suportaria essa solidão. Às vezes chego a sentir que solidão é o meu feminino singular e que vai ser sempre assim. Fico pensando como é que posso ser e estar tão só numa cidade como esta.

Numa noite de sábado como esta resolvi conhecer o Pizzaiolo, mas me assustei com o gueto. Pois não tive um momento de sossego. Companhia e que não me falta, transas também. Mas eu não quero, nunca quis. Não saberia apenas transar por transar. Então porque essa angustia? Um amigo me chamou pra morar com ele. Antes, uma amiga havia me chamado pra morar com ela. Não aceitei nenhum dos dois casos. Além deles não saberem nada de mim, nunca contei nada a ninguém. Talvez por isso, hoje eu esteja precisando de uma amiga pra desabafar.

Sou tímida, sensível e muito romântica pra aceitar apenas uma transa. Gostaria de me sentir conquistada, amada, não apenas desejada. Mas o pior de tudo é que o pessoal à minha volta vive forçando a barra pra que eu namore um outro amigo comum; ficam preocupados porque eu estou sempre só e se não bastasse, o pessoal aqui de casa vive perguntando quando vou arranjar um namorado. Eles não sabem que eu amei foi uma ilusão (nunca disse a ela) e que tenho medo de um amor platônico outra vez.

É um sufoco, sabe? Tenho vontade de largar tudo e sumir. Mas sei que não vale a pena, não tenho condições financeiras pra assumir meus atos e ser dona de meu nariz. Enquanto isso estou estudando, pra ter uma profissão. E vou armazenando forças, tomando conhecimento através de vocês, que são realmente uns amores. Meus queridos não deixem que nenhuma força cale as nossas vozes através desse jornal. Sabe, já estou me sentindo melhor e por isso morrendo de vergonha, por contar o que sinto, chego a me sentir individualista, mas só desse jeito é que eu poderia desabafar esse meu enrustimento, essa timidez, essa vergonha de tudo. Termino aqui com um beijão em todos vocês e ansiando pelo próximo mês.'

Penny — Rio.

R. — **Escuta, Penny, nós aqui do LAMPIÃO temos evitado dar conselhos às pessoas. De qualquer modo, você não os pede, por isso a gente pode conversar numa boa. Parece que você é muito tímida, isto sim: por que você não trata de arranjar amizades nos meios gueis, já que, como diz, "é muito romântica pra aceitar apenas uma transa"? O grande amor certamente vai pintar — ele sempre chega pra todo o mundo, não é? Aí, sim, você poderá se entregar. Mas não se isole enquanto ele não vier; trate de fazer amigos. Por que não entra em contato com o pessoal do Grupo de Atuação e Afirmação Gay (Caixa Postal 135, CEP 25000, Duque de Caxias, RJ)? A maioria no grupo é de mulheres. Procure a sua turma, que você vai se dar bem. E muitos beijos.**

Fruto gostoso

Tudo bem, pessoal do Lampião? Vocês estão de parabéns pelo movimento de conscientização que estão encabeçando e, lógico, pelo Lampião. Precisa de muito peito e muita raça, coisas que ainda não tenho por culpa da (...) dessa sociedade. Se levanto a bandeira, perco o emprego e a família: olha eu tendo que fazer mixês por aí... Como se eu tivesse físico e beleza para tal... Se a nossa civilização ocidental condena o homo, é por culpa quase que exclusiva dessas bichas enrustidas que não querem saber de mulher e usam saia preta por aí.

Falando sério, o clero é o único responsável pela dose de culpa que jogam em nossas costas. Literalmente eu tremo nas bases quando eu lembro disto. Portanto, salve Aguinaldo Silva com "Testamento..." e salve Gide. Existe uma frase de um pensador baiano (hetero) nascido no século passado (1883) e falecido em 1963: "A humanidade sofre porque fez do Amor um pecado e do Trabalho um sacrifício". O fruto da Árvore do Bem e do Mal não tinha a ver com sexo, penso eu. Há outra, também, do mesmo: "Quanto mais pesado fizeres o mundo, mais ele pesará sobre vós..." Taí, haja costas para esses (falsos) defensores da moral e dos bons costumes.

Sugestões para abordagem em Lampião: 1 — O clero e o Homo. 2 — A Amizade entre homos. A respeito da 2ª, parece que amizade sincera entre os homos anda meio difícil. Salvo raríssimas exceções. Parace que há sempre uma disputa tácita, secreta, entre os amigos homos. Entre um amigo certo e uma transa incerta, lá se vai o amigo... Bem, é só isso. Um abração a todos e... "FORÇA TOTAL!!!, porque ele está do nosso lado. PS: Parabéns a Helena (Darlene Glória), Brandão. Apesar de não concordar com ela, tem uma posição definida (certa ou errada, mas tem) assim como nós temos a nossa e a defendemos acima de tudo. É... a questão é que eu tenho uma grande simpatia por ela. Será que é por causa de sua semelhança com o garoto que estou curtindo? Droga, ele é de Londrina... Tão longe!!! Estes feriados no Rio são incríveis!... Mas tudo bem, talvez ele se mude p/o Rio em março. Tomara! Irmãos Abraços.

Carlos — Rio.

R. — **Escuta aqui, Carlos, há cleros e cleros. O nosso clero é o de d. Helder, de d. Casaldáliga, de d. Arns, entende? Nada a ver com o bispo de Campos, Rio de Janeiro, que é uma espécie de Lefebvre dos canaviais, a ulular insistentemente contra o que ele chama de pecado, e que __ a gente sabe __ não tem nada a ver com o Sul do Equador. Agora não fica bem é você misturar alhos com bugalhos, ou vice-versa: "Testamento de Jônatas Deixado a Davi" quem escreveu foi João Silvério Trevisan; Aguinaldo Silva escreveu "Redenção para Job", outra interpretação livre de coisas bíblicas. Suas sugestões foram encaminhadas ao nosso chefe de reportagem. Ele é um sueco que era encucado demais pra aparecer nos filmes de Ingmar Bergman, e por isso teve que se mandar pro Brasil. Já viu, né? Que Deus está do nosso lado, a gente sabe: tanto que o processo contra o LAMPIÃO, aberto por ordem do Dr. Silvana (digo, Dr. Falcão) foi devidamente arquivado. Darlene Glória é ótima, de qualquer jeito. Seu namorado é de Londrina? Console-se Rafaela Mambaba tem um que mora em Camaguey, Cuba.**

Viva D. Helder

Queridos Lampiônicos: Tomei a iniciativa de vos escrever, mais uma vez, já que da primeira, pedi o livro "Testamento de Jonatas, deixado a Davi", e, não recebi. Mas tudo bem, agora o motivo é outro. É que um hipócrita falou mal de bispos católicos, neste nosso "jornalzinho" querido; e não dá para ficar omisso. Trata-se de sua "santidade" o marido de H. Brandão. Quando interpelado por Rosário sobre Casaldáliga ou Balduino, ele afirmou: "O clero está tomando um a posição de esquerda, muito mais por conveniência" (isto sem citar o querido Hélder Câmara, ele teria se atacado mais do que com a barata). Interrogado sobre a fome material, contestou: "Isto é problema político, a Igreja não tem nada a ver com isso".

Felizmente ele parou aí, do contrário as aberrações iriam doer ainda mais. Por acaso o celebérrimo Dr. da Lei conhece a Bíblia? Pois lá está escrito, no Dia Final Cristo dirá: "Em verdade vos digo: todas as vezes que deres de comer, beber ou vestir aos meus irmãos pequeninos, foi a Mim que o fizestes". (Mateus, 25.40). E vejam mais isto: "Se a um irmão ou irmã faltarem roupas ou alimento cotidiano e dissermos: ide em paz e não lhe dermos o necessário para o corpo, nada fizemos, pois a fé sem as boas obras é morta em si mesma". (S. Tiago: 2,14.17).

Ora, queridos irmãos evangélicos, especialmente o Marcos, creio que já é hora de ser honesto face ao trabalho da Igreja Católica feito em prol dos mais pobres dentre os pobres; pois, pessoas como H. Câmara e Tereza de Calcutá têm feito pelos desgraçados pobres o que muita gente já salva, nada fez. Creio que no dizer do Cristo eles estão vivendo a palavra plenamente: mas do que gritar glórias e aleluias, é dar de comer a quem tem fome. Não podemos esquecer que um terço da humanidade passa fome; é isto a vontade de Deus? E vejam, estou defendendo os dois santos vivos já citados por amor à verdade, pois, como entendido autêntico, sou também administrador e pretendo chegar ao sacerdócio; vocês não acham uma boa? Seria interessante se nosso querido Marcos desse uma lida na "Questão homossexual" do padre Marc Orezon. Ele precisa tanto...

A.C.B. — Recife.

R. — **Por pouco você não acerta no Prêmio Nobel da Paz, Azinho; deram ele pra Irmã Teresa de Calcutá, só pra não premiar o nosso queridíssimo d. Helder. O marido da Darlene Glória tentou disfarçar, mas não deu: ele é desses que acham que todo o mal do mundo é o esquerdismo, uma coisa velha paca, mas que ainda funciona — é assim que a direita mantém seus privilégios. Quanto a você chegar ao sacerdócio, se é bom pra você, também é bom pra nós, desde que você se mantenha nas posições que agora defende.**

O AMOR GREGO

Aguinaldo Silva

O texto escolhido para fechar o LAMPIÃO/19 é um excerto de O Amor Grego, **novela de Aguinaldo Silva incluída no livro** Histórias de Amor, **que a Esquina Editora lançará no mês de maio, durante as festas do segundo aniversário do jornal. Além do texto de Aguinaldo fazem parte do livro as novelas** Os Sete Estágios da Agonia, **de João Silvério Trevisan;** A Desforra, **de Gasparino Damata; e** Meu Amante, o Ser Voador **de Darcy Penteado.**

(2) A ordem, mesmo na zona do Recife, é imutável. Depois da sexta-feira santa vem sempre um sábado, e o sábado é para nós o dia de ganhar mais dinheiro. Além dos gregos do *Achya Marina* havia japoneses, noruegueses e libaneses no cais, e isso garantiria o nosso faturamento. Naquela noite eu poderia voltar triunfante ao palco do *Chantecler,* esperando apenas ver, numa das mesas — os olhos verdes, o lenço roxo, os braços dourados —, Cristo, aquela incrível áurea que o cercava, e ante a qual a minha voz se estilhaçaria em mil cintilantes pedaços de cristal.

Cantar no cabaré *Chatecler*, para alguém menos preparado, não era exatamente uma glória — havia sempre alguém a quem minha presença desagradava. Se fosse uma mulher, eu poderia reduzi-la a pó com um simples olhar. Mas se fosse um homem, um noruega por exemplo, um daqueles incríveis e louros bêbedos, capazes de destroçar em segundos um ser humano com suas enormes mãos, tinha que me comportar exatamente como uma pùta, revirar os olhos e apreciar, com estalos de dedos e remexer de quadris, as imperdoáveis (e incompreensíveis) ofensas que ele me lançava. Os japoneses do *Toshio Maru* eram igualmente perigosos, e, quando não me apreciavam, podia sentir no ar o silêncio que faziam, e percebia claramente aquele silêncio crescer, pesar, transformar-se num bloco de pedra negra que de repente, com um grito terrível, ele podia lançar contra a minha pessoa trêmula de medo.

Mas as noites de terror podiam ser, igualmente, noites de glória, e naquele sábado eu sabia que viveria uma delas. Era quando, por algum estranho desígnio, todos os marinheiros lembravam a mesma figura incolor e inexistente para quem, alguma vez e inutilmente, tinham cantado *El dia en que me quieras.* E então, em lágrimas e aos gritos, me aplaudiam de pé, e eu tinha que repetir o número, uma, duas vezes, até desaparecer por trás da cortina de contas que fazia a vez de camarim, um cílio postiço já ameaçando cair, descolado pelo suor.

Quando a voz de Manolo, o espanhol magro e de nariz afilado de tanto cheirar pó, anunciou *la cantante de fama internacional,* e a luz dourada derramou-se como uma cascata sobre mim, eu já o vira. Cristo Xantopoulos estava na primeira mesa do lado esquerdo, com o mesmo companheiro e as duas mulheres do dia anterior. No pescoço, o lenço roxo era sua marca. E nos olhos eu vi, pela primeira vez refletida, a minha figura, prestes a morrer afogada num mar esverdeado.

No *Chantecler,* naquela noite, não houve mais ninguém além dele. E a ele eu dirigi minha voz, tão cheia de emoção e sentimento que todos — noruegas, japoneses, libaneses, a certa altura estavam claramente à beira do choro. *La noche en que me* quieras, eu sussurrava, e a mensagem ia direta ao seu cérebro, resvalava em seu coração impenetrável. Havia um momento, na canção, em que o pianista dedilhava meio ao acaso enquanto eu declamava E não é preciso dizer a quem, ainda aí, me dirigi. E o fiz tão de perto, tão declaradamente próximo ao seu corpo que essa altura me parecia uma arma mortífera, que a mulher a quem ele segurava distraidamente um dos braços murmurou, sibilina — gamou pelo meu grego, hem, Lina? (Ah, porque é preciso que o diga: meu nome artístico é Lina Lee, sendo Antônio Cavalcanti de Barros o de batismo). E voltando-se para ele decretou sua própria perdição (e como eu ansiava por ela): disse-lhe, no seu grego dos banheiros públicos de Atenas, que eu o desejava.

Os olhos de Cristo lançaram duas labaredas em minha direção, e eu senti meu vestido prateado desfazer-se em pó. E foi com a voz trêmula que retomei o fio perdido da canção, eu, a artista subitamente despida graças àqueles olhos de fogo. Ele me avaliou rápido, da peruca *platinum-blonde* aos sapatos de salto de acrílico — e que desgraça, seus olhos sequer se detiveram sobre meus seios que arfavam, entumescidos pelas cinquenta miligramas diárias de Lindiol. Não ouvi os aplausos, os gritos histéricos dos noruegas bêbedos, nem o chilrear dos japoneses. Sequer sorri para o libanês que, ninguém sabe de onde, me atirou uma rosa vermelha e meio murcha. Retirei-me do palco ignorando os pedidos de bis e precipitei-me camarim a dentro, ávida por retirar os paramentos usados naquela cerimônia fúnebre — eu já não estava tãos certo da vitória.

Meia hora depois, uma blusinha leve, uma calça que bem poderia ser de homem, e os cílios postiços dos quais não me desfaria antes de dormir (a maquilagem, mais discreta, ainda cobria o meu rosto), recebi de Manolo os duzentos contos — o preço da minha canção —, e saí pela escadinha que levava à rua escura dos fundos.

E, meu Deus, ele estava lá. Um cigarro no canto da boca, os olhos semicerrados — o verde brilhante, como finas adagas —, certamente me esperava, Cristo. Tentei passar por ele, mas uma mão quente me barrou a passagem. Estremeci ao sentir seu toque no braço, quase gritei de dor — ele queimava —, tentei me desvencilhar: inútil. Ele falou (e sua voz era como eu imaginava, era aquela que eu procurara em vão em todos os homens com quem já dormira):

— Primeiro, você ganha dinheiro de noruegas, japoneses, muito dinheiro. Depois, me dá o dinheiro. Eu vou para a cama com você.

Sua frase escorregou em minha direção como água suja, e eu desviei vivamente o rosto para que ela não me enlameasse. No instante seguinte, agitei no ar um leque imaginário cujas plumas fizeram um estranho e perfumado ruído antes que eu, ainda vivamente, o fechasse com um estalo. Ele acompanhou o gesto e certamente entendeu que eu era uma dama. E foi para deixá-lo ainda mais certo disso que completei o gesto desfechando no seu rosto uma violenta bofetada.

Não esperei para ver a expressão dos seus olhos. Precipitei-me pela rua escura, mas apenas com o passo apressado, sem correr — pois sabia, se o fizesse, ele me alcançaria rápido e me estrangularia. Caminhei uma quadra, e a rua se tornara ainda mais escura quando ele me alcançou, empurrando-me em direção a duas cadeiras de engraxate que, coladas à parede, formavam uma espécie de nicho. Encostado à parede, o peito arfante, vi diante de mim Cristo Xantopoulos, aquele que seria meu algoz, o que eu elegera, e percebi claramente que, se havia instantes decisivos, na vida de uma bicha, aquele era um dos meus (mas, se ele me matasse, digo tranqüila: nunca uma vida teria sido tão bem desperdiçada). Aquele homem belo e enorme aproximou-se de mim vorazmente, e eu fechei os olhos mas abri-os logo depois quando senti sua boca quente contra a minha, e seus lábios mordendo os meus até que o gosto de sangue ultrapassou a barreira dos nossos dentes. Havia as bocas e havia nossos corpos colados um ao outro, e quantos intermináveis segundos aquilo durou, nunca poderei precisar. Sei apenas que, quando afinal o silêncio me despertou, eu estava só, ainda encostado à parece, as pernas trêmulas, as mãos a segurar a alça estraçalhada de minha blusa, os lábios doloridos. Com a outra mão, rocei de leve os lábios e percebi que havia sangue. E ali fiquei, antes que os ruídos distantes aos poucos se aproximassem de mim e me trouxessem de volta à vida. E só então ousei dar dois passos indecisos e me por lentamente sob a luz da lua, e levantar o rosto e olhar os sobrados, suas torres mortiças. E dentro de mim havia claro, definido, aquele fatal sentimento: eu já o amava, e ele sabia que seria meu.